

MILITIA

ANO VI — N.º 36

MAIO - 1953



JOÃO RAMALHO

FUNDADOR
DE
SANTO ANDRÉ
DA
BORDA DO CAMPO
PATRIARCA
DOS
BANDEIRANTES
SIMBOLO DA RAÇA
ORGULHO DE SUA
GLORIA DE DUAS PATRIAS

HOMENAGEM
DA
COLONIA PORTUGUESA

1553

1953



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	94
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
O século da mudança social - Cleusa F. Velloso	6
O Passado - cap. Plínio D. Monteiro	10
O Prestígio da Farda - Tenório de Brito	12
Coisas da Fôrça Pública - cel. Anchieta Torres	14
"Eu Sou o Prêso..." - 2.º ten. Evandro Martins	16
Comentando - Hildebrando Chagas	19
Um Exemplo	20
Minhas Poesias - Sônia de A. Marsella	25
Moinhos de Vento - cap. Sérvio R. Caldas	26
O Serviço e a Função no Conceito de Crime Militar - Agnello Camargo Penteado	28
Impressões de uma rápida visita - cap. Francisco A. Bianco Jr.	30
O Guardião do Litoral Sul - cap. Ari J. Mercadante	32
Polícia é Coisa Séria - Marcelino de Carvalho	34
Dia das Mães - cabo Kinw Ananias do Nascimento	35
Tiradentes - al. of. Oldemar Pereira	36
Secção Feminina - Rita de Cássia	38
NOTICIARIO	
Oficiais do Corpo de Bombeiros em missão no estrangeiro	45
Notícias do 8.º B.C.	46
Congresso das Polícias Militares - Entrevista do cap. Monte Serrat Filho	43
Descentralização do Corpo de Bombeiros	50
IV Centenário de Santo André	52
Cruz Azul de São Paulo	54
Visita ao Parque Aeronáutico	58
Conferência	59
Dia das Polícias Cíveis e Militares	60
Caixa Beneficente da Fôrça Pública	62
Miliciano Exemplar	66
Nova Turma de Paraquedistas	68
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Amazonas	70
Distrito Federal	71
Mato Grosso	73
Minas Gerais	76
Pará — Paraíba e Rio Grande do Norte	78
Rio Grande do Sul	79
Santa Catarina e Sergipe	81
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Amparo à Educação Física - cap. Francisco A. Bianco Jr.	82
Engalanado o Esporte na Fôrça Pública	84
Um Estreante - cap. Plínio D. Monteiro	86
A Escola de Educação Física na Festa da Maçã	88
Prova Fuzil de Guerra	90
RECREAÇÃO	
Secção de Édipo	91

José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



Enq. Telegráfico «SILVIUS»

CAIXA POSTAL, 445

TEL. 43-28-95 (REDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FÔRÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

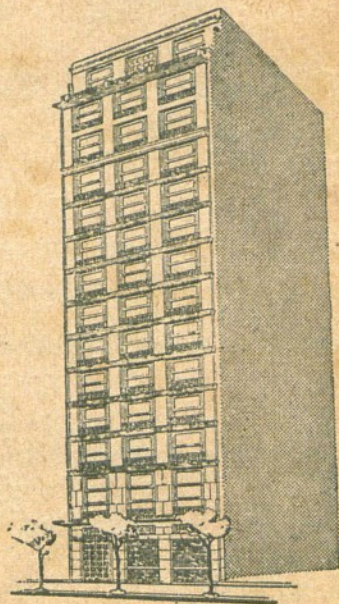
Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —

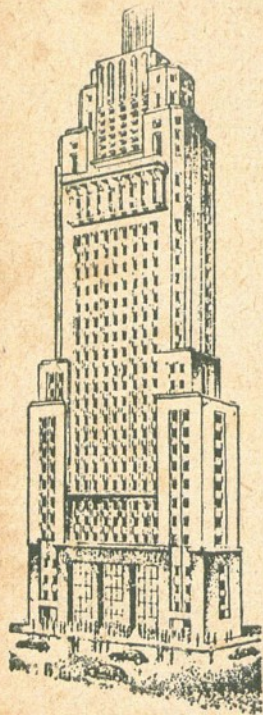
En. Telegráfico, "SILVIUS"

Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RÁPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Nas fraldas da Mantiqueira, banhado pelas águas do lendário Paraíba, se levanta, imponente e grandioso, um relicário de civismo, forja de patriotas impolutos.

É a Academia Militar das Agulhas Negras, cujo escopo e realizações hoje se comparam à majestade dos feitos de Caxias.

Celeiro para a garantia da integridade e soberania nacionais, oferece à Pátria, como penhor dessa assertiva, valioso acervo de exemplos dignificantes.

Criada por D. João VI, em 1811, com sede no atual Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, funcionou, sucessivamente na Escola Central e na Praia Vermelha, até instalar-se, definitivamente, em 1944, nas magníficas instalações de Agulhas Negras, face ao pico de Itatiáia — dois pontos altos da Pátria.

São opimos frutos da excelsa escola os Argollo, os Vilafran Cabrita, os Benjamin Constant, os Floriano e tantos outros vultos cuja história se confunde com os destinos nacionais.

As reflexões acima vêm a propósito do transcurso, a 23 de abril último, do 142.º aniversário do esplêndido estabelecimento de ensino, a que Bilac não regatearia magníficos versos de brasilidade.

"Milítia", associando-se ao júbilo e entusiasmo cívico da valorosa mocidade das Agulhas Negras, cumprimenta cada um dos cadetes e homenageia, reverentemente, aqueles que, tombados em defesa da Pátria, se postaram, para sempre, no coração e nas gloriosas tradições da Academia.

O SÉCULO DA MUDANÇA SOCIAL

CLEUSA F. VELOSO

Prof. de Sociologia Educacional, da Escola
Normal e Ginásio Estadual de Jacaró,
Estado de São Paulo

DESDE os dias da polis grega e do início da Idade Média, foi talvez o século XVII, o mais significativo em conseguir unidade interna, ao lado de um vultoso impulso no domínio do pensamento, das idéias e dos empreendimentos.

O Humanismo, a Reforma Protestante, o Renascimento, haviam destruído o fundamento da unidade medieval, legando ao século XVII, a tarefa de reorganizar, completar as estruturas fundamentais do mundo novo; o trabalho deveria compreender uma revisão nos conceitos clássicos da teoria política, das ciências, das relações jurídicas, da economia, do conceito do homem, estudados a partir da base das idéias diretoras, uniformes, moldadas na unidade nova.

Na Europa ocidental, regiões econômicas medievais uniam-se em unidades econômicas maiores — os estados poderosos e absolutos — como França, Espanha, Holanda, Portugal, Inglaterra; desta nova situação, surgiu a burguesia, em apóio aos que representavam o poder dos Estados, contra a ação arbitrária dos senhores feudais, remanescentes da Idade Média.

Com o aumento do poder político, logicamente surgiu uma maior concentração de riqueza e o processo de descentralização medieval, foi substituído pela administração profissional da política mercantilista.

«O dinheiro é o nervo do estado», pregava Bodin.

«O ouro e a prata são dois grandes e fiéis amigos; aquele que em primeiro lugar disse que o dinheiro era o nervo da guerra não mentiu, pois si êle não é o único, a experiência de muitos séculos nos mostra que foi sempre o principal; o ouro é incomparavelmente mais poderoso que o ferro; é por isso que os estados devem procurar, na medida do possível, consegui-lo» — são as palavras de Moncrétien; ainda em suas obras se encontram:... «a riqueza de um país e a quantidade de metal precioso que possui, são expressões de um mesmo fenômeno; ouro e prata, suprem as necessidades de todos os homens...».

Sapion de Grammt, escreve: «O dinheiro é um verdadeiro Proteu, que se transforma em tudo que quer; tudo pertencerá à nação que o tiver».

O espetáculo da Espanha, nos fins do século XVI, é característico; sua prosperidade é esplendorosa, pois importando e possuindo o mais considerável estoque de ouro e prata, colocou Carlos V e Felipe II, na iminência de conquistar o mundo.

A Holanda tem em Amsterdam, o centro das transações européias da Companhia das Índias Ocidentais (1621). A burguesia holandesa, que não tolerava as disputas religiosas que perturbavam o progresso político e econômico de outros países, recebia reforços constantes dos hu-

guenotes fugidos de França, em face da revogação do Édito de Nantés. A agricultura, embora se conservasse tradicionalista, acompanhava as novas formas econômicas que se desenvolviam nas unidades econômicas medievais.

Grocio e Spinoza deram as expressões gráficas dos tipos sociológicos, dos fundamentos espirituais e tradicionais, além de democratas, do Estado Holandês, comparando-os a uma onda humanitária que vinha dos princípios sociais e altruistas do homem, como uma repulsa vigorosa à doutrina posterior de Hobbes.

Tal foi a inspiração do sistema do direito das Nações de Grocio, no «De jure belli ac pacis» (1625).

No «Tratado Teológico Político», Spinoza transmite às gerações futuras, a situação histórica da sociedade da Holanda, suas idéias morais e legais que levariam paz às nações.

A Inglaterra que se havia retirado vitoriosa da guerra com a Holanda, com a subida de Guilherme de Orange ao trono, iniciou-se em nação burguesa acomodada, que administrava com prudência as suas possessões de ultra-mar.

As forças da mudança social, características do século XVII, encontram sua clássica expressão na Inglaterra. Os poderes absolutos do trono, conseguidos com auxílio da alta burguesia da primeira época do capitalismo, preocupam-se com problemas de expansão da frota mercante inglesa, de estímulo à produção agrícola interna, mediante as medidas econômicas do Banco da Inglaterra... (1694).

Nesta mesma época a política mercantilista de Colbert procurava fazer de França o país europeu mais

industrializado, fornecendo-lhe os meios financeiros necessários para a política de engrandecimento de Luiz XIV.

Estimulando a agricultura, promovendo melhorias nos meios de comunicação, moderando os impostos, suprimindo inúmeros privilégios feudais, concentrando sua administração no incremento do comércio e indústrias, Colbert, mesmo sem lograr alcançar a unificação aduaneira de França, consegue uniformidade legal em 1673.

Os esforços do terceiro estado, para abolir os monopólios, privilégios das classes nobres, foram vão. A revogação do Édito de Nantes (1685) e o conseqüente êxodo de capital para a Holanda, Inglaterra e Brandenburgo, estimulando, pois, estas indústrias em detrimento da francesa, legaram para França, apesar do trabalho do ministro do Rei-Sol, com uma herança de dívidas, o início da ruína material da dinastia dos Bourbons.

A Alemanha do século XVII, em contraste com os grandes poderes absolutos da Europa Ocidental, estava dividida em inúmeros territórios dinásticos, seriamente enfraquecidos depois da Guerra dos Trinta Anos; como tal, apenas dois dos estados orientais alemães, a Prússia e Áustria, puderam seguir uma política econômica que estivesse de acôrdo e harmonia com o espírito da época.

A política econômica do mercantilismo, desenvolvida pelas nações européias, neste século, com o objetivo permanente de alcançar uma balança de comércio favorável, a idéia metalista da associação entre ouro e riqueza, a idéia fixa da riqueza metálica, foram a alma dos séculos XVII e XVIII.

No domínio das idéias, firmou-se vigorosamente a noção da Economia Nacional, baseada na unidade e solidariedade nacional, mostrando a vantagem e necessidade de valorizar todos os recursos da nação — materiais humanos — sob o controle e direção do Estado.

No domínio dos fatos, criando, aplicando e desenvolvendo essa Economia Nacional, que tinha concebido, o mercantilismo teve notável função histórica, ajudando a civilização a percorrer o caminho que conduz a Economia Regional à Economia Nacional.

—:—

A orientação racional característica dessa política mercantilista esteve presente no domínio da ciência e filosofia do século XVII, que se uniram para elaborar a concepção «natural do mundo», usando a razão como instrumento.

Na história da filosofia, é o século XVII, a época dos grandes sistemas racionalistas, traçados desde Vinco, Kepler, Galileu, até Descartes, Spinoza, Hobbes e Leibnitz.

O empirismo filosófico aparece apenas nos fins do século com Locke («Ensaio sobre o entendimento humano» — (1690). Leibnitz e Descartes foram os expoentes fecundos das ciências exatas — astronomia, matemática, física etc. — e da filosofia orientada ao universalismo e que desempenharam um papel decisivo no desenvolvimento da concepção do «mundo natural»; aliás, esta participação, já vinha se manifestando desde os fins da Idade Média.

Em Descartes, a geometria analítica se estendeu aos fenômenos morais e à teoria das relações sociais,

para a compreensão das sociedades (Cogita, ergo sum), ou seja Descartes incorporou o cosmo moral a seu sistema construtivo («As paixões da alma»).

Ao século XVII cabia a elaboração dos fundamentos de investigação exata da história e a criação de uma concepção de vida.

Si de um lado, o desenvolvimento do estado e da sociedade inglesa, deixaram de ser modelos para o continente, de outro lado, o sistema econômico, social medieval foi superado nos Ilhas Britânicas, como em nenhuma nação européia.

O pensador inglês que maior influência sofreu com os acontecimentos confusos da guerra civil da Inglaterra, foi talvez Thomas Hobbes.

O «Leviathan» (1651) representa em Hobbes, uma interrupção na elaboração de seu sistema filosófico, para efetuar uma análise com orientação de pensamento e ação político-social do deslocado mundo contemporâneo.

Na expressão clássica do pensamento político do século XVII, Hobbes, dando força à autoridade ilimitada do estado, opõe-se diretamente a Locke.

Os «Tratados sobre o governo» de Locke (1690), dando expressão aos direitos positivos, de proteção de vida, liberdade e propriedade dos homens, têm entretanto, na forma de associação política que estabelece uma brecha entre a sociedade civil e o estado, a qual Hegel, Marx e os utilitaristas ingleses, converteram nas relações entre Estado e Sociedade, n'um estágio posterior da sociedade capitalista, pedra angular dos sistemas de filosofia política.

Os princípios da separação de poderes, considerados como consequência da concepção do estado de Locke, forneceram a Montesquieu, todos os elementos necessários ao seu prelúdio da Revolução Francesa, em 1789.

Hobbes, o grande apriorista da teoria política do século XVII, opõe-se a Jacob Harrington, na utilização da metodologia indutiva na elaboração da teoria política. Harrington com «Oceana» (1656), intenta um estudo cuidadoso da história antiga e contemporânea, para a formulação de princípios políticos.

Si bem que a possível influência de Harrington fôsse ofuscada pela de Hobbes, suas idéias repercutiram com certa precisão no Mundo Novo, desde a constituição da Colônia de Carolina, em 1667, até a constituição da União Americana, em 1787.

Entretanto, a reabilitação do princípio da soberania popular, tentada com a revolução burguesa na Inglaterra, em 1689, não convenceu; daí a impressão relativamente profunda da construção ideal de Harrington, de seus processos de legislação pela vontade e energia do povo, na origem e no desenlace da Revolução Francesa.

Em conclusão — o pensamento político do século XVII, tem um caráter profundamente dialético, formando sempre parte de uma controvérsia; portanto, só poderá ser compreendido, em relação com o conteúdo de conflitos que lhe deu origem. Acresce ainda, que a própria filosofia encontrando analogia nas instituições, apresenta sempre o mesmo desdém pela sistematização, as idéias políticas se desenvolveram nas lutas de partidos e interesses e, na consti-

tuição inglesa, nota-se o resultado de adaptações sucessivas da estrutura existente às novas necessidades sociais.

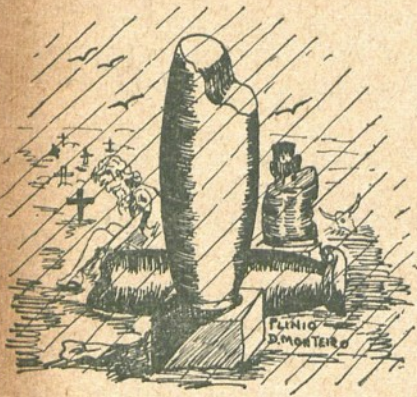
O sistema social da Inglaterra, nem mesmo com o exército de Cromwell, nem no período de dominação dos aristocratas do partido «Whig» em 1688, sofreu a renovação de uma nova estrutura política.

É notável o fato de que este país, sofrendo os piores efeitos de lutas religiosas e dinásticas, desenvolvendo sua unidade nacional condicionada à uma situação insular de sua posição entre a Europa e América, tenha adquirido tão forte e inabalável sentimento de independência, em sua evolução política.

As teorias políticas do século XVII, aceitas em suas formas mais dogmáticas e menos especulativas, foram tomadas como credos, mas não se assimilaram com métodos intelectuais; foram acolhidas porque ofereciam resposta aos problemas sociais da época, mas não tiveram aceitação como resultantes de investigação que depois de um uso intenso, tenham permitido o desenvolvimento de uma política nova e uma nova direção para a tradição democrática.

Podem ser estas teorias analisadas como reações emocionais que fizeram frente a situações críticas, mas sem contribuições positivas às suas soluções.

São sistemas de uma época penosa de transição, perigosas como as que precederam a revolução industrial ou a democrática, no começo do século XIX e apenas o futuro, poderá mostrar si os hábitos seculares, impediram sua formação.



O PASSADO

Cap. Plinio D. Monteiro

QUANDO criança, nos contam aquela história do menino ao qual a Parca fez um presente: o novêlo do fio da vida. E êle o foi desenrolando para chegar logo à mocidade; chegou, mas havia a ânsia de fugir às desilusões, de chegar mais rápido a outros amores. E continuou a desfazer-se dos instantes, dos dias, dos anos... Chegou à maturidade velozmente, fugiu aos compromissos, e se viu velho à beira do túmulo. Tendo vivido apenas alguns momentos, não tinha tido dores, não tinha tido sonhos, não tinha passado; e não podendo viver sem recordações, puxou o resto do fio e enfrentou o mistério da Magra.

Mas, na realidade não é preciso ser dono do novêlo; a vida se escôa, mesmo, em velocidade crescente, em razão geométrica, e logo tudo é passado. Na infância o homem sonha com a juventude; na mocidade, com outro futuro; é sempre um esperar constante que afasta a oportunidade de gozar ou sofrer plenamente a realidade atual: quando eu tiver aquê-le emprêgo, quando fulano ganhar as eleições, quando meus filhos já estiverem seguindo sôzinhos pelos ca-

minhos da vida, quando eu deixar de trabalhar, quando eu sarar, quando... sempre o quando, nunca o agora. E' eternamente a esperança — forma sonhada de futuro — que encerra nosso ideal, que afasta o presente e distancia o passado, mas que mantém acesa a chama da existência. E, quando chega a velhice, que não nos apresenta outro futuro si não a incógnita do túmulo, o caminho para o Desconhecido, a vida é ainda mantida, já agora pelo passado.

E o velhinho sentado num batede de porta, num portal de igreja ou numa confortabilíssima poltrona, vai lá longe buscar o motivo para continuar vivendo.

E como era tudo bonito naquê-le tempo longinquo! As mulheres eram belíssimas! Uma passagem brilhante de sua vida foi aquê-le discurso feito numa festinha de subúrbio, uma verdadeira lôa ao dono da casa, que êle nem conhecia, mas que era, no momento, o bondoso fornecedor daqueles sanduiches de salame (agora já era caviar) e de umas garrafas de cerveja meio morna (não, não era cerveja... era uisque). E a filha do tal dono da casa? Era uma

lindeza, principalmente, quando resolveu mostrar que era declamadora e estropiou, com tanto geito, o «laço de fita» de Castro Alves. Aquilo tinha sido com êle, nem tinha graça; êle é que não teve oportunidade de tornar à vê-la, de gozar aquele romance ingênuo.

E aquela vêz que foi atropelado por um «Cadillac», que abria sulcos na neblina da noite boêmia? Quasi morreu no choque e uma idéia o assaltou — «a morte tem quatro rodas». Sempre disseram que tinha geito pa-

ra escrever. Nunca se dedicou; poderia talvez ter produzido um «best-seller»: «A Morte tem 4 rodas».

E o velhinho vai desfilando seu rosário de reminiscências, sob as lentes de sua imaginação...

Qual! Positivamente êle não tinha sido como essa mocidade de hoje (essa namorada de meu filho é uma indecente, não sei o que êle pode ver nela). No passado sim, a mocidade era outra. Sabia divertir-se, sabia viver...



LICORES
GIN
GENEBRA
VERMOUTH

BOLS

GARANTIDOS POR UMA
MARCA FAMOSA DESDE 1575

O PRESTÍGIO DA FARDA

Tenório de Brito

AINDA alcancei o velho Corpo de Bombeiros como uma instituição, pode-se dizer, fechada.

Modelara-o, a seu jeito, o grande comandante Manoel Soares Neiva que, vindo do Rio em 1893, numa comissão de reestruturação da primitiva companhia, aqui ficara e, em promoções sucessivas, era em breve o chefe supremo daquela casa de família, no dizer do saudoso médico, dr. Siqueira.

Raramente saía um oficial com transferência para outra unidade da Fôrça, sendo os seus quadros preenchidos pelo pessoal das próprias fileiras. Mesmo com a Missão Francesa, quando então apareceram os cursos formadores de oficiais, a situação não se modificou. Eu mesmo integrei a primeira turma de alunos-cabos que, em janeiro de 1909, representou a querida corporação nos bancos escolares do Quartel da Luz, que abrigava o 1.º Batalhão — hoje Btl. "Tobias de Aguiar". Com exceção igualmente do major Diogo e Marcílio Franco, que foram ajudantes de ordens do Secretário da Segurança Pública, único titular que tinha direito a um assistente militar — isto pelas relações entre esse departamento e a Fôrça Pública — dali ninguém saía em missões estranhas às suas finalidades. Bombeiro era bombeiro mesmo. Foi pois com indisfarçável surpresa que, na tarde de 7 de novembro de 1919, recebi do telefonista de dia um recado segundo o qual desejava o Delegado Geral falar comigo, com urgência. Transmitindo-o ao comandante, dêste obtive a necessária licença e minutos depois estava eu em frente à

autoridade em apreço a qual pessoalmente não conhecia. Alto, esbelto, vestindo um terno azul marinho que lhe realçava uns laivos de palidêz romântica nos seus 35 anos presumíveis; cravo rubro à lapela; cabelos negros, abundantes e ligeiramente ondulados, dominados pelo penteado alto; olhos pretos e brilhantes, em harmonia com o rosto oval e simpático — recebeu-me afavelmente o Dr. Tirso Martins, no seu gabinete espaçoso. Talvez tenha notado a timidez que me envolvia ao penetrar naquele ambiente discretamente elegante de onde um homem de gôsto e superior visão, dirigia os serviços de policia e ordem pública do Estado, na presidência do ilustre Altino Arantes.

Entrando logo no assunto descreveu êle, com vivacidade, a situação em que se encontrava determinado município do Estado, com os ânimos exaltados, campanhas amedrontando a população, já tendo mesmo havido o assassinato de um jovem, nas cercanias da cidade.

Política era a causa de tão grave estado de coisas. Impunha-se, no local, a presença de uma autoridade militar encarnada por oficial que fôsse dotado de umas tantas qualidades que enumerou e que, afirmou, estava informado ser eu o homem indicado para representar o govêrno na séria conjuntura, restabelecendo a calma e a confiança nos espíritos.

A única restrição que opuz cingiu-se à minha falta de prática em tal ordem de serviço, que não foi julgada motivo de impedimento. Antes mesmo da publicação no "Diário Oficial" da no-

meação, deixava eu o gabinete do Dr. Tirso Martins com a ajuda de custo de 150\$000 e uma requisição de passagem para viajar no dia seguinte, pelo primeiro trem. A minha estada em Mineiros (hoje Mineiros do Tietê), que o Delegado Geral calculou em oito ou dez dias, prolongou-se por quatro meses, com enorme sacrificio de minhas comodidades, pois, separado da família, habitava a própria delegacia de policia — um prédio pequeno e sem conforto. As refeições se limitavam a ovos fritos com arroz no almôço e no jantar, preparadas pela espôsa do cabo comandante do destacamento policial. E' que, na pequena cidade, havia somente dois hotéis, divididos entre os dois partidos políticos locais, em tremenda rivalidade. Tomasse qualquer dêles e dificilmente poderia fugir à pecha de parcial...

Acidentada foi a longa temporada do exílio de Mineiros em que se defrontavam a astúcia política e a resistência que eu lhe opunha, em obediência a rigoroso cumprimento do dever. E'-me grato, sem dúvida, rememorar o alto sentido de colaboração que, não obstante, sempre encontrei da parte de tódá a população, em prol do apaziguamento dos espíritos, que conseguí. Para quebrar a monotonia que me assoberbava — lia e uma ou outra vez visitava fazendas vizinhas cujos proprietários, residentes em São Paulo, eram alheios às contendas locais. Raramente ia a Dois Córregos, sede da Comarca. A Jaú fui uma única vez, isto num dos dias do carnaval de 1920. E foi exatamente por essa ocasião que se verificou o pequeno e interessante episódio que justifica esta crônica incolor.

Embarcando no trem que passava em Mineiros cêrca de 15 horas, cheguei à bela cidade fundada pelo tenente Lopes a tempo de apreciar o animado

e elegante curso carnavalesco que desfilava pelas ruas principais. Depois de um bom jantar no hotel Central, quando pus em ordem o meu paladar, tão maltratado naquela já longa temporada de mau passadio, regressei pelo noturno que partia às 20 horas. Tomando assento onde melhor me pareceu, pois fui dos primeiros a entrar no vagão, distraia-me com a chegada dos demais passageiros que, sempre apressados, procuravam acomodação. Eis senão quando numeroso grupo de rapazes, com ensurdecadora barulheira, vindo da segunda classe, invadiu a primeira ocupando tódas as localidades ainda vazias. Assim é que, ao chegarem os atrazados — entre os quais bem me lembro de senhoras com crianças de colo — ficaram de pé. Com as reclamações apareceu o chefe do trem que foi recebido pelos amotinados com estrondosa vaia, ao tentar convencê-los de que deviam retornar ao seu carro.

Por essas alturas foi minha presença se tornando alvo dos olhares dos passageiros, fardado que estava. Levantei-me, num impulso enérgico e irreprimível e interroguei o chefe do trem: — Sr. chefe, é permitido passageiros da segunda classe viajarem na primeira, em prejuizo de quem comprou bilhetes desta? Expressivo silêncio envolveu o ambiente e o chefe respondeu dizendo que não, que isso era proibido pelo regulamento da estrada. Então, retorqui, em voz alta, trovejante: Faça cumprir o regulamento. O chefe se fêz de valente e exigiu: — O regulamento! o regulamento...

Os rapazes, obedecendo, foram passando pela estreita porta que separa os vagões. Um dos últimos a desfilar, fulminou o chefe com olhar de ódio e disse: — Regulamento! Regulamento é o tenente aí, do seu lado...

Coisas da Força Pública

Cel. Anchieta Torres

SEGURA O HOMEM...

Dia 10 de abril reuniram-se à noite, no restaurante Giordano, os coroneis e tenentes coroneis do serviço ativo da Força Pública, para em ambiente de camaradagem, manifestarem ao cel. João de Quadros, a alegria que lhes ia n'alma pela nomeação de um oficial saído das fileiras de nossa Milícia, para o seu Comando Geral. Aderiram à homenagem os três juizes militares do Tribunal de Justiça Militar do Estado.

Ficou resolvido, desde logo, que não haveria discursos nem fotografias. Por isso "Militia" não enviou para lá o popular Ludovico.

Por via das dúvidas, porém, providências foram tomadas e os camaradas ao lado de Cândido Bravo receberam a incumbência de segurá-lo, não deixando que ele, esquecido do compromisso assumido e sentindo cócegas na língua, soltasse o verbo e rasgasse o protocolo estabelecido de antemão.

E assim tudo correu muito bem, desde o creme de aspargo até o "franguinho de leite"; mas, ao ser servida a sobremesa, notou-se uma falha nas previsões. O falador não era apenas o Bravo. Foram esquecidas as precauções quanto ao Oliveira Melo e, inesperadamente, levanta-se o "homem" que, após saudar o homenageado, dá a palavra ao "Demóstenes da Força", para falar em nome da turma.

De todos os lados partiu o grito de alarma: "segura o outro!..." E o homem que já se levantava, foi seguro e pregado na cadeira. Mas, o Naul de Azevedo estava solto (outra imprevisão...) e, levantando-se, proferiu um discurso inflamado (à moda de politico em véspera de eleição) e, novamente, solicitou a palavra ao nosso "Demóstenes", à vista do que, desanimados, demos a ordem: "solta o homem!...".

E o homem, solto, pôs-se de pé e falou. Falou e falou bem. Definiu a posição dos presentes, que outra coisa não desejavam senão prestar o seu apóio irrestrito à administração que se inicia na Força Pública. Todos, disse, reconhecemos os serviços prestados por camaradas do Exército à Força Pública, desde sua fundação. Porém, não ignoramos e não olvidaremos — frizou — com que renúncia, abnegação, sacrificio e capacidade se portaram companheiros nossos, quando elevados às altas funções de comandante geral de nossa Corporação. Não desejava citar nomes, mas, faria uma exceção, proferindo, com respeito e veneração o do general Júlio Marcondes Salgado, sob cuja égide, como nosso patrono, colocava o novo chefe que, pelas virtudes morais e outras qualidades já demonstradas, se credenciára para realizar, também, ótimo comando. Saudava-o, as-

sim, em nome dos camaradas presentes, comandantes de corpo e chefes de serviço, hipotecando-lhe inteira solidariedade e transmitindo-lhe a certeza de que todos dariam o máximo de esforços para que seu comando fôsse proficuo e útil

ração de seus camaradas, especialmente dos chefes ali presentes, os quais, seguramente, o ajudariam a bem desempenhar-se da missão.

Por fim, levantado o brinde de honra ao governador do Estado, prof. Lu-



à Fôrça Pública, ao Estado de São Paulo e ao Brasil.

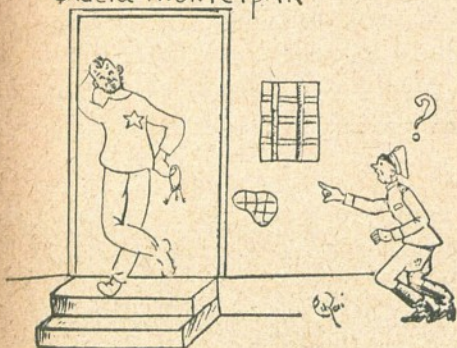
Finalmente, levanta-se o homenageado, coronel João de Quadros, que, visivelmente emocionado, agradeceu as manifestações de que estava sendo alvo. Declarou estar consciente das responsabilidades que lhe pesavam sôbre os ombros, mas não se atemorizava com isso, por conhecer a capacidade de colabo-

cas Nogueira Garcez, terminou a reunião íntima, de sã camaradagem, numa solene definição de atitudes, frente a um chefe plenamente acatado.

Convém registrar que a outra parte da primitiva combinação foi, também, quebrada. Compareceram dois profissionais de imprensa e a "indefectível" fotografia, por gentileza de "A Gazeta", vai ilustrando estas linhas...

O alferes José Gomes de Almeida, organizador e primeiro comandante do Corpo de Municipais Permanentes, era afilhado de casamento da Marquesa de Santos. Daí o seu prestígio junto ao Brigadeiro Tobias...

CADEIA MUNICIPAL



“EU SOU O PRÊSO...”

2.º ten. Evandro Martins

Acharão esquisito, os leitores, o título supra, mas irão ver, no fim do trabalho, que deixará de ser esquisito, para ser de pasmar...

Estava eu em Piracicaba, há poucos dias, servindo como oficial de ligação, quando o delegado regional recebeu uma carta «assinada» e remetida de Pereiras. Dizia a tal carta, que um prêso, sentenciado pelo m.m. Juiz de Direito de Conchas, freqüentava a zona do baixo meretrício, ia ao campo de futebol, tomava banho numa lagôa próxima, ia pescar, e gozava de outras tantas liberdades.

Dizia o missivista, para maior força de expressão às falhas que apontava, que havia sido agredido pelo referido prêso, em um balle, numa das pensões alegres daquela cidade.

Não havia dúvidas. Era uma situação nova e bem estranha.

Resolveu o delegado regional mandar para Pereiras o seu adjunto e um escrivão, para ser instaurado o competente inquérito.

Como se tratava de uma denúncia, em que poderia estar envolvido, com responsabilidades, o destacamen-

to, segui, também, a fim de verificar se o nosso pessoal não estava levando o seu quinhão.

Partida pela manhã, em automóvel alugado, na base de quilômetros percorridos. De Piracicaba até Tietê, primeira etapa, a estrada corta velhas fazendas, hoje quase sem vida, pois tiveram seus cafezais cortados logo depois da crise. Hoje, com a revalorização do produto, novos cafezais estão sendo formados. Boas plantações de goiabas. Quem não conhece a famosa goiabada de Tietê?

Cortamos, também, extensas plantações de fumo, do famoso fumo do «Bairrinho», que na Capital se vende de cem a cento e vinte cruzeiros o quilo, e aqui, a gente «tira», no «fumero», por quarenta cruzeiros, no máximo. O fumo do «Bairrinho» ou de «Rio das Pedras» é o famoso, mas, os entendidos dizem que o melhor é o de Laranjal Paulista, fabricado pela família Capela.

Chegando a Tietê, atravessamos, de início, o rio lendário; transpusemos, a seguir, ruas estreitas, com suas casas antigas, de largos beirais, com muitas janelas, tôdas de baten-

tes largos e altos, de madeira de lei. Respirávamos reminiscências... A velha Tietê dos primórdios, hoje se transformando em cidade moderna, não se descuidando de suas relíquias. Um café no «Bar Cuitelo», e partimos para Laranjal Paulista, passando por Jumirim. A paisagem e o padrão de vida continuam os mesmos. Já passamos a viajar, porém, quase paralelamente com a Sorocabana, cujos trabalhos de eletrificação estavam além de Conchas, na época. Laranjal Paulista é bem menor que Tietê, não contando com o mesmo passado histórico, e não desfrutando do mesmo prestígio político e econômico que a terra do caboclistíssimo Cornélio Pires.

Contudo, há trabalho. E bom trabalho. Sinal de progresso. Uma particularidade: possui uma linda igreja.

De Laranjal Paulista, partimos, passando por Maristela, e tomamos o rumo definitivo de Pereiras. Já não sentimos a mesma impressão de trabalho, de produção. Entramos em uma zona inequivocamente pobre. Já teve sua época, que se foi com os carros de boi. Poucas lavouras. Muitas pastagens. Pouco gado. Deixamos ao lado a estação de Pereiras que dista da cidade quase seis quilômetros, e fomos para a cidade, por uma variante da «São Paulo-Mato Grosso».

A entrada de Pereiras, verificamos que a mesma vivia, ou melhor, dormia a sono solto, acalentada pelo sol das dez horas. Alguns cães da apurada raça «carrocinha-dog» pelas ruas, uns botecos à margem da estrada que anunciavam ter de tudo para vender, um cavaleiro, na posição des-

crita por Euclides da Cunha, antes do estouro da boiada, algumas crianças despidas pelas calçadas, mulheres carregando latas d'água na cabeça, homens «quentando» o sol, sentados nas soleiras das portas, e já alguns curiosos pelas esquinas procurando saber quem tinha vindo «de máquina». Passando por uma esquina, um homem moreno, gordo com calça e paletó de brim, calçado, sem gravata, descoberto, «picava» o fumo, com a palha já atravessada entre os lábios. O escrivão que viajava conosco, já tarimbado, disse: «êsse tem cara de ser o carcereiro». Pois advinhou.

Chegamos em frente à Delegacia, e, aí, já a curiosidade local fervia: «Oba! Vai havêr nuvidade na vila. Veio pulícia de Piracicaba».

Descemos do carro e encontramos, na porta do prédio, no fim de alguns degraus, um homem vestido de brim claro, de pele «bem clarinha», de maneiras solfíticas, a quem o delegado perguntou:

— «O sr. é o delegado?»

— «Não sr.»

— «O Sr. é o escrivão?»

— «Não sr.»

— «O sr. é o suplente?»

— «Não sr.»

— «O sr. é o carcereiro?»

— «Não sr.»

— «Afimal, que faz o sr. na Delegacia?»

— «Eu sou o prêso».

— «?&») §% ?K°8& /» (°. (*))

(Tradução cortada pela censura, mas saibam os leitores, que, perto disso, o canto da araponga é coisa suavíssima).

Logo depois, chega o carcereiro já «pitando» seu caipirinha. Como se nada se passasse, dirigiu-se ao delegado: «Bom dia dotor. Aqui tá tudo em ordem. Qué que eu chame o suprente?»

— Antes de tudo, recolha êsse prêso ao xadrês.

— Tá bem dotor. E, virando-se para o prêso, disse: «Océ tá veno bem que é orde do regionar. Não vá espaiaá, depois, na cidade, que a gente tá com pirsiguição c'ocê».

Recolheu o prêso e foi chamar o suplente, que veio logo, com o seu terno de casamento, e que serve para

todos os batizados, crismas, casamentos e enterros aos quais assiste.

— Então, sr. Suplente, como é que um prêso condenado fica sóto, fora do xadrez, vai ao meretricio, ao futebol, vai pescar, e ainda briga com outras pessoas?

— «Ê seu dotor, eu logo vi que essas coisas num iam dá resurtado. Mais o que o sior qué que eu faço? Os amigu insistirum p'ra deixá o rapais em liberdade, e no fim das conta, é isso que o «sior» tá veno».

E, assim, veio à tona um fato que, narrado aos mais íntimos, era considerado como piada.

DEPOSITE AS SUAS ECONOMIAS NA

AGÊNCIA NOTURNA

DA

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Aberta das 12 às 23 horas

Praça Ramos de Azevedo, 192 (Ladeira do Esplanada) —

Edifício C.B.I — S. PAULO.

— GARANTIDA PELO GOVERNO PAULISTA —

Comentando...

por HILDEBRANDO CHAGAS

Sejamos sinceros. Mesmo porque não há mal grave, irremediável, em determinadas fraquezas nossas. Ao contrário, é possível até justificá-las e, mais do que isso, colocá-las no rol dos males necessários. As vezes as queremos condenar; outras, vemo-las imprescindíveis à nossa melhor definição etnográfica. Caracterizam, sem dúvida, uma comunidade social distinta, coerente com as influências de uma tradição forjada num meio geográfico também distinto. E está certo. Certíssimo. O brasileiro deve ser assim mesmo. Porque, de outra forma, êle deixaria de ser um representante lidimo de plagas tropicais.

Ninguém nega que somos superficiais. Muito pouco nos dedicamos à análise profunda. Antes, muito nos apraz a visão sintética dos problemas. A inteligência viva não admite perda de tempo. A multiplicidade das dúvidas exige velocidade de raciocínio. E o brasileiro, impulsionado pela ânsia de saber tudo, avança em superfície no terreno imensurável do conhecimento humano. Não se especializa. Não se transforma em ermitão de bibliotecas especializadas, de laboratórios, de picos de montanhas à espera da Mensagem para a redenção da Humanidade. E' que nos falta a responsabilidade consequente de uma cultura sólida, dizem uns. E' que ainda não representamos as esperanças da civilização, dizem outros. Não cogito do futuro. Permaneço, neste caso, com o passado e com o presente. E eles nos têm dito, apenas, que somos apressados em nossas conclusões, que não acreditamos em nós mesmos, que sempre vemos nos outros motivo de exaltação em detrimento das nossas possibilidades e realizações. E' um mal? E' um bem? Nem uma coisa nem outra. E' apenas o brasileiro sentindo, vivendo e interpretando o mundo e as cousas à seu modo.

Por exemplo, muito se tem falado da nossa inépcia como policiais, como criminalistas, como organizadores de regimes penitenciários. O índice de criminalidade por estas bandas é aterrador. Que faz o Governo? Que faz a Polícia? Que fazem todos os responsáveis pela garantia de um clima de ordem e de progresso em nossa terra? São perguntas que se sucedem, são interrogações que se perdem no ar, é a gente destes brasis a pretender um fim à calamidade.

Está certo. A situação é mesmo vexatória e digna da maior atenção. Mas, por favor, não nos venham apontar exemplos de organizações modelares, de mestres consumados que em outras terras já deram solução definitiva ao problema. Ah! isto é que não! Um erro não justifica outro, sabemos. Mas que às vezes consola, consola mesmo. E neste caso parece-nos que a culpa não é do espírito improvisador do brasileiro. Não, não é. Porque se fôsse, não teríamos a oportunidade de transcrever a pequena nota inserta num dos periódicos desta Capital: "O sr. Hoover, diretor do Serviço Criminal dos Estados Unidos anunciou, em Washington, dramaticamente, que em 1952 foram cometidos nesse país um crime em cada 15 segundos, numa média de um criminoso cada 76 habitantes".

Por hoje, chega. Não falemos mais das nossas deficiências.

UM EXEMPLO

Já conhecíamos, através informações de camaradas nossos, a obra social que o cap. Paulo Foot Guimarães realiza em Sorocaba. E' um exemplo digno de imitação por parte de oficiais e praças da Fôrça Pública. Tarefa dinâmica em prol da sociedade, é a um tempo a amostra e a prova do que pode fazer e tem feito a Corporação, no interêsse do bem público.

A conduta do cap. Foot Guimarães abre caminho aos policiais-militares, no campo da recuperação dos menores abandonados. Grande programa, de incalculável alcance para o futuro da nacionalidade, sem dúvida encontrará a necessária repercussão e o apôio decisivo da Fôrça Pública e corporações congêneres.

E' matéria que merece a atenção da Secretaria da Justiça e de nossa Milícia, de modo a ser convenientemente planejada, com o imprescindível entrosamento dos juizados de menores e comandos de unidades.

Está de parabens o cap. Foot. Seu gesto será o marco inicial de nova e grandiosa cruzada.

Para que os leitores tenham mais detalhada idéia do fato focalizado, transcrevemos, com a devida vênia, trechos do trabalho inserto no "Cruzeiro do Sul", de Sorocaba, de 1.º de março de 1953. Ei-los:

"Benéfica influênciã recebe o Abrigo e Pensionato-de Menores de Sorocaba

A dedicação, o esfôrço e o senso de civismo de um oficial da Fôrça Pública — Sofre a cidade dos menores uma radical transformação, em apenas dois meses — Trabalho racional e inteligente para a integração do menor no seio da sociedade — Colaboradores decididos — Vamos ajudar o Capitão Foot Guimarães ?

Já há algum tempo que o repórter não assistia ao espetáculo sempre cheio de encantamento do despontar do astro-rei.

Ontem, no entanto, depois de grande insistência, os dirigentes do Abrigo e Pensionato dos Menores, que já estavam desacreditando das palavras do repórter, que não encontrava um tem-

pinho disponível para fazer uma visita àquele instituto, obrigaram-no a madrugar. E daí ter êle assistido ao espetáculo sempre inédito, porque nunca repetido, do despontar de um novo dia.

No entanto, longe estava o repórter de pensar que um outro espetáculo não menos inédito lhe estava reservado, assim que transpusesse os umbrais da

Cidade dos Menores. Já cansado de assistir pelos quatro cantos da cidade ao drama da miséria, do sofrimento e da dôr, sob todos os seus aspectos, o repórter, que em outras ocasiões já havia visitado o Abrigo de Menores, não estava muito disposto — verdade seja dita — a fazer aquela visita, porque o quadro não poderia ser outro. Iria observar o estado geral do Pensionato e dos seus abrigados, constatar as deficiências da instalação daquela instituição assistencial e voltar a fazer novos apelos aos corações generosos do povo sorocabano, no sentido de minorar um pouco as agruras dos menores abandonados. Falamos em menores abandonados? Pois acertamos — isto com relação ao passado — uma vez que, embora estivessem sob o teto do Abrigo e Pensionato dos Menores eles se encontravam verdadeiramente abandonados. Mal alojados, mal alimentados e sem assistência moral e educacional precisas, os menores constituíam um perigo e uma ameaça à sociedade futura, porque, como é fácil de se deduzir, dali eles poderiam sair dispostos a tudo, menos a ingressar na sociedade como cidadãos úteis. Infelizmente essa era a grande realidade do Abrigo, até o dia em que se deliberou procurar transformá-lo numa instituição destinada a cumprir fielmente as suas finalidades.

A luta nêsse sentido foi iniciada há pouco mais de dois anos e quase tôdas as experiências levadas a efeito redundaram em fracasso. O problema não era apenas o suprimento das dificuldades de ordem material. O fator principal era o da educação dos garotos, isto é, havia necessidade de se descobrir um elemento que se dispusesse a realizar a obra de preparação intelectual, moral e cívica dos abrigados. Para êsse trabalho não são necessários apenas os conheci-

mentos psicológicos e científicos recomendados pela pedagogia moderna. São indispensáveis e sobretudo necessários dotes especiais de amor ao próximo e o que é imprescindível, dom, jeito, maneira tôda especial de cativar os garotos, captar-lhes a simpatia e a confiança, tratando-os paternalmente a fim de que não cresçam com complexos de inferioridade e possuídos de outros tantos recalques que sômente prejuízos lhes poderão ocasionar no futuro e que poderão ser também prejudiciais ao meio a que se destinarão.

O problema era de “arrepiar os cabelos”, como se costuma dizer na gíria.

Porém, os dirigentes do Abrigo não se deixaram dominar pelo desânimo e prosseguiram seu trabalho, procurando melhorar o padrão de vida dos abrigados, certos de que um dia apareceria a pessoa indicada para assumir a responsabilidade de dirigir e orientar o Abrigo.

As instalações da instituição foram sendo melhoradas à medida do possível, graças ao auxílio e colaboração espontânea de diversos amigos do Abrigo, devendo-se destacar a cooperação decidida da Estrada de Ferro Sorocabana.

SURGE O 7.º B. C.

Entre os cooperadores daquela cruzada em favor dos menores surgiu de maneira destacada, também o 7.º B. C., sediado em nossa terra, através o seu esforçado comandante ten. cel. Otacilio Vieira, o qual intercedeu junto ao Comando Geral da Fôrça Pública que destacou, especialmente para zelador do Abrigo, o conhecido e educado praça Lázaro Biscaro que ali se radicou emprestando todo o seu trabalho e dedicação à obra. O soldado Biscaro, no entanto, apesar da sua boa vontade e do seu esforço não poderia realizar sôzinho o imenso trabalho. Foi quando

surgiu a figura simpática do capitão Paulo Foot Guimarães, que se ofereceu para administrador, dirigir e orientar todos os trabalhos daquela instituição, dispondo para tanto das suas horas de lazeres, após o cumprimento dos seus deveres oficiais. 7.º B. C.

Há questão de dois meses que o cap. Foot Guimarães reside na Cidade dos Menores convivendo — ele e sua distinta família — com os 70 garotos ali internados, como se constituíssem uma só família.

O cap. Foot arregaçou as mangas da camisa e iniciou a obra a que se propôs realizar, tomando inúmeras iniciativas e remodelando completamente a Cidade dos Menores. Logo à entrada, o repórter sentiu os efeitos benéficos do seu trabalho.

O pátio apresentava-se perfeitamente asseiado, os garotos metidos em macacões limpos e cada qual desempenhando uma função, os alojamentos apresentando um aspecto impecável de asseio, isto apesar de serem todos improvisados e rústicos; o refeitório, a cosinha, tudo cheirando limpeza.

Não mais encontramos aquêles aspectos entristecedor que estávamos acostumados a presenciar, com as camas em desalinho, os garotos sujos, amarelos e preguiçosamente deitados na relva (mato, imundície, etc.), fumando e adquirindo tôda sorte de vício e tão pouco aquêles fócos de moscas e mosquitos pelas imediações dos alojamentos, refeitório e cosinha, além da sujeira reinante nas demais dependências.

O Abrigo havia recebido o bafêjo da ordem e do asseio.

PERCORRENDO AS DEPENDÊNCIAS

Simple e profundamente penetrando do seu papel, o cap. Foot Guima-

es foi mostrando a obra que ali vem sendo desenvolvida e expondo os seus planos futuros, isto se não lhe faltarem a ajuda e o amparo preciosos.

Os garotos que dormiam numa promiscuidade sem precedentes foram divididos em grupos: os "taludos" ficaram num alojamento; os "médios" noutra e os "bacurís" mais próximo da casa da administração.

O primeiro edifício — logo à entrada — onde dormiam todos os abrigados, foi transformado. Ali encontramos instaladas: a sala de aulas, onde funcionam o 1.º, 2.º e 3.º anos primários, a cargo de duas professoras estaduais (o edifício da escola, muito afastado do conjunto dos edificios que compõem o Abrigo, vai ser transformado no Clube dos Abrigados, com ping-pong, xadrez, damas, etc.); a rouparia e sala de costura; a residência do zelador, o praça Lázaro Biscaro, e a sala de enfermagem com dois leitos, sendo que esta última dependência comunica-se com a residência do zelador, que exerce as funções de enfermeiro, nas horas vagas.

Começam os efeitos da nova orientação. Um dos "taludos", rapazola dos seus 16 ou 17 anos, fez um estágio no 7.º B. C. e deu num exímio mestre-cuca e lá está auxiliando a esposa do soldado Biscaro no preparo do "menu".

Outro garoto aprendeu a profissão de barbeiro e faz a limpeza capilar. Outro desempenha as funções de sapateiro e cuida de consertar os sapatos e limpá-los.

Outros dois garotos já estão se preparando para as funções de enfermagem e um terceiro aprende, também no 7.º B. C., a profissão de ferrador e mais dois irão ali aprender as profissões de encanador e marceneiro.

Estes garotos, depois de concluído o aprendizado, prestam serviço ao Abrigo

e transmitem os seus conhecimentos aos seus colegas, num trabalho perfeito de entrosamento de responsabilidades, dentro de um profundo espírito de compreensão e de alto significado social.

PARQUE INFANTIL E ESPORTES

Uma das áreas do Abrigo está sendo preparada para a instalação de um pequeno parque infantil e o esporte ali está sendo desenvolvido com regularidade, procurando-se preparar fisicamente os abrigados.

O campo de futebol vai ser remodelado completamente; está se fazendo um aproveitamento racional da piscina e dentro em breve teremos construída a quadra de bola ao cesto.

ALMOXARIFADO, GRANJA, HORTA E POMAR

Uma das dependências do Abrigo, já à margem da estrada de rodagem de Itapetininga, foi transformada em almoxarifado e vão bem adiantados os serviços de recuperação de um sem número de objetos praticamente encostados e que poderão ser de grande utilidade.

Com especial cuidado vêm sendo tratados a horta e o pomar, que se encontravam em completo abandono, e os garotos já estão servindo-se de hortaliças ali colhidas para a confecção de suas refeições e à sobremesa saboreiam frutas também cultivadas na extensa área de terra que circunda o Abrigo.

Está em formação uma pequena granja que visa abastecer o Abrigo de ovos e aves, melhorando-se o padrão alimentar dos abrigados e evitando-se maiores dispêndios financeiros para a instituição, que até aqui tem sobrevivido graças à cooperação sempre generosa do povo.

COLABORADORES

O cap. Foot Guimarães tem procurado conquistar o maior número possível de colaboradores para a vastíssima obra de assistência aos pequenos abrigados e, nesse particular, tem sido muito feliz, graças à compreensão e espírito de solidariedade humana de nossa gente.

Ainda há pouco conseguiu, num trabalho inteligente, livrar a instituição dos onus financeiros com a aquisição de pão e leite.

Os fornecedores de leite deliberaram oferecer, a pedido do cap. Foot Guimarães, 1 litro diário de leite e algumas padarias fornecem certas quantidades de pão, tudo graciosamente.

Vai agora o cap. Foot tentar junto com os fornecedores o fornecimento também graciosamente de um quilo do produto, o que bastará, em face do número de retalhistas existentes na cidade, para suprir as necessidades do Abrigo, sem constituir sacrifício para os mesmos. Estamos certos de que o cap. Foot vai ver coroada de êxito mais essa iniciativa.

Alguns atacadistas estão fornecendo graciosamente batatas suficientes para o abastecimento do Abrigo, o que constitui outra valiosa cooperação e assim vai o orientador daquela instituição dando uma feição nova às diretrizes que vinham norteando os seus passos, fazendo um aproveitamento racional e inteligente de todas as forças e recursos, sem exigir sacrifícios de quem quer que seja.

No que se refere à parte de amparo material, tudo vai se engrenando perfeitamente bem e a parte referente à preparação moral, intelectual e educacional do abrigado, para a integração futura no meio da sociedade, como elemento útil a ela mesma, não temos dúvida absolutamente alguma do êxito que alcançará

o cap. Foot, que é verdadeiramente o elemento que o Abrigo necessitava.

E devemos frizar que tudo isso s.s. vem realizando apenas nas horas vagas, isto é, após responder o expediente do 7.º B.C., do qual é um dos mais eficientes oficiais.

CURSOS TÉCNICOS E SECUNDARIOS

O Abrigo mantém atualmente 6 abrigados estudando, 3 dos quais estão cursando a Escola Técnica Fernando Prestes e os 3 restantes o curso ginasial.

CAMPANHA PARA A FORMAÇÃO DA GRANJA

Sem autorização do cap. Foot e pedindo-lhe licença, abrimos hoje, por este intermedio, uma campanha junto aos proprietários de granjas no município, solicitando-lhes que enviem ao Abrigo de Menores, para a ampliação da granja já ali existente, com um número reduzidíssimo de aves, algumas galinhas, o que representará um auxilio de inestimável valor.

O envio de aves poderá ser feito diretamente àquela instituição, ou à nossa redação, que as encaminharemos.

VAMOS AJUDAR O CAP. FOOT?

Diante da obra de verdadeiro sacerdotício que o cap. Paulo Foot Guimarães vem desenvolvendo no Abrigo e Pensionato de Menores de Sorocaba, não resta dúvida de que não podemos ficar indiferentes e de braços cruzados. Precisamos ajudar o cap. Foot nessa obra de redenção do menor abandonado, oferecendo-lhe os meios necessários para melhorar dia a dia aquela instituição, nesse serviço de POLICIAMENTO PREVENTIVO, como ele tão bem denominou, porque na verdade, se educamos convenientemente todos os menores que até então vivem perambulando pelas ruas da cidade, adquirindo toda sorte de vícios, esmolando e crescendo como verdadeiros parasitas da sociedade, nós estaremos contribuindo, efetivamente, para que o número de delinquentes seja, num futuro mui próximo, sensivelmente reduzido em nossa terra.

Cerremos, pois, fileiras em tórno do cap. Foot e dos diretores do Abrigo dos Menores, que estão de parabens por tão bela aquisição”.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA
EXERCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUIISO»

— SAO PAULO

Minhas Poesias

MAIO

Maio!

Mês da Virgem!

Maio de luz,

de paz,

de caridade.

Maio das rosas brancas

— brancas como a neve pura,

— brancas como a pureza de minh'alma

(quando está em paz.)

Maio!

Dá-me a tua paz

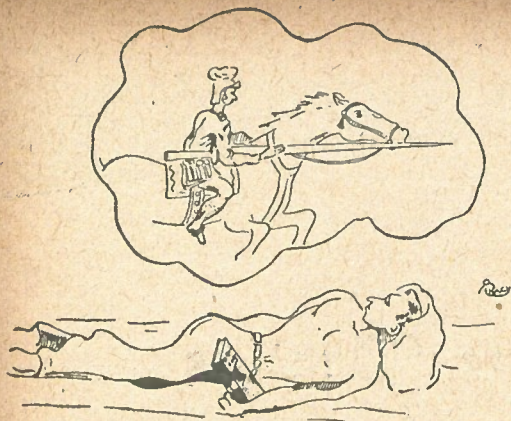
neste outono de saudades!

Maio!

Azulece o cinza outonos de minha saudade

Dando-me ao olhar de Meu Amor!

Sônia de A. Marsella



MOINHOS DE VENTO

Cap. Sêrvio R. Caldas

O oficial dos Anjos entrou no gabinete dos oficiais bem humorado, sobraçando o volume que retirara da Biblioteca.

Era àquela hora sagrada após o almoço em que o calejado veterano do 4.º B.C. procurava na cama um repouso para o corpo, uma vez que o espírito pouco exigia. O livro servia bem para aumentar a altura do travesseiro.

Pacífico dos Anjos não era dado às literaturas complicadas e foi melhor acaso ou talvez o tamanho do «in folio» que lhe indicou o D. Quixote do imortal Cervantes.

O nosso herói forrou com um jornal velho os pés da cama, jogou-se ruidosamente sôbre ela e ajeitou

o cavaleiro da Triste Figura sob a fresca almofada. De papo para o ar pensava, pênsvava e o sono não vinha. Era a boia. O seu estômago de ferro ensaiava um humilde protesto contra uma semana contínua de mandioca duas vêzes ao dia. Não foi um sono; foi um torpor comatoso que venceu afinal os olhos do Pacífico.

E Pacífico dos Anjos, tenente de infantaria, enfim dormiu.

Sentiu de repente um empurrão violento e abrindo espantado os olhos, viu erguer-se um vulto portentoso, junto à pia. Apoiado na haste duma lança ferrugenta com um ruído semelhante a uma bateria de panelas chocalhando, D. Quixote de La Mancha caminhava pelo quarto.

O cavaleiro da Triste Figura encarou firme a figura triste do nosso herói. Por via das dúvidas Pacífico se ergueu na posição de sentido.

— Vossa Senhoria... bem Vossa Senhoria já falou com o Oficial de Estado ?

— Deixa de histórias, meu amigo ! Eu não falei com oficial nenhum. Estou querendo é conversar contigo, pois estou vendo que há no mundo sombras que me perseguem através dos tempos.

— Comigo ? Vossa Senhoria poderá então me dizer com quem estou falando ?

— Estás falando, agora, com Pacífico dos Anjos, ou melhor, com D. Quixote de La Mancha, cavaleiro dos Leões, outrora da Triste Figura.

— Mas façamos uma parada meu senhor, Pacífico dos Anjos sou

eu. Que eu saiba nunca me chamei D. Quixote.

— Tudo vem a dar no mesmo, Pacifico. Eu não existí; existo sim, na alma de todos vocês, o que verás logo se me ouvires com paciência.

A sombra do eterno enamorado de Dulcinéia, sentou-se rangendo as juntas da armadura na poltrona estofada.

— Olha para mim, Pacifico. Tudo aqui é errado. O meu armamento já não se usa nem para campear gado no pasto. Minha armadura foi boa há pelo menos cem anos, mas a celada é de papelão e o elmo de Manbrino foi tomada de um barbeiro.

— Não sei como o Cervantes descobriu isso, mas hoje posso te confessar: é bacia no duro.

— E as minhas idéias, Pacifico? Levei anos imaginando lutas, arremetendo moinhos de vento e chuchando carneiros. Vivia pronto para o combate, enquanto os meus haveres, o meu patrimônio, eram consumidos lentamente.

Sempre existiram os Sancho Pança que me seguiram boquiabertos. Bastava-me falar nas glórias da Cavalaria andante e o pobre Sancho deixava tudo, a realidade dos seus problemas, sua família, seus haveres, para acompanhar meus sonhos de grandeza paranóica. Pobre de espirito.

— Também tu, Pacifico, és um misto de D. Quixote e do Sancho, mais deslocado no século XX, que eu nos idos de Cervantes.

Um toque estúpido duma corneta intempestiva projetou D. Quixote para dentro do «in folio» e acordou de verdade o Pacifico. Levantou-se ressabiado, olhou nos armários, em baixo da cama, levantou o travesseiro e apanhou o livro.

Lá estavam na primeira fôlha, D. Quixote e Sancho, olhando irônicos o marcialíssimo tenente de polícia.

O Pacifico sacudiu os ombros, pensou um pouco e monologou baixinho:

— Deve ser besta este livro!



O SERVIÇO E A FUNÇÃO NO CONCEITO DE CRIME MILITAR

O conceito de crime militar que predomina em nossa legislação, doutrina e jurisprudência, é o conceito duplo — crimes essencialmente militares e crimes acidentalmente militares. Aquêles «rationa personae et materiae» delitos militares; estes, delitos comuns, sujeitos ao fóro militar, ou «ratione personae» ou «ratione temporis» ou, ainda, «ratione loci» (Cf. Pandectas Brasileiras, vol. III, 1.ª parte, pag. 241). Daí o ser crime militar tôda a infração penal cometida por militar e prevista na legislação penal militar, embora apresente o caráter de um delito comum, apenado na legislação penal comum e da competência dos tribunais ordinários.

Desde que as Justiças Militares Estaduais, dada a privatividade da União para legislar sôbre direito penal (n.º XV do art. 5.º da Constituição Federal), aplicam o Código Penal Militar (Dec.-lei 6227, de 24-I-44) que, ao ser elaborado sômente teve por objetivo as Fôrças Armadas Federais, sem que o mesmo seja passível de uma «adaptação» às Polícias Militares dos Estados, que constituem as suas Fôrças Armadas, necessária se torna a interpretação adequada, nos casos concretos, entre outras, das suas disposições relativas a «serviço» e «função de natureza militar», segundo se trate da sua aplicação a elementos das Fôrças Armadas de Terra, Mar e Ar, pela

Agnello Camargo Penteado

*Juiz Auditor Suplente, por concurso,
da Justiça Militar do Estado de
São Paulo*

Justiça Militar Federal, ou das Polícias Militares Estaduais, pelas respectivas Justiças Militares.

Pretender-se, para a caracterização do crime militar praticado por elementos das Polícias Militares Estaduais, ou contra êles (art. 6.º, item II, letra «c» e item III, letra «d», do C.P.M.), a natureza essencialmente militar do seu serviço ou de sua função, que tem o caráter policial-militar, é o mesmo que fazer desaparecer o crime militar da competência das Justiças Militares Estaduais, o que é um absurdo face à disposição expressa do art. 124 da Constituição Federal (Item XII) uma vez que crime militar só o seria o da competência da Justiça Militar Federal. Da lei federal n.º 192, de 17-I-36, que regulamentou idêntica disposição da Constituição Federal de 1934, promanou a lei estadual paulista, n.º 2.856, de 1937, que, alterada pela lei n.º 73, de 1948, dá organização à Justiça Militar do Estado de São Paulo, hoje integrante do Poder Judiciário, como determinam os arts. 53 e 58 da atual Constituição Estadual, de 1947. Como, pois, deixar de se lhe atribuir com-

petência dentro do seu objetivo, e igualmente, nos demais Estados da União onde está a Justiça Militar local devidamente organizada ?

Assim sendo, em se tratando de réus pertencentes às Fôrças dos Estados, a «função militar» ou o «serviço» que definem o crime militar, é o de natureza «policia-militar». Tal conceito decorre da própria lei que reorganizou o Exército Nacional (dec.-lei n.º 413, de 6-V-38) que em seu art. 49 dispõe:

«As fôrças policiais dos Estados, cujo papel essencial é manter a ordem pública...».

se não bastassem os fundamentos invocados pelo exmo. sr. Ministro Barros Barreto, relator no Conflito de Jurisdição n.º 1.175, do E. Supremo Tribunal Federal (Revista Forense 143-387), que assim se expressou em seu voto:

«É de caráter civil, em princípio, o serviço policial; mas, torna-se êste militar, quando executado por corporação mi-

litar, em virtude de atribuição conferida pelo respectivo regulamento, como, por exemplo, no caso dos autos, em que os soldados acusados eram encarregados de custódia dos presos comuns, na cadeia pública. Com efeito, foi no exercício de serviço inerente à sua condição de militar, não obstante fora do lugar sujeito à administração militar, que tais indivíduos praticaram o crime pelo qual estão respondendo a processo, no fóro militar. E a situação não se altera, a meu ver, só porque o delito imputado foi cometido contra a administração da Justiça, serviço de natureza civil, visto como êle está definido também no Código Penal Militar (art. 156), além de se verificarem, na espécie, as circunstâncias características de crime essencialmente militar, previstos nos arts. 172 e 179 do citado Código».

JOVEM!

Você que pretende ser oficial da Fôrça Pública, inicie desde já os seus estudos. Matricule-se no

CURSO MILITIA

que nos últimos exames de admissão ao Curso Pré-Militar apresentou maior índice de aprovação.

Curso noturno — das 19,30 às 22,00 horas

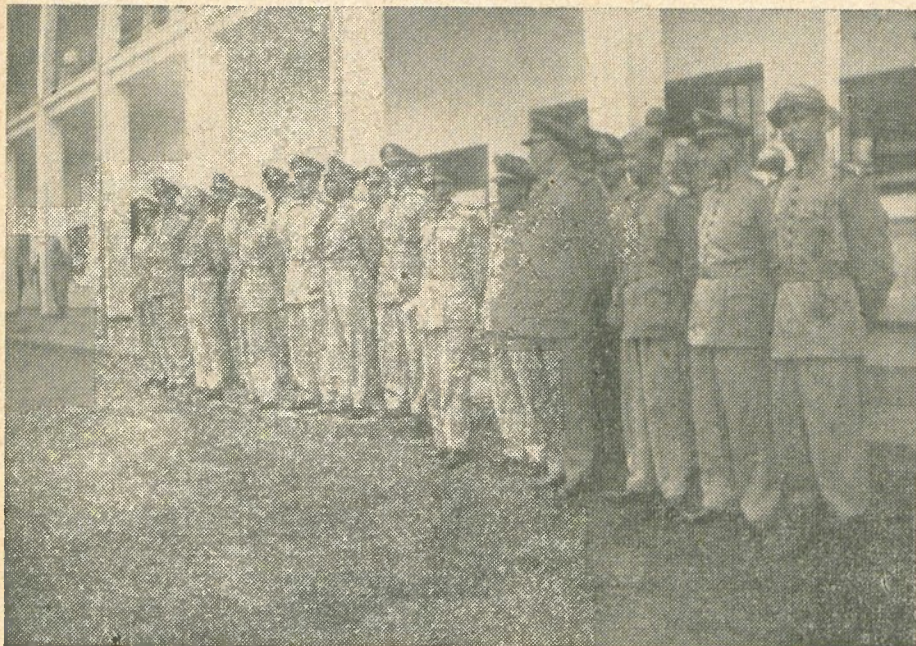
Curso diurno — das 8,00 às 10,30 horas

Diretor: Cap. Prof. Paulo Monte Serrat F.º

Informações: telefone 7-6698.

IMPRESSÕES DE UMA RÁPIDA VISITA À POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ

Ten. Francisco A. Bianco Jr.



Grupo de oficiais formado por ocasião da leitura do Boletim Regimental

O nosso comparecimento ao XVII Campeonato Brasileiro de Atletismo deu-nos ensejo de conhecer de perto a mais próxima co-irmã do Sul. Dizer de suas tradições, dizer de seu trabalho, dizer de sua amizade é obra desnecessária, pois que, fronteiros que somos, conhecemo-nos de sobejo e vimos mantendo, de longa data, os liames de aproximação tão importantes e substanciosos para a nossa vida de caserna. Nada fizemos sinão estreitar um pouco mais os elos da confraternização que deve nos unir, para o bem comum. Conversas amistosas, troca de idéias a respeito de nossos

grandes problemas e, para o desenvolvimento do nosso espírito desportivo, a esperança de futuras competições entre nossos elementos e os caros irmãos do "Estado dos Pinheirais". Recordá-mos, com bastante satisfação, a passagem por aquela Polícia do ten. cel. José Canavó Filho, como instrutor de cavalaria e organizador do picadeiro "ARMANDO JORGE", homenagem ao grande cavaleiro brasileiro do passado. E' comandante atual do esquadrão o cap. Virgílio Leinig de Melo, que vem mantendo com apuro a sub-unidade sob

Equipes de bola ao cesto da Escola de Oficiais.

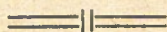


seu comando. A secção motorizada, pequena, porém perfeita em sua organização, foi criada nos moldes do nosso S.T.M. e é comandada pelo cap. Washington H. de Moura Brasil, brilhante oficial que passou por São Paulo, aqui deixando traços de sua personalidade. Também despertou-nos a atenção o canil recentemente organizado pelo ten. Ruy, que, em nossa Força Pública, observou os processos adotados na escola de "cães pastores".

Obrigou-nos a uma parada maior, porém, a Escola de Oficiais. Órgão

moderno, ali verificamos intensivo regime de trabalho. A vida desportiva é bastante desenvolvida e a disciplina do aluno impressiona à primeira vista.

Enfim, numa visita de algumas horas, pudemos observar que, como São Paulo e outros Estados, o Paraná avança para o progresso, numa celeridade espantosa. Enquanto isso, a Polícia Militar, vibrante, entusiasmada, serve ao Estado em todos os setores da administração, garantindo a tranqüilidade pública e se impondo cada vez mais no conceito da sociedade.



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO

O Guardião do Litoral Sul

Ten. Ari J. Mercadante

No dia 24 de dezembro de 1890, o Congresso Legislativo decretou e o dr. Campos Sales, então presidente do Estado, promulgou a lei n.º 478, que fixava a Fôrça Pública para o ano seguinte, e criava uma Companhia de Guardas Cívicos, destinada ao policiamento da Capital. Essa Companhia foi o núcleo inicial do 6.º B.C. da Fôrça.

Com o correr dos tempos, acompanhando o progresso sempre crescente do nosso Estado, a Companhia de Guardas Cívicos também evoluiu, quer aperfeiçoando sua instrução, quer aumentando seu efetivo, a ponto de, em 1913, para poder dar cabal desempenho à sua missão, ser desdobrada em duas Unidades, que passaram a chamar-se, respectivamente, 1.º e 2.º Corpo da Guarda Cívica.

Ao 1.º Corpo da Guarda Cívica, hoje 6.º B.C., coube a árdua missão do policiamento da Capital. Os guardas-cívicos, como eram conhecidos os seus componentes, foram alvos dos mais destacados e justos elogios, não só por parte de elementos nacionais, como também por altas personalidades estrangeiras que passaram por São Paulo.

Verdadeiramente abnegada foi a atuação daqueles bravos mantenedores da ordem, que no cumprimento de seu dever, sob uma rígida disciplina, permaneciam em seus postos, nos mais distantes locais, sob sol e chuva, na ronda quotidiana, velando pelo sossêgo e pela ordem pública, na Capital Bandeirante.

Em 1904, por fôrça da Lei n.º 2.053, o 1.º Corpo passou a denominar-se 6.º Batalhão de Infantaria.

O 6.º B.I. foi um continuador da difícil missão e das gloriosas tradições do 1.º Corpo da Guarda Cívica.

Durante a epidemia de gripe que assolou São Paulo ao terminar a primeira Grande Guerra, muitos foram seus bravos que perderam a vida na benemérita e humanitária missão de prestar assistência aos doentes.

A par da instrução policial, os elementos dessa Unidade foram se adestrando no manejo das armas de guerra, sob a eficiente orientação da Missão Francêsa. Quando em 1924 foi necessário o emprêgo de fôrça militar para fazer voltar a paz ao seio da família brasileira, os homens do 6.º B.I. souberam, galhardamente, cumprir o sagrado compromisso prestado diante do Pavilhão Nacional, oferecendo suas próprias vidas ao serviço da Pátria.

Em 1930, recebeu e cumpriu a missão de guardar o litoral sul do Estado, e destacou elementos nas fronteiras do Paraná, onde morreu heroicamente o seu comandante, o inesquecível Pedro Árbues, que preferiu a morte a cair prisioneiro.

No ano seguinte, em 1931, na reorganização da Fôrça, o 6.º B.I. passou a chamar-se 6.º Batalhão de Caçadores, cujo nome conserva até hoje, mantendo sempre sua gloriosa tradição.

Por ocasião do Movimento Constitucionalista de 1932, o 6.º B.C. voltou a Santos, ao litoral e a Itararé e, ainda mais, forneceu elementos para várias Unidades da Força Pública que combateram nas fronteiras de Minas e do Estado do Rio, no dever patriótico de tornar nossa extremada Pátria ao regime constitucional.

Na última conflagração mundial, foi designado para montar guarda aos depósitos e fábricas de Santo André, Rio Grande e São Caetano.

A 30 de janeiro de 1942, em cumprimento de ordem superior, essa Unidade embarcou mais uma vez para Santos, onde ocupou imediatamente as Usinas de Cubatão e Itatinga, as estradas de Ferro S.P.R. e Sorocabana e a Estrada do Mar, guarneceu as pontes do Casqueiro, Pensil e dos Barreiros, a Ilha Barnabé e os Depósitos de inflamáveis da Alemôa, formando um cinturão de vigilância em torno dos pontos vitais de nossas indústrias e da cidade de Braz Cubas, nosso principal porto.

No desempenho dessas funções, muitos foram os elementos do 6.º B.C. que contraíram graves enfermidades, moléstias contagiosas e expuseram suas vidas no combate aos incêndios verificados na Ilha Barnabé, cujas consequências seriam imprevisíveis, não fosse a ação rápida e destemida desses bravos e denodados milicianos.

Verdadeiramente eficiente e valiosa foi a contribuição do 6.º B.C. à causa das democracias durante a guerra, conforme atestaram os louvores do cel. Comandante da Guarnição de Santos, durante aquele período: "Com modestia, discretamente, sem alardes e excessos, quase obscuramente, estivestes sempre atentos, sempre vigilantes, sempre prontos e decididos à mais enérgica ação em qualquer emergência. Vi o vosso espírito de colaboração franca e decidida, disciplina e iniciativa. Vi, enfim, que podia confiar em vós e que qualquer tentativa do inimigo seria implacavelmente repelida".

Esse louvor foi emitido, ao terminar a guerra, a todos os componentes do 6.º Batalhão de Caçadores da Força.

Finda a conflagração, a sede dessa Unidade continuou em Santos, e daí foram designados elementos para as cidades do litoral sul, desde Bertiooga até as fronteiras do Paraná, na localidade de Ariri, constituindo-se em Destacamentos Policiais, numa vasta zona semi-povoada e sem meios de transporte, onde dominam as febres palustres e a maleita.

Assim distribuído, o 6.º B.C. vem contribuindo com seu quinhão na missão árdua e insubstituível da Força Pública, dentro do Estado de São Paulo, para maior grandeza do povo bandeirante e bem estar social da família brasileira.

NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS

PELA GRAVARTE LTDA.

POLÍCIA É COISA SÉRIA

Marcelino de Carvalho

Como se tem feito demagogia em torno da atitude da polícia, frente à atual situação social da cidade e como é fácil fazer demagogia em condições semelhantes! Como há gente que levanta o dedo e grita que é um abuso impedir desordens e que todo mundo tem direitos, menos a polícia! Todo guarda tem que levar pancada e ficar caladinho da silva, porque estamos em uma democracia. E os jornais têm-se cansado de publicar fotografias, que repórteres hábeis (como é da obrigação deles) apanham na atitude que mais convém à reportagem. Eu penso que raramente uma polícia poderia ter agido com mais calma e mais bom-senso do que a nossa nestas últimas semanas. E penso assim, porque não levanto o dedo e não fico possesso, procurando ver unicamente um lado da questão. Polícia foi feita para manter a ordem e não é com caramelos de chocolate que se consegue sempre manter a ordem. Se olharmos para a relação das vítimas, veremos que se as contam nos dedos e que o estado de tôdas elas — inclusive dos guardas — é excelente. Não conheço exemplo de encontro violento entre polícia e operários, liderados por agentes provocadores, com um tão baixo balanço de feridos. Ainda agora, em Teerã, em um rápido choque entre polícia e elementos comunistas, houve mortos e dezenas de feridos, muitos em estado grave. Em Buenos Aires nem é bom falar. Houve o diabo quando a massa se sentiu bastante excitada por Perón, que um dia conhecerá (como Mussolini) como terminam os ditadores. Não se pode exigir dos elementos que fazem parte da polícia uma dose de controle muito maior da que tem o povo, porque são homens saídos do mesmo meio e educados da mesma maneira. Polícia é uma coisa muito séria em países civilizados e o povo sabe que em um polícia não se bate nem com uma flor. Ainda agora, aconteceu um fato em Londres, que precisa ser conhecido. Dois rapazes roubaram uma casa e foram perseguidos por guardas. Depois de muito correrem e sentindo-se perdidos, o mais velho disse ao outro, que estava armado, que atirasse. Um guarda foi baleado e morreu. Presos, o que atirou era menor de idade e não podia sofrer a pena máxima, mas o companheiro foi condenado à forca, como autor mental do crime e não houve força humana que o livrasse da execução. E' que na Inglaterra, o guarda é um representante da lei e, como tal, é sagrado. Pode alguém matar o rei ou o primeiro ministro e ser absolvido. Mas assassinar um guarda é crime que leva direta e intransigentemente à forca. Bem sei que o "bobby" britânico tem mais fleugma que o nosso e impõe mais respeito por sua própria condição. Tanto assim, que não carrega arma alguma consigo. Atacar de rijo e insistentemente a polícia, porque faz o possível para manter a ordem, é leviandade que deve ter fim. Afinal das contas, essa mesma gente que grita contra a polícia, seria a primeira a protestar se a desordem tomasse conta de uma cidade como a nossa e a entregasse ao grupo vermelho que pretende dela se apossar".

Transcrito de "Última Hora", de 18-IV-1953.

Dia das Mães

(À memória de minha mãe)

Cabo Kinw Ananias do Nascimento

MINHA MÃE:

Hoje é teu dia! Assim, teu filho, nesta terra solitário e triste, não poderia deixar de evocar-te a grandeza sublime, quando teu corpo repousa na necrópole fria e tua alma na eternidade infinita. Embora não vivas, residem para sempre em meu coração teu nome, tua imagem, tua doçura e tua inigualável bondade!

Ao relembrar-te, recordo e sinto as horas felizes que passei a teu lado. Nunca me faltaram tuas palavras de conforto e ânimo nos dias difíceis; nem deixou de abrir-se o teu sorriso e contentar-se, palpitando, teu coração, nas horas de meus triunfos!

Não mais te vejo, não mais recebo teus carinhos. Mas sinto e me encorajo com o conforto espiritual que tu, mãe virtuosa, legaste a teu filho!

Agradeço-te por tudo, minha querida mãe. Agradeço-te pela luz que me propiciaste, pela saúde que teu suor e trabalho me garantiram, pela educação e regime com que me orientaste.

Sim, agradeço-te por tudo, porque agradecendo a ti terei agradecido a Deus.

Descansa, mãe querida, na mansão celestial. Teu filho continuará lutando, honestamente, para perpetuar teu nome.

SALVE, MINHA MÃE!

SALVE, MÃES BRASILEIRAS!

TIRADENTES

LEVANTA-SE, hoje, o Brasil para enaltecer o patriotismo de um de seus filhos, dos muitos que, com suas virtudes e ascendrado amor à Pátria, escreveram páginas de ouro para a nossa história. Exemplos dignos do nosso respeito, são revistos, de quando em quando, para estimular a fé, o patriotismo e o ideal daqueles que, descuidados durante a paz, não se preparam espiritualmente para as horas aziagas que fazem periclitarem os interesses do Estado e da Pátria.

É da própria natureza humana que corramos em busca de modelos de homens que encarnaram as altas virtudes que a fé patriótica exalta.

O Brasil, felizmente, tem sua história assinalada por grandes marcos humanos, e entre eles sobressaem o batalhador pela causa da liberdade da Pátria, JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER — O TIRADENTES.

Escolhido para Patrono das Polícias, levantam-se hoje tôdas as Corporações de Milícias dêste imenso Brasil, para prestar justíssima e eloqüente homenagem a êsse herói simples de vida, modêsto de descendência, mas, de elevadas virtudes.

Nascido a 12 de novembro de 1746, no Sítio de Pombal, em Minas

Gerais, era filho de pais pobres, levando uma infância descuidada no ambiente da roça.

Corajoso, vivo e inteligente, deslocou-se, ainda rapazola, para outras paragens, a fim de ganhar o seu sustento.

Minerador a princípio, resolveu ser mascate, para melhor conhecer seu Estado e inteirar-se do sofrimento do povo, motivado pelas imposições da Corôa.

Mais tarde, ao passar por Vila Rica, empolgou-se com o rufar dos tambores do Regimento de Cavalaria; nele fez-se praça e, mais tarde, alferes.

E aqui vamos encontrar o TIRADENTES, de sentimentos nobres, voltados tão somente à Pátria. Assim, quando PAULA ANDRADE, INACIO DE ALVARENGA, CLAUDIO MANOEL DA COSTA e outros mineiros iniciaram a conspiração contra a Corôa, Tiradentes aliou-se ao movimento, de corpo e alma, pleiteando adesões, adquirindo material bélico, desincumbindo-se, enfim, de toda a missão que lhe apresentavam, com notável presteza e satisfação.

Quando, porém, a intentona fracassou, para surpresa de todos, face à delação feita pelos conjurados trai-

dores JOAQUIM SILVERIO DOS REIS, INACIO PAMPLONA E BASILIO MALHEIROS, os implicados, que se encontravam em Minas, foram presos em massa e detido TIRADENTES, no Rio de Janeiro, onde se achava adquirindo armamento.

Vem o processo cuja duração vai para três anos.

Os conjurados, no duro cárcere, procuravam eximir-se de suas culpas.

Agiganta-se, a essa altura, a figura de TIRADENTES.

Com altivez, coragem e absoluta calma, com a mais perfeita compreensão dos seus deveres para com a Pátria, projeta-se grandioso e, destemido, acompanha o processo.

Ele, só ele era, de tudo, o culpado; e, impávido e tranqüilo, recebeu a sentença de morte, satisfeito por saber que seus companheiros não sofreriam a pena capital.

Que importava morrerse, se pela Pátria fazia?

Assim, no dia 21 de abril de 1792, saía da Cadeia Pública de Vila Rica, em passo fúnebre, rumo à rua das Cabeças, um préstito sinistro, imensamente pavoroso.

Tiradentes subiu ao patíbulo com a mesma coragem e altivez de sempre, recebendo a morte como herói e pioneiro da Liberdade do Brasil.

Findo o ato de seu enforcamento, um grito imenso, ou antes, um gemido surdo e prolongado irrompeu da multidão.

Morrera TIRADENTES.

Era o grito de repulsa de um povo escravizado; era a manifestação espontânea, natural de um povo que nasceu forte, sujeito a tôdas as privações; era um cântico de glória ao grande herói que tombava pela Liberdade da Pátria.

Entretanto, o exemplo ficou; e graças a José Bonifácio, Clemente Pereira e outros grandes brasileiros, tivemos (apenas trinta anos mais tarde) o Brasil livre do domínio português.

Hoje, mais uma vez, a Pátria se levanta para glorificar seu filho. E o faz com orgulho notável, na certeza de que a atual e as porvindouras gerações terão em JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, grande exemplo de coragem e de abnegação.

MIUDEZAS EM GERAL

FERRAGENS, UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS,
LOUÇAS, VIDROS, ARMAS E MUNIÇÕES
Fios, Barbantes, Cordas, Cabos, Rêdes, Encerados,
Cachimbos e demais Artigos para fumantes.

ARTIGOS PARA CAÇA
E PESCA EM GERAL

IRMÃOS DEL GUERRA

COMERCIO E INDUSTRIA S/A

Tels. { 36-6311 - RAMAIS R. FLORÊNCIO DE ABREU N.ºs 619 a 625
34-1234 - Caixa Postal, 4733 - End. Teleg. «IDEGÊ»
36-4439 - DEPÓSITO SAO PAULO



SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CÁSSIA

Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CÁSSIA

(Bacharelada da Escola de Jornalismo "Casper Libero" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

Um projeto que, sem dúvida alguma, está causando sensação nos meios políticos de nosso país, é o do senador Mozart Lago.

Dando à mulher prerrogativas policiais, fazendo-a ingressar efetivamente em tal atividade — pois um corpo feminino será organizado e agregado ao Departamento Federal de Segurança Pública — estaremos mais bem servidas, ou melhor, mais bem amparadas moral e psicologicamente.

Quem, melhor do que outra mulher, poderá compreender os sentimentos femininos e as reações, que muitas vezes os maltratos, os desenganos e a desgraça podem ocasionar?

Todavia, apesar de já existirem 60 investigadoras, no Rio de Janeiro, e algumas outras dezenas em nossa própria capital, levantam-se os policiais, os militares e os homens, em geral, contra essa medida. Alegam eles que perderemos a nossa feminilidade; que, de tanto dar porretadas, com cassetetes e canos de borracha, acabaremos por concorrer com o deputado Tenório Cavalcanti.

Ora, isto tudo são babozeiras. Uma mulher, realmente feminina, jamais o deixará de ser, sejam quais forem os empregos e cargos que venha a ocupar.

Portanto, deixemos que elas escolham livremente a carreira pela qual se sentiram atraídas. Deixemos que busquem amparar e defender os direitos seus e de suas companheiras. Afinal, se existem médicas, advogadas e engenheiras, jornalistas, funcionárias públicas e vendedoras de jornais, porque não existir também diplomatas, investigadoras e delegadas de polícia?

Que o Itamarati continue vedado às mulheres; mas que outros não sigam o seu exemplo, ficando assim presos a preconceitos antiquados e prejudiciais.

SER OU NÃO SER

As irmãs Dione, célebres quintuplas, que acabam de completar dezoito anos de vida, são os únicos seres humanos que desmentem a lei de Bertillon, segundo a qual não há duas pessoas que

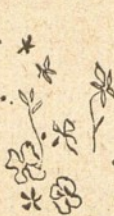
tenham as mesmas impressões digitais. As cinco apresentam as mesmas.

Em Hyde Park, um jovem inglês assombrou o público

daquele local quando, apresentando-se com uma caneta em cada mão, pediu a dois expectadores que lhe ditassem, ao mesmo tempo, um texto em francês e outro em inglês. Enquanto,



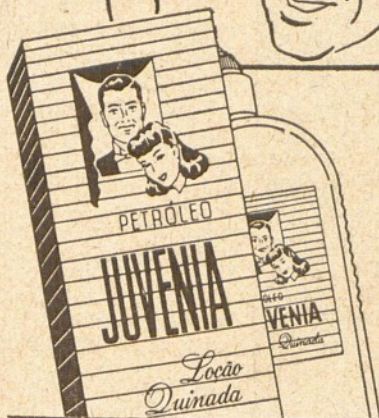
Fixa



Perfuma



Tonifica



os cabelos

PETRÓLEO

JUVENIA

com a mão esquerda, escrevia na língua materna, simultaneamente, com a direita, redigia o texto em francês.

Para batizar a filhinha de Ida Lupino e Howard Duff, um fan da estrela mandou trazer, da Palestina, água benta especial para aquela cerimônia.

Nada como ter cartaz, vocês não acham?...

Em "Morley Road School", Chaddesten, Inglaterra, um professor adotou um novo e fascinante método de ensino, o qual tem dado os melhores resultados. Trata-se de um boneco articulado, de nome "Joey", pertencente ao aludido professor "Mr. William Dowling" — sobre cujos joelhos se senta, para ensinar aritmética, língua, história,

geografia e outros conhecimentos gerais.

E' o mestre mais popular da escola. Mede 75 cm. de altura; traja uma jaqueta esporte e calças de flanela.

Para maiores esclarecimentos adianta-se que o professor Dowling é ventríloquo; condição "sine qua non" para essa modalidade de ensino.

BELEZA E PERSONALIDADE

O que mais preocupa as noivas é o fato de como confeccionar o enxoval. Desejam fazê-lo o mais rico possível, assim como também o mais variável. Pensam em milhões de coisinhas enfeitadas com rendas, em mandar vir do Norte do Brasil ou dos Estados Unidos, bluzas trabalhadas a mão ou camizolas de "nylon"; gastam um dinheirão em bugigangas, que depois acabam encostadas num canto, por não acharem ocasião para usá-las.

E' preciso que essas noivinhas pensem um pouco mais seriamente, quando fizeram suas compras, poupando o dinheiro dos pais, ou de seus próprios ordenados, para aplicá-los mais acertadamente em cousas realmente úteis e proveitosas.

Façam um enxoval prático, bonito e elegante, mas que seja ao mesmo tempo durável, pois, depois de casadas, certamente não lhes sobrá muito dinheiro para andar reparando os êrros que cometeram, quando ainda tinham a cabeça no mundo da lua.

E, já que estamos falando de enxoval, que tal vocês acham êstes dois modelos de vestidos de noiva, selecionados especialmente para vocês?



Jacques Griffe idealizou, para o dia mais bonito da vida da mulher, o modelo em organdi suiço com motivos plissados. A anáguas, que lhe aumenta a roda, é debruada por um largo babado plissado, onde se acentua a saia do vestido, ligeiramente mais longo atrás.



Receituário Amoroso:

Amizade quebrada — (Minas Gerais) — Não adianta voltar a ter amizade por essa moça, que tão ingrata mostrou ser. O mais que poderia acontecer é você passar uma temporada agradável e sem novidades, mas, quando as cousas estiverem entrando novamente nos eixos — pode ter certeza — ela mais uma vez far-lhe-ia uma urçada. Será que você nunca ouviu o ditado do cesteiro ?

Afaste-a de si, se quiser ser feliz. E' preferível passarmos por ruínas, aos olhos dos outros, do que sermos bobas a vida inteira.

Boneca enfeitada — —

(São Paulo) — Não ligue para as rabugisses de seu noivo, continue a ser a mesma garota enfeitada, que tão bem lhe soube prender o coração. Se ele não gostasse de pintura e nem de garotas enfeitadas, por certo não perderia tempo com você. Além do mais, prezada consulente, existem tantas garotas que não usam pintura, aqui na nossa cidade. Em todo o caso, experimente diminuir a pintura, por uns tempos. Se não der certo, volte a usar a maquiagem antiga. Não custa tentar, não é verdade ?...



De linha elegante e de corte estudado, este casamento é criação recente de "Cristian Diar", que uniu "tulle" branco com renda de Brivet.

SEMPRE OS MARIDOS:

Hoje, minhas leitoras, para amenizar a monotonia de seu dia de canseiras re-produzo, neste cantinho, as lamentações mais comuns da parte de nosso mui estimado "cara-metade".

São elas:

- 1) Mas como ? O almoço ainda não está pronto ?
- 2) E' isso ! Você vive mimando os nossos filhos !...
- 3) Não adianta ! A sua mentalidade é muito restrita.
- 4) Eu não sei porque você tem sempre de estar fora de casa, quando eu chego !...
- 5) Está bem ! está bem ! Você nunca se interessa pelo meu trabalho.

- 6) Puxa! Aqueles seus parentes são de amargar! Bem!...
- 7) Desculpe. Eu não sabia que tinha de andar descalço, em minha própria casa.
- 8) A esposa de F. é que sabe se trajar.
- 9) Dêsse jeito o meu ordenado não vae dar nem para o bonde... Bem, é melhor parar aqui, porque senão... a cobra vae fumar!

CHAPÉUS ORIGINAIS

Ao que parece, os chapeleiros não têm mais o que inventar. Vejam só estes dois modelos recentes, criados por "Mr. John, Nova York" — O primeiro tem o dramático encanto de um inverno com neves. Plumas de avestruz e pingentes de cristal dão o acabamento alucinante, que tanto nos causa admiração.

A outra criação é denominada "Magia da meia-noite", e foi confeccionada com material brilhante.

Que tal? Vocês não se sentem tentadas a usar semelhantes novidades?...



CUIDADO COM A TEMPERATURA

Desde o caso de Aira Iatva, os médicos finlandeses não se cansam de prevenir a população a respeito do uso de meias "Nylon", quando a temperatura está muito baixa.

Envolvidas em "nylon", as pernas desta finlandesa de dezenove anos gelaram, enquanto Aira Iatva esperava um trem, na estação de Kynmenc. Se bem que a temperatura fosse de doze graus abaixo de zero e aqui, graças a Deus, êle não chega a tanto, convém que tomemos as nossas precauções, pois bem diz o ditado: "Mais vale prevenir que remediar".

ENRIQUEÇA SEU MENU

Hoje vou dar-lhes as receitas de três sobremesas bonitas, gostosas e fáceis de se preparar. Para assegurar-me de que as receitas estavam corretas, preparei-as para a minha casa e posso afirmar-lhes que são de mesmo de se tirar o chapéu. Não são nada parecidas com aquelas receitas tiradas do livro e que, ao mesmo tempo, de um bom quarto de termos gasto uma porção de ingredientes, constatar-mos, com pesar, que alguma coisa estava errada.

LARANJAS RECHEADAS



Ingredientes:

5 laranjas; 1/4 de litro de água; 1/4 de litro de vinho branco; 100 g. de açúcar; 2 ovos e 3 colheres de sôpa de Maizena.

Modo de fazer:

Cortam-se as tampas das laranjas e retira-se o conteúdo, cuidadosamente, para não se romper a casca. Fervem-se a água e o vinho com o açúcar, juntando-se-lhes, a seguir, as gemas e a maizena, previamente diluída em água fria. Deixa-se a mistura esfriar um pouco e juntam-se o caldo das laranjas e a clara batida em neve. Recheiam-se as laranjas ôcas e põem-se na geladeira. Servem-se enfeitadas com crême de "chantilly" e cerejas, ou morangos.



PUDIM DE COCO

colheres de farinha de trigo e 3 de queijo.

Modo de fazer:

Faça, com o açúcar, uma calda em ponto de fio, retire-a do fogo e, depois que ela estiver morna, ajunte-lhe o coco ralado. Deixe-a esfriar e, enquanto isso, vá batendo as claras e depois as gemas. Bata o mais que puder, despe-

jando-as a seguir na calda, agora fria. A seguir acrescenta a manteiga, a farinha e por fim o queijo. Bata novamente, até que tudo esteja bem branco. Despeje em fôrma previamente untada com manteiga e leve ao forno, por uns quarenta minutos. Só vire a fôrma quando o pudim estiver frio, caso contrário correrá o risco de quebrá-lo, o que não é nada agradável.



Ingredientes:

1 quilo de açúcar em ponto de fio; 10 ovos bem batidos; 1 coco ralado; 10



DELICIOSO

Ingredientes:

1 lata de leite condensado;

1 coco e 1 colher de sôpa de manteiga.

Modo de fazer:

Misture os três ingredientes e, quando estiverem

bem misturados, distribua tudo em forminhas, previamente untadas com manteiga. Leve ao forno por uns quarenta minutos, e, depois de prontas, coloque as quijadinhas em formas de papel. Sirva frias.

CONSELHOS PRÁTICOS

1) Para acabar com as formigas de sua casa, ferva algumas cascas de batata e depois despeje a água nos cantos, onde elas costumam aparecer. Como por milagre, elas desaparecerão, da noite para o dia.

2) Se quiser que os peixes e camarões fiquem livres do lodo do mar, ou rio, esprema meio limão na água e deixe-os de molho, pelo menos uma meia hora. O re-



sultado obtido será cem por cento satisfatório.

3) Se seu filho deixar cair tinta na camisa, ou no calção, não se desespere. Esprema algumas gotas de limão sô-

bre a mancha; acrescente um pouco de sal, e exponha a roupa ao sol. Quando a mancha houver desaparecido, lave bem o local, onde o limão estava, e torça a peça, sem susto, pois estará novamente pronta e em perfeitas condições, para ser usada.

ALGUNS PENSAMENTOS

— Quem não ama e jamais tenha amado, possui o coração pobre de afeto e vazio de fantasia e de ídolos, que dão colorido à vida e significado ao coração.

Girolamo Venanzoi

— A frieza e o relaxamento da amizade têm suas razões; no amor, não há outro motivo tão poderoso para cansar-se do que esse de ter sido amado.

La Bruyère

— Pelo espírito da mulher passam os louvores li-sonjeiros, como aves transitórias que não deixam sulco em seu caminho.

Coelho Neto

Oficiais do Corpo de Bombeiros em — missão no estrangeiro —



(Gentileza de "A GAZETA")

Em fevereiro último, com destino aos Estados Unidos, via aérea, embarcaram o maj. Armínio de Melo Gáia Filho, diretor técnico do Corpo de Bombeiros e ten. Samuel Rubens Armond, oficial especializado da mesma unidade.

Levaram a missão de estudar, experimentar e selecionar o mais moderno aparelhamento de prevenção e extinção de incêndio e de salvamento.

Além dos Estados Unidos, aqueles oficiais visitaram a Inglaterra, Alemanha, França e Holanda, onde tomaram contacto com as mais modernas fábricas de material de bombeiros.

O regresso dos distintos camaradas verificou-se a 15 de abril.

Declarou o maj. Gaia que apresentará detalhado relatório ao ten. cel. Augusto Ferreira Machado, comandante do C.B., sob cuja esclarecida supervisão os técnicos irão decidir a respeito da aquisição do material necessário ao desenvolvimento do plano de aperfeiçoamento do Corpo de Bombeiros da Força Pública do Estado.

Aos ilustres oficiais nossos cumprimentos pelo êxito obtido na missão que lhes foi atribuída.

No clichê, o maj. Gaia e ten. Armond, quando eram recebidos, no Caminho de Congonhas, pelo seu comandante e falavam à reportagem de "A Gazeta".

NOTÍCIAS DO 8.º B. C.

A oficialidade do 8.º B.C. da Fôrça Pública, sediado em Campinas, enviou ao cap. Jaime dos Santos o seguinte ofício:

“Os oficiais do 8.º B.C., abaixo assinados, vêm com esta felicitá-lo pelo brilhantismo e grande oportunidade dos artigos de sua autoria publicados em nossa revista “Militia”.

Com nossas felicitações, a exteriorização de nosso entusiasmo por tão belos artigos, que de modo tão marcante expõem nossa missão e nossos trabalhos para a manutenção da ordem e da segurança pública.

Queremos pedir-lhe que continue a expor nossos problemas e indicar à administração do Estado as soluções para eles, pois, pelo que já fez, mostrou-se estar bem ao par de nossas necessidades, situação e possibilidades, tão pouco aproveitadas e reconhecidas.

Continue, para o bem da Fôrça Pública, é o nosso pedido. (aa) major Fausto Quirino Simões, cap. Plínio Rolim de Moura, cap. Cálío de Campos Montes, tens. Nelson Simões Schefer de Oliveira, Valdomiro Portes, Antônio Bruno, Osvaldo Teixeira Pinto, João Mário Cezerwinka, Aloísio Borges e ten. med. dr. Renato Carrara.

SOCIEDADE HÍPICA DE CAMPINAS

As atividades esportivas do R.C. da Fôrça Pública prendem-no à Sociedade Hípica de Campinas. Maio se aproxima e, mais uma vez, veremos os garbosos comandados do ten. cel. Agenor abrilhantando a temporada oficial de hipismo, no clube dos pupilos do ten. cel. Maximino.

Os cavaleiros da terra das andorinhas mudaram-se recentemente para a nova sede, na Fazenda Maria Amélia da Lapa, quilômetro 3 da estrada Campinas-Souzas.

Muito já se fez para a transformação dessa propriedade agrícola em Clube Hípico. Os preparativos para a temporada vão decorrendo animadíssimos, simpaticamente orientados pelo dinâmico diretor, sr. Luís Gasparetti Jr., figura já tão estimada nos meios da Fôrça Pública, pela sua gentileza, quer para com o 8.º B.C., aquartelado em Campinas, como para com todos os componentes da nossa Milícia.

De parabens, pois, o Clube. Estamos certos do êxito de suas festividades.

MAIS UM QUE TOMBOU...

Mais um que tombou no cumprimento de dever!

No dia 31 de março p. passado, no quartel do 8.º B.C., chegava a no-

tícia de que em SOCORRO, uma das cidades servidas pelo Batalhão, fôra assassinado o soldado Antônio Silvestre da Silva.

O natural sentimento de revolta de seus companheiros tinha sido, em parte, satisfeito, pois, o telefone acrescentava que o assassino pagára a afronta feita, caindo frente à arma manobrada, em legítima defeza, por outro soldado que acudira o colega.

Naquele dia, os elementos do destacamento receberam ordem da autoridade policial para procurarem um desordeiro, que invadia terras e praticava depredações.

Era mais uma diligência, mais um serviço de rotina, próprio de pequenas cidades interioranas.

Entretanto, mal sabiam os soldados dela encarregados que a maldade armára um braço assassino.

O desordeiro, entrincheirado, transformou a arma de caça em arma de choque, pela introdução de um punhal na boca de seu "carabino"; abriu uma vala, entocaiou-se, e abateu o primeiro soldado que teve a desdita de surgir à sua frente.

Assim, morreu no cumprimento do dever, honrando o juramento prestado, o sd. Antônio Silvestre da Silva.

"Militia", interpretando os sentimentos da Corporação e de seus companheiros de farda, lhe presta a mais sentida homenagem póstuma.



TORREFAÇÃO E MOAGEM

— DO —

CAFÉ ROCHA

A. ROCHA & IRMÃO

MATRIZ:

Rua da Cantareira, 1179

Fone: 31-4404

SÃO PAULO

Congresso das Polícias Militares

Fala o presidente do Clube Militar da Fôrça Pública, cel. Odilon Aquino de Oliveira, sôbre o acontecimento.

DADA a favorável repercussão que teve entre os componentes da Fôrça a nota publicada no último número de MILITIA, sob a epígrafe acima, procurámos o Presidente do Clube Militar, cel. Odilon Aquino de Oliveira, para saber de s. excia. qual sua opinião a respeito do próximo conclave dos componentes das Polícias Militares, a realizar-se na Capital paulista. Sôbre o evento declarou-nos o cel. Odilon: "Antes de "Militia" lançar a louvável e oportuna sugestão, já havíamos tratado, em reunião da diretoria do Clube, das possibilidades de realizarmos, por ocasião dos festejos do 4.º Centenário de São Paulo, um congresso das Polícias Militares, isto, procurando ir ao encontro das aspirações dos nossos companheiros não só da Fôrça Pública, como das demais corporações policiais-militares dos outros Estados. Lendo MILITIA, senti a satisfação em constatar que tal empreendimento estava também sendo ventilado em suas colunas, como um atestado eloqüente de que a realização vem atender aos anseios da grande família a que pertencemos.

A respeito do magno assunto já tratei ligeiramente com o Comandante Geral da Fôrça. Como se cuida de



Cel. Odilon Aquino de Oliveira

congresso que irá reunir em São Paulo mais de uma centena de representantes das vinte e uma corporações policiais-militares brasileiras, pois pretendemos convidar delegações de tôdas elas, esperamos contar com a solidariedade das autoridades estaduais.

Temário

Estamos organizando a relação dos temas a serem debatidos e aceitaremos, prazeirosamente, as sugestões que nos forem enviadas das outras Polícias Militares. Em tempo oportuno oficiaremos aos senhores comandantes das Forças Policiais co-irmãs e aos senhores presidentes de entidades que reúnem os seus componentes, no sentido de contribuir para facilitar a vinda das suas respectivas delegações a São Paulo”.

O problema mais importante

A nossa pergunta de qual, a seu ver, era o problema mais importante a ser debatido no congresso, respondeu-nos s. excia.: “São vários os problemas a exigir solução para que os serviços que prestamos aos nossos Estados, sejam mais eficientes e produtivos. Entre eles reputo da maior importância o que diz respeito à definição das funções. Definidas as nossas funções, teremos a participação efetiva e ampla das Polícias Militares no policiamento dos seus Estados, de forma a abranger todos os aspectos do serviço policial, desde o delineamento dos planos até a execução do serviço repressivo. Neste último caso, achamos que a direção da execução deve ficar, como não pode deixar de ser, a cargo dos elementos da própria corporação.

Pluralidade de Organizações Policiais

Continuou s. excia.: “Para atingirmos o objetivo acima, necessitamos solucionar a questão da pluralidade de organizações policiais, o que acarreta não apenas maior despesa orçamentária, pois cada uma dessas corporações tem a sua parte administrativa a consumir boa porcentagem de homens, mas, principalmente, dificulta a coordenação dos

serviços. Aqui na Capital, por exemplo, temos cinco corporações no desempenho da missão policial. Acredito que o mesmo se dê com relação aos outros Estados da Federação.

Elevação do nível cultural dos quadros

Será ventilada a elevação do nível cultural dos quadros, dentro dos recursos de cada corporação, especialmente no que concerne a oficiais e sargentos.

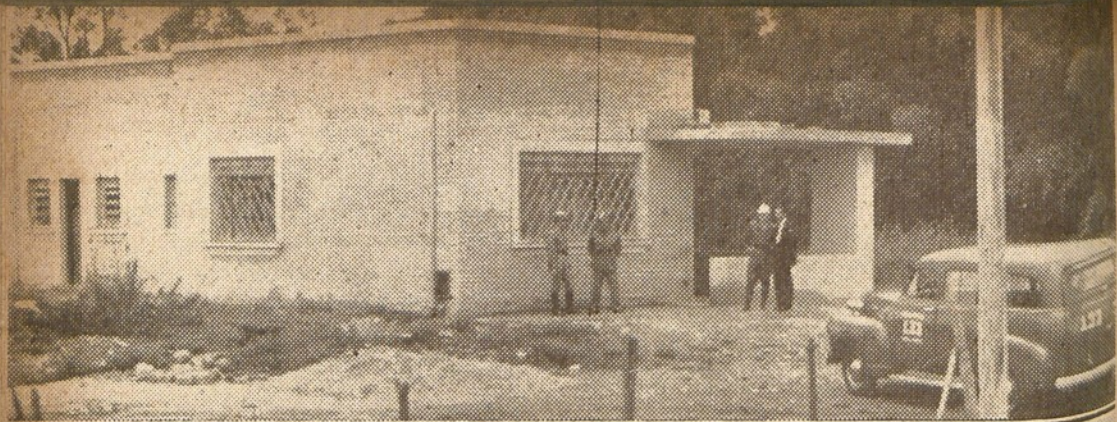
Dentro desse propósito e cumprindo uma das finalidades dos Estatutos, a Diretoria do Clube Militar organizou, em fins do ano passado, um curso de preparatórios aos exames vestibulares da Faculdade de Direito, de forma a facilitar a matrícula de grande número de componentes da Força Pública naquele estabelecimento de ensino universitário, o que virá coroar a nossa formação policial.

O curso destina-se a oficiais, sargentos e demais praças da Corporação e funcionará, este ano, a partir de 5 de maio.

Essa iniciativa foi tomada pela Diretoria do Clube, considerando que, dia a dia, o desempenho da árdua missão policial se torna mais complexa, frente aos novos aspectos assumidos pelo policiamento do Estado, que evolue de maneira incessante e vertiginosa, exigindo, principalmente por parte dos oficiais, o conhecimento de diversos ramos do Direito.

Regimento Interno

Estamos estudando a feitura de um regimento interno, para nortear os debates, o que evitará a tumultuação das sessões, permitindo a que cheguemos a resultados efetivos e práticos, no Congresso das Polícias Militares, a realizar-se no 4.º Centenário de São Paulo.



Aspectos de terrenos onde serão instaladas novas estações

DESCENTRALIZAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS

O Corpo de Bombeiros da Força Pública do Estado de São Paulo, sob a esclarecida orientação e capacidade de ação do ten. cel. Augusto Ferreira Machado, caminha, aceleradamente, na distribuição de zonas, estações e postos de salvamento, pelos pontos estratégicos do município, indicados pela estatística e técnica relativas aos serviços de extinção de incêndio e salvamento. Confirmando o fato, podemos anunciar que já foram oficialmente ocupados os terrenos situados à rua Sumidouro, em Pinheiros e à rua dos Trilhos, no bairro da Moóca (essencialmente industrial) e que o comando do C.B. já cuida da imediata instalação das guarnições respecti-

vas, com o indispensável material especializado. Também se encontra em vias de ocupação, para o mesmo fim, a área de terreno situada à rua Cisplatina, no Ipiranga.

E' oportuno registrar, ainda, a instalação de postos de salvamento em Interlagos, Eldorado, no Iate Clube de Santo Amaro e, o último, no lago do Parque Ibirapuera.

Cumprimentando o comandante Machado, pelo vulto e valor das iniciativas que se vão concretizando, "Militia" promete aos leitores, oportunamente, a publicação de ampla e detalhada reportagem sôbre as atuais atividades do Corpo de Bombeiros.

SERSON, HOLLAENDER
ENGENHARIA — CONSTRUÇÕES LTDA.

AV. IPIRANGA N.º 103 — 9.º ANDAR.



(Gentileza da "Revista Imparcial")

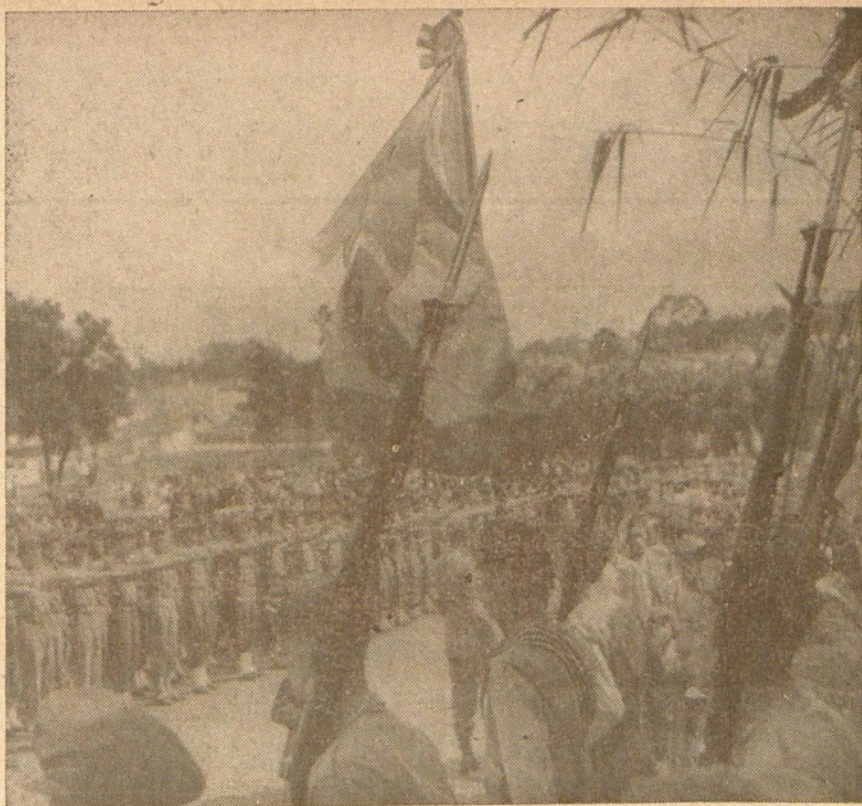
IV Centenário de Santo André

SANTO André da Borda do Campo, a cidade de João Ramalho, viu transcorrer, sob entusiásticas festividades e sobejas manifestações de civismo, o 4.º centenário de sua fundação, no dia 8 de abril último.

A ordeira e laboriosa população do grande centro industrial paulista, compareceu em massa às numerosas comemorações que marcaram, indelévelmente, a passagem da magna data do dinâmico município.

As 9,30 hs., d. Paulo Rolim Loureiro, bispo auxiliar de São Paulo, oficiou solene missa, assistida por altas autoridades civis e militares e inúmeros fiéis. A seguir desfilaram, com gerais aplausos da multidão, o tiro de guerra e colégios locais, ao som da Banda de Música da Força Pública.

As 11 hs., com a maior solenidade, foi inaugurado o Monumento a João Ramalho — o Patriarca dos



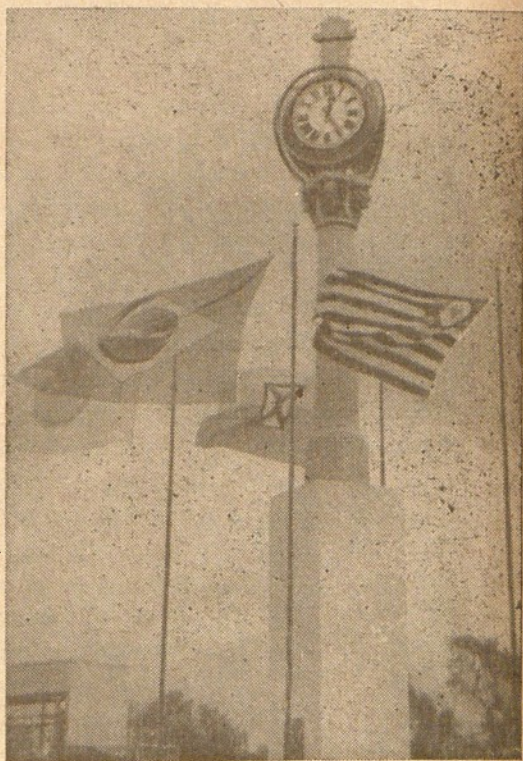
Bandeirantes — oferecido à cidade pela Colônia Portuguesa de Santo André.

Prestado, depois, o compromisso dos reservistas do município, foi lido o boletim alusivo à data e feita a entrega de medalhas aos vencedores do último torneio de tiro ao alvo.

A Colônia Japonesa de Santo André, associando-se às festividades, ofereceu à cidade um relógio público, inaugurado, também, solenemente.

Sôbre a efeméride pronunciaram brilhantes discursos o prof. Tito Lívio Ferreira, dr. Lencastre Veiga e o eng. Hugo de Macedo.

«Militia», noticiando os fatos comemorativos do 4.º Centenário de Santo André da Borda do Campo, se associa ao vibrante entusiasmo cívico dos moradores da culta e progressista cidade.



CRUZ AZUL DE SÃO PAULO



Funcionários da Cruz Azul homenageiam a sra. Ramos Nogueira

Recentemente as atenções da oficialidade da Fôrça Pública voltaram-se para a Cruz Azul de São Paulo, instituição beneficente e educativa de nossa Corporação, que há mais de cinco lustros vem prestando inestimáveis serviços aos familiares dos milicianos de São Paulo. E' que, com o início do biênio 1953-54, sufragar-se-iam os novos órgãos dirigentes da modelar organização, exemplo da capacidade realizadora e do altruísmo dos dirigentes e componentes da Fôrça Pública de ontem. Assim, a 13 de janeiro último, em nobre e dignificante disputa, na mais viva demonstração de camaradagem e formação democrática, centenas de associados manifestaram sua preferência na escolha do Conselho Deliberativo, órgão superior, fiscalizador e orientador da vida da entidade. Duas chapas se apresentaram aos sócios-eleitores que lo-

tavam as dependências do Ambulatório da Cruz Azul, em quase unanimidade de comparecimento, numa perfeita e elevada demonstração de entendimento dos deveres sociais e de interesse pelos destinos da magna entidade. Ao fim do sufrágio secreto, sagrou-se eleito o seguinte Conselho Deliberativo: ceis. João de Quadros e Júlio Dino de Almeida, ten. cel. Augusto Ferreira Machado, majores Hugo Bradaschia, Arminio de Melo Gaia Filho e Benito Serpa, caps. José Gladiador, Djanir Caldas e Xavier Ferreira, 1.os tens. Ricardo Gonçalves Garcia, João Aúreo Campanhã e Jarbas de Carvalho.

Cumprindo dispositivos estatutários, a 13 de março próximo passado, instalou-se solene Assembléia Geral, na sala de reuniões do Ambulatório, para o fim especial de dar posse ao Conselho Deliberativo eleito. Como o cel. João de

Quadros houvesse assumido o cargo de comandante geral da Fôrça, passando, automaticamente, a ser o presidente nato do Conselho, foi convocado para substituí-lo o suplente eleito, ten. cel. dr. Henrique Arouche de Toledo.

Instalada a mesa diretora dos trabalhos, com a presença de inúmeras autoridades civis e militares, usaram da palavra os ceis. Cândido Bravo e José Ramos Nogueira, respectivamente pre-

vamente, o ten. cel. Augusto Ferreira Machado e cap. Djanir Caldas. Em votação secreta foi, a seguir, eleita a seguinte diretoria, para o biênio 1953-54: presidente, cel. Homero da Silveira; vice-presidente, ten. cel. Nelson de Carvalho Rosa; 1.º secretário, cap. Bento Barros Ferraz; 2.º secretário, cap. Jorge Mesquita de Oliveira; 1.º tesoureiro, maj. Olímpio de Oliveira Pimentel; 2.º tesoureiro, 1.º ten. Sebastião Donato;

Na sala da presidência, uma homenagem do Corpo Clínico ao cel. José Ramos Nogueira. Vê-se, ao centro, o novo presidente da Instituição.



sidente do Conselho Administrativo e da Diretoria que concluíram o mandato.

Encerrando a sessão solene falou o cel. João de Quadros, salientando os trabalhos realizados pelos órgãos dirigentes da Cruz Azul, no biênio findo, e concitando os conselheiros recém-empossados a continuarem a ação anterior, em busca do aperfeiçoamento e progresso da Instituição.

Dando continuidade aos processos previstos no regulamento da Cruz Azul de São Paulo, para a constituição da cúpula de sua administração, a 19 de março, reuniu-se o Conselho Deliberativo, extraordinariamente, para a eleição de seu procurador e secretário e da Diretoria da entidade. Para os dois primeiros cargos foram eleitos, respecti-

almojarife-aprovisionador, 1.º ten. Ernesto de Castro Queiróz.

Finalmente, como último ato destinado a concretizar a remodelação administrativa da Cruz Azul, em obediência aos estatutos correspondentes, no dia 6 de abril, às 9 hs., em animada sessão extraordinária, o Conselho Administrativo deu posse solene à Diretoria sufragada.

Com a presença de altas autoridades e de grande e seleta assistência, os novos diretores prestaram o compromisso de bem servir à Instituição.

A seguir, falaram o cel. José Ramos Nogueira, presidente da Diretoria anterior, transmitindo o cargo ao cel. Homero da Silveira e apresentando sucinto relatório das atividades levadas a efeti-

to na sua gestão; o novo presidente, congratulando-se com a obra da Diretoria cujo mandato expirava e apresentando o novo plano de administração. Também discursaram o major Benito Serpa e cel. Cândido Bravo, êste agradecendo as referências ao Conselho anterior e augurando feliz gestão aos novos órgãos dirigentes da Cruz Azul.

Encerrando a sessão, o cel. João de Quadros, comandante geral da Fôrça

Pública e presidente nato do Conselho Administrativo, pronunciou expressivas palavras de elogio e estímulo aos diretores.

Após foi servido aos presentes magnífico "beberete".

"Militia", presente a todos os atos relativos ao novo capítulo da história de nossa filantrópica Associação, felicita aos conselheiros e diretores, augurando-lhes feliz gestão.

PRAIA E CAMPO

S F I N K S

ARTIGOS DE ESPORTE PARA
HOMENS, RAPAZES E CRIANÇAS

LEON VOGEL

Rua José Paulino, 576 - Fone: 52-5717 - SÃO PAULO

— A realização de um ideal fortemente sonhado imprime, à alegria dela, um sentimento de desilusão. Dir-se-ia que a felicidade se surpreende e oprime, como exilado condenado ao pranto.

NEERA

Miliciano,

a

SEC. REEMBOLSÁVEL DO S. I.

(Quartel do S. I. — Rua Alfredo Maia, 194)

defende os seus interêsses
porque oferece o que Você
necessita, a preços inferiores
aos da praça.

Faça-lhe uma visita —————
————— logo que puder

Visita ao Parque Aeronáutico

A 14 de abril, o cel. João de Quadros, cmt. geral da Fôrça Pública, acompanhado do cel. Luiz Gonzaga de Oliveira, chefe do E.M., cel. João de Oliveira Melo, D.G.I., ten. cel. Naul de Azevedo, chefe do S.M.B., ten. cel. Rubens Teixeira Branco, sub-chefe do E.M., ten. cel. Aparício de Barros Messias, chefe do S.I., dr. Gurgel de Saint'Clair, diretor das Oficinas e ten. José Onofre Hardt, visitou as dependências do Parque Aeronáutico da 4.a Zona Aérea.

A comitiva, gentilmente recebida pelos cel. chefe do E.M. da 4.a Zona Aérea, cel. chefe do Parque e oficiais disponíveis, teve oportunidade de percorrer detidamente tôdas

as dependências da notável organização, colhendo a melhor das impressões do trabalho racional, disciplinado e eficiente que ali reina.

O cel. Faria Lima, chefe do Parque Aeronáutico, e oficiais, ofereceram um almôço à delegação da Fôrça Pública, a qual foi saudada, com expressivas e carinhosas palavras, pelo maj. sub-chefe do Parque.

Agradecendo, falou, pelos oficiais da Fôrça, em brilhante improviso, o ten. cel. Naul de Azevedo.

Foi mais uma bela festa de camaradagem entre brilhantes oficiais da Aeronáutica e nossos companheiros da Milícia Estadual.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Aguaí — Cachoeira Paulista — Guaratinguetá — Jacarei — Lorena — Paraibuna — Pindamonhangaba — Roseira — Santa Branca — Santa Izabel — São Bento do Sapucaí — São José dos Campos — Taubaté.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial .. 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681



(Gentileza de "A GAZETA")

CONFERÊNCIA

O ten. cel. Cícero Bueno Brandão, cmt. do 6.º B.C. da Fôrça Pública, vem de proferir, em Santos, a convite da Diretoria do Círculo Operário do Embaré, magnífica conferência sob o tema «A situação operária nos dias atuais».

S.s. cativou a atenção de grande público, focalizando importantes aspectos do problema da assistência social e indicando providências a serem tomadas, a fim de que a vida das classes menos favorecidas seja mais suave e confortável.

Finalizando, o cmt. Cícero exortou os operários, em linguagem sim-

ples e acessível, a compreenderem a situação difícil que o país atravessa e cooperarem com os poderes públicos, aumentando a produção e mantendo o necessário clima de ordem. Destarte, acentuou, melhores dias virão, como recompensa às dificuldades atuais.

A sessão foi presidida por D. Idílio José Soares, bispo de Santos, encontrando-se presentes altas autoridades civis e militares.

«Militia» cumprimenta o ten. cel. Cícero Bueno Brandão, pelo brilhantismo e sucesso da conferência proferida.



Flagrante da solenidade levada a efeito no salão nobre da Secretaria da Segurança Pública, vendo-se entre outras autoridades, os srs. Elpídio Reali e cel. João de Quadros

Dia das Polícias

Civis e Militares

Várias solenidades assinalaram a passagem do dia 21 de abril último, nos departamentos policiais de São Paulo.

Assim é que, comemorando o acontecimento, em tôdas as unidades da Fôrça Pública houve formaturas, seguidas de leitura de boletins especiais, com exaltação da figura de Tiradentes, patrono das polícias civis e militares.

As comemorações tiveram particular realce no Presídio Militar «Romão Gomes», eis que a festiva

data marcava, também, o quarto aniversário do nosso modelar instituto penal militar, dirigido, desde a sua fundação, pelo cap. Yolando Prado.

A Secretaria da Segurança Pública solenizou a data, procedendo a diversas inaugurações de serviços policiais, tais como novas instalações no Departamento de Rádio Patrulha, Secção de Divulgação, novas delegacias, exposição de documentário, finalizando o programa com a exibição de um filme sôbre técnica policial.

O dr. Elpídio Reali, Secretário da Segurança Pública, que presidiu



Aspecto da festa cívica realizada no Corpo de Bombeiros

às solenidades, em brilhante oração salientou o significado da data, ressaltando a necessidade, cada vez maior, de um perfeito entrosamento das unidades da polícia, e dizendo que a segurança tem sido mantida

em São Paulo, graças à perfeita unidade de trabalho existente entre a Polícia Civil e a Força Pública do Estado.

Os clichês fixam diversos aspectos das comemorações.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**

Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Da sessão ordinária da Diretoria, realizada em 30 de abril último, extraímos o seguinte:

Isenção de Impôsto de sêlo Federal

O cel. Procurador transmite à Diretoria a intimação recebida da Delegacia Fiscal, sôbre a isenção até aqui concedida do impôsto de sêlo federal nas transações imobiliárias e que, segundo a decisão da Diretoria das Rendas Internas do Ministério da Fazenda (Recebedoria Federal em São Paulo), não alcança as antarquias, razão por que ficam os beneficiários intimados a pagar os selos federais nas transações imobiliárias, conforme notificação também feita ao tabelião ao qual foi distribuído o processo respectivo. E a concretização dêsse ato deve ser processada pela parte diretamente no cartório respectivo, conforme comunicação que oportunamente será feita.

Pensões concedidas

633,00 a d. Julieta Pacheco da Silva com os menores Nadyr e Waldyr Teodoro da Silva, aquela como viúva e estes, como filhos do sd. do R.C. João Teodoro da Silva, falecido a 25 de novembro de 1952 — matriculados sob n.º 3270; 1.139,40 a d. Esther Rodrigues da Silva, como viúva e única beneficiária do sd. rfm. João Rodrigues da Silva, falecido a 20 de janeiro do corrente ano, em Taubaté — matriculado sob n.º 3271; 1.139,40 a d. Jandira Maria de Magalhães, com as menores Rosa Maria de Magalhães e Rosária Monteiro de Magalhães, aquela como viúva e estas como filhas do sd. José Monteiro de Magalhães, do T.J.M., falecido nesta Capital a 1.º de fevereiro do corrente ano — matriculadas sob n.º 3272; 2.100,60 a d. Ana Tereza Venâncio com o menor Vicenzo Venâncio, aquela como viúva e êste, como filho do 3.º sgt. rfm. Nicola Venâncio, falecido nesta Capital a 11 de fevereiro do corrente ano — matriculados sob n.º 3273; 2.759,40 a d. Hermínia de Almeida Nogueira, com as

menores Myrtes Nogueira de Almeida e Myrthila Almeida Nogueira, aquela como viúva e estas como filhas do 2.º ten. rfm. Manoel Ramos Nogueira, falecido em S. José dos Campos, a 25 de fevereiro do corrente ano — matriculadas sob n.º 3274.

Exclusão de pensionista

Transferência de quota

Nos termos do art. 53, letra "d" do Regulamento em vigôr, a pensionista matriculada sob n.º 952-A, d. Carmem Branco, transferindo-se para sua irmã Dulce Branco, a sua quota na importância de Cr\$ 166,50, ficando esta última com a pensão de Cr\$ 333,00, em harmonia com o art. 54, do citado Regulamento.

Extinção de Pensões

De acôrdo com o art. 53 do Regulamento, pelos motivos abaixo discriminados: por falecimento, 300,00 da pensionista n.º 1370, Gertrudes Francisca de Paula, a 30 de março do corrente ano; 150,00 da de n.º 2274-A, Rosa Barbosa, a 11 de março do corrente ano; 390,00 da de n.º 1866, Maria Cândida Panele Giangola, em janeiro do corrente ano. Esta pensão corria por conta do Estado; por ter atingido a maioridade: 150,00 do pensionista n.º 1880-A, Sérgio Mariano dos Santos, a 25 do corrente mês.

Transferência de quota

De acôrdo com o art. 54 do Regulamento, foram transferidas para os seus parentes já inscritos, pelos motivos abaixo discriminados: por terem contraído matrimônio: 150,00 da pensionista n.º 2256-A, Rosária Ferreira do Nascimento, a 14 de fevereiro do corrente ano, para sua genitora que fica com a pensão de Cr\$ 300,00; 37,50 da de n.º 2092-A, Nair Alves da Silva, a 3 de janeiro do corrente ano, para sua genitora, que fica com a pensão

de 300,00; 150,00 da de n.º 1788-F, Aloisa Peres, a 26 de maio de 1951, para sua genitora que fica com a pensão de Cr\$ 300,00; por terem atingido a maioridade: 75,00 do pensionista n.º 3024, Alcândino Dias Cordeiro, a 9 do corrente mês, para sua irmã que fica com a pensão de 150,00; 75,00 do de n.º 1637-D, Eliseu Rufino a 8 do corrente mês, para sua genitora e irmão, que continuam com a pensão de 300,00; 75,00 do de n.º 1659-I, Antônio Augusto Garcia, a 23 do corrente mês, para sua genitora e irmão, que continuam com a pensão de 300,00; 75,00 do de n.º 2061-E, Cláudio Cristovam, a 10 do corrente mês, para sua genitora e irmão, que continuam com a pensão de 300,00; 50,00 do de n.º 2269-A, Noirton Alves Moreira, a 8 do corrente mês, para sua genitora e irmão, que continuam com a pensão de 300,00; 30,00 do de n.º 2345-A, Dirceu Ciriaco, a 18 do corrente mês, para seus irmãos que continuam com a pensão de Cr\$ 300,00; 37,50 do de n.º 2564-A, João Avelino, a 25 do corrente mês, para sua genitora e irmãos, que continuam com a pensão de 300,00; 583,20 do de n.º 3111-C, Milton de Lima Franco, a 16 do corrente mês, para sua genitora e irmãos, que continuam com a pensão de 3.499,20.

Retenção de Pensão

De conformidade com o art. 55, do Regulamento, fica retida nesta Caixa, a pensão atribuída ao menor Wilson Alcides, por não ter sido procurada por sua genitora, d. Maria Joana Rodrigues, desde 30-IV-52, conforme parte n.º 154, da 3.ª Secção.

Empréstimos Hipotecários

300.000,00, ao cap. Hugo de Almeida Portela; 308.000,00, ao cap. Sebastião Rufino Freire e 100.000,00 ao cap. Carlos Menezes (este último, de acórdão com o art. 69).

No requerimento em que o major rfm. Benedito Ferreira, solicita a concessão de um empréstimo hipotecário de 180.000,00 para aquisição do restante do prédio n.º 4-33, da rua Alfredo Ruiz, em Bauru, do qual já é meeiro, por herança, foi exa-

rado o seguinte despacho: — Dê-se ao processo o curso regulamentar”.

Empréstimo sob Compromisso

200.000,00, ao cap. Geraldo de Lima Penido; 200.000,00, ao 2.º ten. Edgar Lara; 180.000,00, ao 2.º ten. Paulo Barbosa Rangel; 140.000,00, ao subten. Osias Pereira Lopes; 150.000,00, ao subten. Mileu Teófilo de Oliveira e 75.000,00, ao cabo Benedito Vasconcelos.

Empréstimos Suplementares

72.909,00, ao 1.º ten. Ezequiel Corrêa de Araujo e 124.000,00, ao 1.º sgt. Benedito Prestes de Camargo.

Empréstimo Complementar

Ao subten. Josino Rodrigues, 24.970,00 para perfazer o total da avaliação do prédio n.º 173, da Estrada do Bispo, no bairro de Santana, nesta Capital, que é de Cr\$ 128.970,00.

Permissão para venda de Imóveis

Ao ten. cel. Otacilio Vieira, para vender o imóvel de sua propriedade, sito à rua Guaicurus, em Sorocaba, hipotecada a esta Caixa Beneficente, em virtude de sua transferência para esta Capital, devendo antes saldar o débito existente; ao cap. Mário Timóteo de Oliveira, para vender o imóvel da rua Dr. Ismael n.º 300 — Vila Irma — casa 19, nesta Capital, do qual é compromissado com esta Caixa Beneficente, devendo antes saldar o débito existente.

Outros Assuntos

O cel. Procurador deu as boas vindas e congratulou-se com a Diretoria pela assunção do cargo de seu vogal, ten. cel. Aparício de Barros Messias, cuja posse lhe foi dada em sessão do Conselho, recentemente. Disse das qualidades que exornam o caráter desse nobre companheiro, uma das mais elevadas expressões de capacidade e inteligência dos quadros superiores da Força Pública e de cuja dedicação e amor ao trabalho, a Entidade muito se beneficiará. Declarou, por isso, estar a Diretoria de parabens e pediu que se consignasse em ata essas congratulações, pedido este que foi unanimemente aprovado.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLIVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Victoria Subercaseaux, 173 2.º piso (Santiago) — teniente Efraín de la Fuente Gonzáles.

— Prefectura General (Valparaiso) — capitán Franklin Troncoso Bachler.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — capitán Moysés Suty Castro

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante Maranhão.

AMAPA (Divisão de Segurança e Guarda)

— Sede (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Major Caetano Felix do Nascimento

BAHIA (Policia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — major Darcy Fontenelle Castro

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Manoel Apolinário Chaves.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

— Escola Técnica do E.B. — cel. pe. João Tenei de Camargo e Silva.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 2.º ten. Brasil Coury

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — ten. cel. Hermenegildo T. do Nascimento.

PARA (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Walter Moreira Cals.

PARAIBA (Policia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.

PARANA (Policia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — Cap. Washington Moura Brasil.

— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.

PERNAMBUCO (Policia Militar)

— Q.G. (Recife) — cap. João Rodrigues Pereira.

PIAUI (Policia Militar)

— Q.G. (Teresina) — cap. Santiago Vasques Filho.

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. Capitão Walter Zulmino Pereira de Castro

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. — cap. Antônio Morais Neto

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

- Q.G. (Porto Alegre) — 2.º ten. Ernani Pereira de Aquino.
- 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos
- 1.º B.C. (Santa Maria) — ten. Pedro Celeny S. Piress Garcia.
- 2.º B.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.
- B.G. (Rio Grande) — 2.º ten. João Matos de Araujo.
- 3.º B.C. (Passo Fundo) — Asp. Armando Chaves Credideu.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — 2.º ten. Manoel Gomes

SÃO PAULO (Força Pública)

- Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.
- C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.
- B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima
- R.C. (Capital) — cap. Plínio Desbrousses Monteiro
- C.B. (Capital) — 1.º ten. Samuel Rubens Armond
- B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaicuru de Carvalho.
- Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — 2.º ten. Hugo Jabnel de Faria
- 2.º B.C. (Capital) 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.
- 3.º B.C. (Ribeirão Preto) 1.º ten. Odilon Spinola Neto.
- 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos
- 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. Mário Ferreira
- 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Luiz Nobrega e Silva
- 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Álvaro Parreiras
- 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto
- S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.
- S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.
- S.I. (Capital) — 1.º ten. José Picelli
- S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva
- S.Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.
- E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
- S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva
- S.S. - H.M. (Capital) — 1.º ten. Irani Paraná do Brasil
- S.Trns. — cap. Joaquim Gouvêa Franco Júnior
- 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — 1.º ten. Manoel Molica
- 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godoi
- 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti
- 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Souza Filho.
- 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França
- Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.
- Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Jalmir C. Costa
- Polícia Florestal (Capital) — Alfredo Costa Júnior

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



MILICIANO

EXEMPLAR

Reformou-se, recentemente, como cabo, o sd. **ANTÔNIO AMÂNCIO DA SILVA**, do 6.º B.C.

Praça de modelar conduta, teve seus méritos salientados em expressivo elogio, formulado por seu comandante de companhia, cap. Thomás de Aquino Machado, que "Militia", com prazer, transcreve:

"O sd. Amâncio, filho de União, Estado de Alagoas, onde nasceu em 1904, atraído pela pujança de São Paulo, decidiu prestar à sua Milícia a leal dedicação de seu trabalho, a partir de 25-VI-1926, quando então se alistou voluntariamente, nas fileiras da Fôrça.

Após 12 semanas de proveitosa instrução de recrutas, no então Batalhão Escola, foi classificado praça de pré no 6.º R.C., onde pertenceu até hoje, sendo considerado o soldado número 1, pelo seu amor à Unidade, revelado em 26 anos de bons e leais serviços, visando realçar sempre as brilhantes tradições do 6.º B.C.

Como cidadão, sua atitude na sociedade e sua conduta no lar, sempre se revestiram de todos os requisitos que a moral preceitua; como soldado, define-o bem a sua classificação no **EXCEPCIONAL COMPORTAMENTO**. Jamais sofreu a mais leve punição.

Vida modesta, mas nobre, feita de trabalho, de dedicação que teve como norte a preocupação de servir ao Estado e à Pátria e por divisa a dignidade e o dever, conforme atestam os inúmeros elogios, louvores e agradecimentos que ornaram a certidão de assentamentos do sd. Amâncio, que depois de desempenhar várias missões, por vèzes espinhosas e de grande responsabilidade, encerra suas atividades como armeiro.

Ao ensejo da despedida iminente de tão prestante camarada, o comandante da 2.ª Companhia, reconhecido, cumpre o elementar dever de justiça, em agradecer e elogiar públicamente o seu antigo, zeloso e dedicado armeiro, soldado Antônio Amâncio da Silva, honrando assim o verdadeiro mérito".



A vida militar dá o hábito da ordem, ensina a disciplina, inocula o respeito à lei e faz mais intenso o amor à glória da Pátria.

Gen. Dionísio Cerqueira



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em tôdas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

AEROVIAS BRASIL

R. Libero Badaró, 320

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

AEROVIAS BRASIL

PANAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos

NOVA TURMA DE PARAQUEDISTAS

Nova turma de paraquedistas, num total de 11 elementos, acaba de executar o seu 3.º salto.

Tal fato se reveste de muita importância para nós, principalmente se atentarmos para a deficiência do nosso material de treinamento, pois na verdade nada temos, por enquanto, senão muita coragem, extremada boa vontade e... paraquedas.

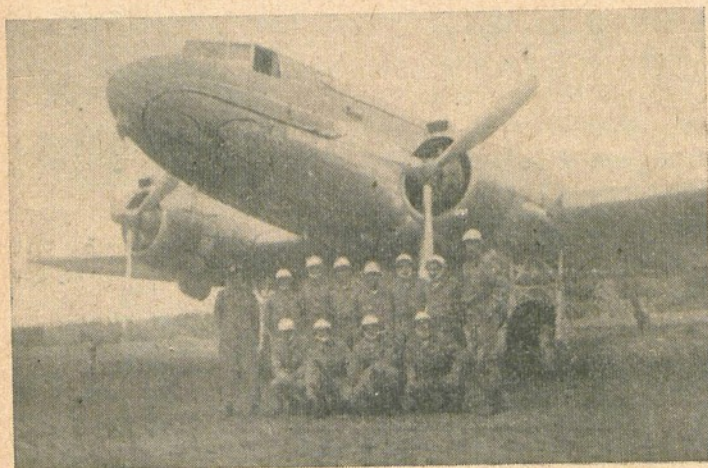
Graças à cooperação da VASP, que nos colocou à disposição um dos seus modernos Douglas, a nova turma seguiu, na manhã de sábado e domingo (dias 28 e 29 de Março), para Santos, a bordo do "PP-SQJ", pilotado pelo comandante Nery, daquela empresa e piloto particular do vice-governador do Estado, estando a tropa sob o comando do capitão Aduino Fernandes de Andrade, que já da primeira vez tornou possível o salto da primeira turma de paraquedistas da Força, que bem alto

souberam elevar o nome da Corporação nas selvas de Goiás.

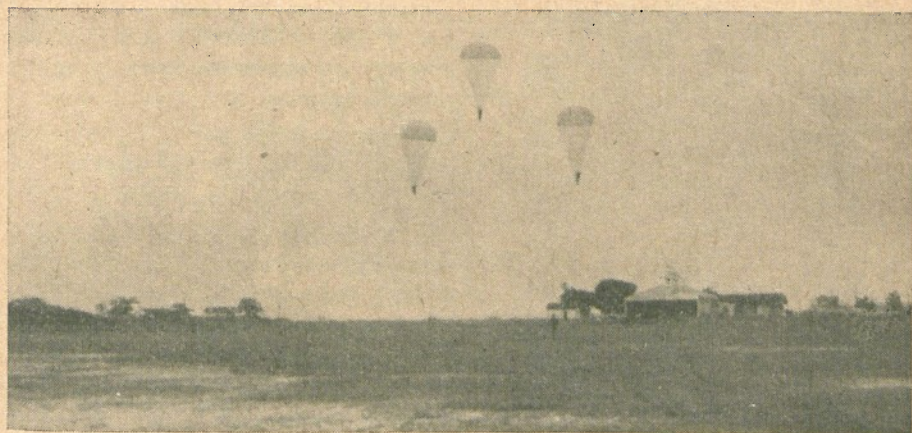
Os saltos se realizaram sobre o campo de pouso da "Air France", na Praia Grande, onde também já se encontrava o capitão Milton Ciriaco, da D.G.I. e diretor do Curso de Paraquedistas da nossa Milícia, com os seus auxiliares para os socorros imediatos.

Juntamente com o capitão Aduino seguiu o sargento Nestor, na qualidade de mestre de saltos e que mais uma vez se mostrou à altura da missão.

Contando com meios improvisados, desde o lançamento do "sonda", que foi feito, de cada vez, por um dos paraquedistas escolhidos no momento, a tropa, apesar de tudo, se mostrou arrojada, muito disciplinada, o que possibilitou exigir-lhe trabalhos mais pesados para que se pudesse levar a bom termo a tarefa daquele dia.



A nova turma de paraquedistas à frente do moderno Douglas "PP - SQJ".



Flagrante do salto realizado no campo de pouso da "Air France"

Entre os novos paraquedistas encontra-se o soldado Luís Gonzaga, que na última "São Silvestre" alcançou o 3.º lugar no computo geral e o 1.º para o Brasil.

E', pois, desta maneira, que a Fôrça Pública, sem medir sacrifícios ou perigos, procura superar as dificuldades que se apresentam, a cada passo, em seu caminho, a fim de que S. Paulo e

o Brasil possam tranqüilamente seguir a rota que o destino lhes traçou, tornando este último o "país do futuro".

E o mito do rigor no treinamento do paraquedista, desta vez, como da outra, também caiu por terra sob o arrôjo dos nossos homens, porque estes lutam por um ideal, animados por uma fé sadia.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

FOTO

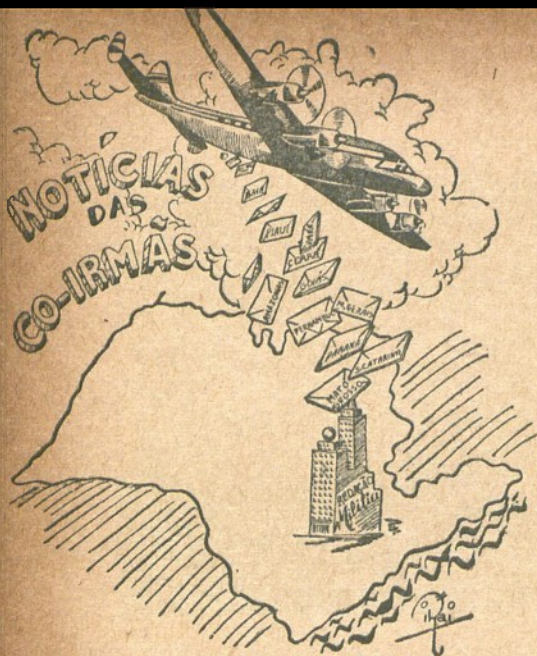
"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas

Rua Libero Badaró, 651

— 2.º andar —

São Paulo



AMAZONAS

TRECHO DA MENSAGEM DO CHEFE DO GOVERNO, RELATIVA A FÔRÇA POLICIAL

"Foram expedidas instruções para melhoramentos no tradicional quartel da Fôrça Policial, cujo telhado ameaçava desabamento.

Sob o comando do Coronel Manoel Corrêa da Silva, embora incompleta no seu efetivo, presta valioso auxílio na manutenção da ordem em Manaus e em vários municípios.

A Banda de Música, posto que tem instrumental completo, proporciona seu amparo ao Interior, nas festas religiosas locais.

Há necessidade de reaparelhar a Fôrça Policial a fim de que possa efetivar o seu programa preventivo e defensivo no Estado inteiro.

O efetivo da Polícia Militar foi fixado em 343 homens, mas, em virtude de diversas circunstâncias, êsse número tem variado, de sorte que em 31 de dezembro passado, a Corporação contava 327 homens alistados. Foi ótimo o índice disciplinar da tropa, conforme assegurou

ao Govêrno o seu digno Comandante, coronel Manoel Corrêa da Silva. Estão sofrendo atualmente reparos inadiáveis, pela diretoria dos Serviços Técnicos, os quarteis da praça João Pessoa e rua Doutor Machado. Internaram-se no hospital da Santa Casa alguns soldados por não se achar em condições de recebê-los a enfermaria regimental. Diminuiu, entretanto, o surto de moléstias contagiosas que tanto preocupou o Comando no ano anterior. Adquiriu-se, no Rio de Janeiro, à firma Magalhães e Sucupira, o brim cáqui necessário (4.500 metros) para confecção de uniformes durante o ano de 1952, não se achando, porém, pago êsse fornecimento, em virtude de não haver ainda o Comando recebido do Tesouro a soma a êle correspondente. A Polícia Militar não dispõe, presentemente, de equipamento, nem mesmo para atender ao serviço de guardas. Há necessidade imperiosa de serem adquiridos quinhentos cintos de guarnição completos para praças e cinqüenta para oficiais, lembrando o Comando a vantagem de adotar-se o modelo Mills, de lona cáqui, já em uso no Exército e demais Polícias Militares. Êsse equipamento poderá ser obtido no Serviço de Intendência do Exército, por preço inferior ao cobrado pelos fornecedores do mercado. Também está a tropa carecendo de capotes, num mínimo de quatrocentos.

Queixa-se o Comando de que a Linha de Tiro da Polícia Militar "vem sendo prejudicada, há muito, com a construção de casas na sua linha de fogo, estando por isso impossibilitado de determinar as instruções de tiro indispensáveis à tropa".

Apesar de tôdas essas necessidades que o Govêrno infelizmente, não pode remediar de pronto, escreve o Comandante Manoel Corrêa da Silva o se-

guinte, que muito abona o espírito de disciplina e abnegação de seus comandados:

“A situação da Polícia Militar não é das melhores. Como que relegada ao abandono durante mais de três anos, a Corporação não dispõe de nenhum material e tem tôdas as suas economias comprometidas, tendo mesmo chegado ao ponto de não poder mais movimentar nem as caixas internas, devido à falta de meios para tal fim. Com os quartéis quase em ruína, tivemos prejuízo de mais de 150 mil cruzeiros só em uma das salas, justamente a que mais carinho merecia, pois, organizada exclusivamente à custa de contribuição das praças, o seu valor estimativo era e é inestimável. Durante o ano, mantivemos policiamento ativo na capital e no interior, seja na parte referente à Polícia Militar, seja na parte de policiamento geral; mantivemos destacamentos em todos os municípios, atendemos a tôdas as diligências solicitadas e auxiliamos a Polícia Civil com uma patrulha diária de 15 homens, sem prejuízo do serviço policial-militar nos parques, casas de diversões e logradouros públicos”.

DISTRITO FEDERAL

AUMENTO DE VENCIMENTOS PARA A POLÍCIA MILITAR E PARA O CORPO DE BOMBEIROS

Em fins do ano passado, o presidente da República enviou à Camara, mensagem encaminhando um ante-projecto de lei, dispondo sobre o aumento de vencimentos do pessoal da Polícia Militar do Distrito Federal e Corpo de Bombeiros.

Na oportunidade, o comandante da PM teve ensejo de salientar o desfal-

que de praças em que se encontra a sua corporação, cujo efetivo, sendo de 5.849 soldados e 790 cabos, fixados em lei vigente, já por si insuficiente para atender às necessidades a que se destina, se acha reduzido a 2.215 soldados e 575 cabos.

Além disso, não pode o comando realizar um recrutamento mais selecionado, daí as constantes expulsões e atos repressivos que é obrigado a praticar, já que os vencimentos do pessoal não chegam a ser o mínimo exigido para a subsistência humana. Há um evidente sacrifício dos soldados, que são obrigados a dobrar serviço, devido à falta de elementos para revesamento.

Também os Bombeiros

Na mesma ocasião, pleitearam os Bombeiros, através do seu comandante medida semelhante: majoração de vencimentos e aumento de efetivos. Os claros naquela corporação são também grandes, pois, em qualquer função civil ou emprêgo na indústria ou comércio, os salários são mais compensadores.

A escassês de motoristas é tão grande, que ameaça de colapso os serviços motorizados da Corporação, isto porque, tão logo estão aptos para a função, são eles contratados pelas companhias de ônibus, pois, sem outra habilitação, estão prontos para dirigir veículos pesados.

O efetivo de Bombeiros necessário à Capital da República é de, no mínimo, 5.000 homens, não ultrapassando seu total atual de 1.282, que se tornou teórico, dada a constante evasão de praças. O comando, entretanto, tendo em vista as dificuldades atuais, sentir-se-á atendido se contar com 1.500 homens.

Os vencimentos

Propôs o governo que os vencimentos de soldados e assemelhados da Po-

licia Militar, que são hoje de 1.000 e 800 cruzeiros, passassem a ser de 1.310 e 1.200 cruzeiros; cabos de esquadra, bombeiros-corneteiros, bombeiros de primeira, segunda e terceira classes, que presentemente percebem 900, 800, 750, 650 e 600 cruzeiros, respectivamente, passassem a perceber, na mesma ordem 1.440, 1.310, 1.200 e 1.100 cruzeiros, ressalvadas as vantagens do Código de Vencimentos e Vantagens, a que têm direito.

Pareceres

Na Câmara, o projeto foi ter à Comissão de Constituição e Justiça, onde recebeu parecer favorável, seguindo então para a de Finanças. Ali, foi distribuído ao deputado Jandui Carneiro, que vem de aprontar seu parecer que deverá ser discutido nos próximos dias.

Declara o deputado aceitável, de modo geral, o projeto do governo, divergindo apenas quanto ao fato de ter sido despresado o princípio de que todo cargo, posto, função ou graduação, deverá ter correspondente padrão de vencimentos ou referência de salário. Assim entende que sem a revogação da lei geral (lei 488 de 15-11-948), não serão possíveis pagamentos de salários a cabos e soldados da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, sem que correspondam às respectivas referências exaradas, isto porque o artigo 11 da citada lei é de clareza meridiana.

Assim sendo acentua o deputado, ao serem reajustados os vencimentos das duas corporações, se deve seguir a orientação vigorante na lei, isto é, indicar referência numérica a cada valor mensal de salário, mantendo igualmente escalonamento de referências que ela adotou para as duas instituições, isto é, um número a mais na referência atinente ao cabo bombeiro e bombeiro

de primeira classe, em relação ao soldado, em virtude da especialidade do bombeiro e permanente risco de vida.

Outrossim, manifesta-se contra o artigo 5 da proposta do governo, que manda pagar apenas o sôlido à praça que servir fora de sua corporação, em atividades que não sejam estritamente policiais.

VISITA DE OFICIAIS DO CORPO DE CARABINEIROS DO CHILE

Estiveram no Rio de Janeiro, desde o dia 9 de abril último, a fim de tomarem parte nos trabalhos do "Seminário Latino-Americano Sobre a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente", promovido pela ONU, com a cooperação do governo brasileiro, os seguintes oficiais do Corpo de Carabineiros do Chile: caps. Eduardo Victoriano Toro e Ramón Villalobos Ramirez e tens. Pedro Rusque Adrian, Gustavo Aravena Rodrigues e Francisco Reyes Liard.

Quando de sua chegada, os ilustres visitantes foram recebidos no aeroporto internacional do Galeão, pelos ten. cel. João Pereira da Cunha, comandante do 6.º B.I.; major Manoel da Graça Lèssa, chefe do Gabinete do Comando Geral; major Reinaldo Lirio de Almeida, chefe do Serviço de Relações Públicas; e capitães José Nicodemos Bezerra e Aimoré Machado de Vasconcelos.

Após o desembarque, os oficiais chilenos dirigiram-se para o quartel do 6.º B.I., onde ficaram hospedados, depois de o ten. cel. Pereira da Cunha os ter apresentado à oficialidade da sua unidade.

Várias visitas e excursões foram levadas a efeito pelos visitantes, cumprindo esmerado programa previamente elaborado. Delas, ressaltamos: no

dia 13, visita ao exmo. sr. presidente da República e ao sr. chefe do Departamento Federal de Segurança Pública e ao Comando da Polícia Militar.

Quando desta última, o cel. João Ururahy de Magalhães, comandante da P.M. carioca, ofereceu um brinde aos visitantes, ocasião em que o cap. Eduardo V. Toro, chefe da delegação, entregou àquele oficial uma flâmula do Corpo de Carabineiros e um cartão de prata contendo expressiva mensagem de confraternização.

Agradecendo a homenagem, num brilhante improviso, o cel. Ururahy externou a satisfação que a corporação e ele próprio sentiam em merecer tão honrosa visita e fez votos pela consolidação da tradicional amizade chileno-brasileira e pelo maior intercâmbio e conagração entre as duas corporações policiais — a P.M. do Distrito Federal e o Corpo de Carabineiros do Chile.

DIA PAN-AMERICANO

Associando-se às comemorações do Dia Pan-Americano, realizadas a 14 de abril p.p., no Teatro Municipal, a P.M. se fez representar naquelas solenidades por todos os chefes de unidade e serviço da corporação e pelo Corpo de Cadetes da Escola de Formação de Oficiais.

ALTERADO O REGULAMENTO DA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

Por decreto de 1.º de abril último, do chefe da Nação, foi alterado o dispositivo relativo à idade dos candidatos ao ingresso na Escola de Formação de Oficiais, que passou a ser o seguinte: "ter a idade compreendida entre 16 anos feitos e 23 incompletos, referida à

data da matrícula, salvo para as praças com mais de um ano de serviço, que poderão ter no máximo 24 anos completos".

MATO GROSSO

ASSOCIAÇÃO DOS REFORMADOS DA P.M.

Em assembléa geral, realizada no dia 30 de dezembro p.p., foram votados e aprovados os estatutos pelos quais a Associação dos Reformados da P.M. do Estado de Mato Grosso se regerá, tendo sido eleita e empossada a sua primeira diretoria e conselho fiscal, assim constituídos.

Diretoria: presidente, ten. cel. Teomístocles Aristeu de Carvalho; pres. de honra, cel. Daniel de Queiroz; vice-pres., ten. cel. João Geraldo Xavier; 1.º secretário, major João Nunes da Cunha; 2.º secr., 1.º sgt. Alexandre Dias O. Campos; 1.º tesoureiro, cap. Cid Teodoro E. Santo; 2.º tes., 1.º ten. Sérgio Xavier de Matos; procurador-relator, cap. José Antônio da Costa; vogais, 1.º ten. Jovino Alves Neto e subten. Benedito Fabiano de Arruda.

Conselho Fiscal: major Arnaldo de Matos Cabral, caps. João Valentim do Nascimento, Antônio Pinto de Amorim e Alcebiades Cicero de Sá e 1.º ten. Benedito Avelino Teixeira.

21 DE ABRIL

Esta data, tão cara para a grande família policial-militar brasileira, como nos anos anteriores, não passou despercebida. Para comemorá-la, o comando da P.M. organizou e fez executar expressivo programa, dêle constando: alvorada, hasteamento da Bandeira, — leitura do boletim, especial — desfile de uma cia. do 1.º B.C. — oração alusiva à data, pelo aluno-oficial

Oldemar Pereira — inauguração do retrato do cel. Pedro Celestino Correa da Costa, ex-governador matogrossense — demonstração de esgrima de baioneta, pelos elementos do C.I.M. — partida de basquetebol, entre as equipes do C.I.M. e Nautico E. Clube — arriamento do Pavilhão Nacional.

Nas diversas solenidades estiveram presentes o sr. governador do Estado, representado pelo respectivo chefe da Casa Militar; o secretário da Agricultura, chefe de Polícia, prefeito da Capital, o cel. Ciro Sodré, o comando e oficiais do 16.º B.C., do E.B., o presidente do Tribunal de Justiça, outras autoridades e elevado número de convidados e pessoas gradas.

Durante a inauguração do retrato do cel. Pedro Celestino, falou o cap. Clodomiro Albernaz de Albuquerque, enaltecendo as qualidades morais e cívicas do homenageado. "Inauguramos nesta galeria — disse êle — o retrato de um grande matogrossense, cuja lhanza de trato, caráter ilibado, grande amor a esta terra, exemplo de trabalho, de dignidade e de patriotismo, houve por bem legar aos seus pósteros".

Durante a realização das demonstrações desportivas, foram servidos aos presentes bebidas, gelados e salgadinhos diversos. A Banda de Música do 1.º B.C. tocou em todos os atos.

PROMOÇÕES

Por Decreto de exmo. sr. governador do Estado, foram promovidos ao posto de 1.º ten., os 2.ºs tens. Domingos Santana de Miranda, Benedito de Campos Couto e Paulo Xavier, todos possuidores do C.F.O. da Força Pública Bandeirante. O primeiro foi classificado no C.G., o segundo no 2.º B.C. e o último no Pelotão Isolado de

Camapuã. Na sede do quartel do C.G., foi prestada significativa homenagem ao ten. Domingos, por parte do sr. cel. Comandante Geral, comandante do 1.º B.C. e oficiais, oferecendo ao promovido uma sortida mesa de salgados e gelados. Falou, nessa ocasião, em nome de todos os presentes, o major Ribeiro Leite Filho, também ex-aluno do C.F.O. da F.P. Paulista, que em magnífico improvisado enalteceu as excelentes qualidades de militar e cidadão do homenageado, manifestando o contentamento generalizado, quer no círculo de oficiais, quer no de subordinados. Sem favor nenhum, o ten. Domingos é realmente o militar padrão: educadíssimo, disciplinado ao máximo, dotado de uma invejável cultura geral, já demonstrada nas matérias que leciona com invulgar competência aos alunos ao C.F.O. da P.M. Matogrossense. O ten. homenageado, visivelmente emocionado, pronunciou belíssimas palavras de agradecimento prometendo servir com a mesma dedicação e boa vontade, aos altos interesses da P.M., do Estado e do Brasil. "Militia" apresentou ao recém promovido sinceras congratulações, com votos de uma brilhante e ininterrupta carreira ascensional.

TOMBARAM NO CUMPRIMENTO DO DEVER

Vítimas de uma covarde e sanguinária emboscada, quando em perseguição a um grupo de criminosos que militam na zona Leste de Mato Grosso, limite com Goiás, pereceram os 2.º sgt. Sebastião Paulo de Moraes, soldado Jacinto Soares do Nascimento, e o civil Benedito Paz, no dia 12 do corrente, no lugar denominado "Fazenda Mosquito", no município de Camapuã. O civil estava servindo de guia (prático), à es-



DÔR - GRIPE - RESFRIADOS
RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira



PANAM — Casa de Amigos

colta composta de um sargento, um cabo e dois soldados.

O sargento Sebastião era um autêntico policial, com longos anos de serviços prestados ao Estado, em diversas fases. Era, por isso, tido como elemento de inteira confiança de seus superiores, sempre disposto a enfrentar toda espécie de perigo, desde que assim o exigisse o cumprimento do dever. Ao lado de sua pouca cultura intelectual, alinhavam-se a disciplina, educação civil e militar, coragem, obediência e amor ao Brasil, predicados esses que o faziam estimadíssimo pelos seus superiores hierárquicos, colegas e subordinados. Além do grande círculo de amizade que usufruía no meio civil, principalmente na cidade de Várzea Grande, seu berço natal, aonde era tido como bom e leal amigo de todos. O sgt. Sebastião, sem favor nenhum, foi exemplar militar, bom filho, ótimo esposo e pai carinhoso. Dessa forma, o desaparecimento trágico e inesperado do inesquecível sgt. Sebastião P. de Moraes, causou profundo pesar à Corporação a que pertencia, sem distinção de postos ou graduações, como também à sociedade Varzeagrandense, que chora a perda do miliciano cem por cento, tanto exemplo de abnegação e bravura deu para honra e glória da farda que honradamente vestia. É mais um policial que tomba, de pé pelo Brasil, abatido pelas balas traiçoeiras dos inimigos da Lei, da Paz, da Justiça e do Trabalho. Nesta singela nota, "Militia", pelo seu representante, apresenta ao sr. Comandante Geral e demais elementos da P.M., as sinceras e mais sentidas condolências, pelo desaparecimento trágico e inesperado dos sgt. Sebastião e s.d. Jacinto Soares, extensivas às famílias desses dois milicianos

que souberam honrar e dignificar a farda policial-militar.

MINAS GERAIS

INSTRUMENTAL FRANCÊS PARA A BANDA DE MÚSICA

Está sendo embarcado na França moderno e completo instrumental, encomendado à Sociedade Impex, de Paris, pelo governo mineiro, destinado à Banda de Música do Batalhão de Guardas.

Sabe-se ainda que o material em apreço deverá ser entregue até o mês de maio próximo, devendo entrar imediatamente em utilização, de tal forma que possa ser apresentado na parada de 7 de setembro vindouro.

CASAS PARA OS ELEMENTOS DA P.M., NO INTERIOR MINEIRO

O deputado Dilermando Cruz encaminhou à Câmara dos Deputados, em data recente, um projeto, segundo o qual a Fundação da Casa Popular se obrigará a construir casas para os destacamentos da Polícia Militar de Minas Gerais, no interior do Estado.

Aquêle parlamentar justifica essa proposição, afirmando que nossa legislação coloca os militares dos diversos Estados numa classe sem direitos aos benefícios sociais de ordem geral e com a grave obrigação de deveres árduos e arriscados.

Adianta ainda o sr. Dilermando Cruz que, na maior parte das vezes, as prefeituras e os homens abastados do interior concorrem para o alojamento dos fiéis guardas da lei e da ordem, e que nada mais justo se estenda aos mesmos os direitos e vantagens dados aos trabalhadores, à custa de recursos obtidos pelo trabalho, só possível com

ardor e respeito às leis. Diz ainda o dep. juizdeforano que os membros dos destacamentos do interior da Polícia Militar são os homens que asseguram a tranqüilidade do trabalho e a garantia das prerrogativas dos cidadãos dignos de apóio moral e financeiro para a execução de suas tarefas. Daí a razão por que a Casa Popular, cumprindo o seu dever, deve contribuir para que se disseminem pelo interior de Minas Gerais, os recursos necessários para que os bravos soldados mineiros possam contar com a sua casa de morada.

O Texto do Projeto

Damos, a seguir, o texto do projeto de autoria do dep. Dilermando Cruz.

"O Congresso Nacional

decreta.

Art. 1.º — Fica a Fundação da Casa Popular obrigada a financiar casa de morada para os sargentos, cabos e soldados da Polícia Militar de Minas Gerais nos municípios do interior do referido Estado.

Art. 2.º — O financiamento será de cinqüenta-mil cruzeiros por unidade, juros de 2 por cento anuais.

Art. 3.º — Os candidatos a financiamento deverão ser proprietários do terreno para a construção.

Art. 4.º — O financiamento será concedido nas normas adotadas pela Fundação da Casa Popular, para suas construções, imediatamente após a apresentação da escritura do terreno e respectivas certidões negativas".

PROMOÇÕES DE OFICIAIS

O governador do Estado, em data de 21 deste mês, assinou, em Ouro

Prêto, atos promovendo, na Polícia Militar:

— Ao posto de ten. cel., por merecimento, os majores Apolino Alves Coelho Júnior e José Ferreira de Lima; e, por antiguidade, o major Antônio Carlos;

— ao posto de major, por merecimento, os capitães Gabriel Augusto dos Santos, Garcindo Simões Soares de Souza, Humberto de Melo, Pedro Pereira da Silva, Raul Gomes e Rodolfo Soares de Souza; e, por antiguidade, os capitães Antônio Santana, José Valentim de Moura e João Alves Coelho;

— ao posto de capitão, por merecimento, os 1.ºs tenentes Zulmiro Afonso da Mota, Sílvio Gomes de Souza, José Aquino Alves Pereira, Ezequiel Estevanato, Euclides Garcia do Carmo, Ataíde Vieira de Souza, Antônio Norberto dos Santos (2.º), Alexandrino Martins da Silva, Saul Alves Martins, José Marques Rosa, Argentino Madeira e José Viana; e, por antiguidade, os 1.ºs tenentes Raul de Oliveira Morais, Geraldo Natalino da Silva, Jarbas Alves Brasileiro do Vale, Obgair Romeiro, Antônio da Costa Dias Filho, Mauriti de Oliveira, Emanuel Moreira Kapel, Washington Dias Aragão, José de Almeida (1.º), Altivo de Assis Fonseca, José Leiva, Astolfo Vicente Maria e Valdir Pascoal;

— ao posto de 1.º tenente, por merecimento, os 2.ºs tenentes José Vicente Bracarense, João Carneiro de Vasconcelos, Eustáquio Murilo da Silva, Luiz Gonçalves de Lima, Alcides de Jesus; e, por antiguidade, os 2.ºs tenentes Alvaro de Oliveira Marino, Valter Ferreira da Silva, Manuel Doro Pereira e Altivo Gomes da Silva;

— ao posto de 2.º tenente, por merecimento, os subtenentes Henrique

Kemper Borges, Renato de Matos Champré, Sabino Lima, Ramiro Atanásio de Souza e Antônio de Aguiar;

— ao posto de 2.º tenente, por merecimento intelectual, os aspirantes a oficial, José de Andrade Drummond, Iêdo Miranda, Luiz Maria dos Santos, Sinval José de Amorim, Ari Braz Lopes, Jaime dos Santos, José Aleixo da Silva, Edmundo Seabra, José Teodoro da Silva Filho, Isaias Lopes, José Lopes da Silva (2.º), Lúcio Pereira Caldas, Antônio Soares da Cruz, José Abrantes de Sousa, Heimar Matos, José Cornélio dos Santos, Joaquim Corrêa de Matos, Carlos Augusto da Costa, Fernando Mendes, Sebastião Domingues, Osvaldo Martins, José Maria Santana, Adolfo Gomes Tavares, Vicente Gomes da Mota, Benone Kosky Pimenta, José Gonçalves Moreira, Urano Nunes de Queiroz e Cristiano Martins da Silva.

PARÁ

FALTA DE ARMAMENTO NA P.M.

O dr. Daniel Coelho de Souza, secretário do Interior e Justiça, vem de referir-se à notícia veiculada por um vespertino da capital paraense, segundo a qual está havendo falta de armamento na Polícia Militar, cujo comando já havia até entrado em entendimentos com firmas especializadas do sul do País, para aquisição do mesmo.

Esclarecendo o caso aquêlê titular declarou que o assunto foi ventilado em consequência do pedido de uma pistola "Royal", que seria cedida ao presidio S. José.

"Efetivamente — acrescentou — o comando da P.M. não pôde atender à solicitação. Todavia, tal sucedeu não por falta absoluta de armas, mas unicamente, por escassês de pistolas do tipo referido, que estão sendo empre-

gadas nos destacamentos do interior, cujas funções, meramente policiais, prescindem, normalmente, do emprêgo de fuzis, que são, como é sabido, armas de guerra. Mesmo por que não há motivos para que o govêrno tenha preocupações de tal ordem que venha a manter sempre bem armados os soldados destacados nos municípios do interior do Estado, onde apenas auxiliam a manutenção da ordem pública" — concluiu s. excia.

PARAIBA

CAPELÃO DA POLÍCIA MILITAR

Por ato recente do chefe do Executivo, foi nomeado para as funções de capelão da Polícia Militar com o posto de capitão, o monsenhor José Trigueiro de Brito, medida que repercutiu de maneira simpática no Estado.

Na tarde de 26 de março último, o cel. Ivo Borges, comandante daquela corporação, esteve no Palácio do Govêrno, onde fêz a apresentação, ao governador José Américo, do capelão Trigueiro de Brito.

RIO GRANDE NO NORTE

VISITA DO GOVERNADOR E SEU SECRETARIADO

Retardada na sua chegada à redação de "Militia" nem por isso deixa de ser digna de nota a notícia que ora estampamos da nossa co-irmã norteriograndense.

Trata-se, além de tudo, de um fato novo que se registrou na vida daquela Milícia, conforme acentua nosso correspondente ali, e cuja significação levamos a divulgá-lo com particular interesse.

No dia 19 de dezembro do ano próximo findo, recebeu a corporação a honrosa visita do chefe do Executivo

Estadual, sr. Sylvio Piza Pedroza, que se fez acompanhar de todo seu secretário, para agradecer de modo solene, como fez, os reais serviços que a tropa acabava de prestar no interior do Estado, como garantidora que foi do pleito municipal ali realizado a 7 do mesmo mês.

Em cerimônia que teve lugar no pátio externo do quartel sede da corporação, com formatura geral da tropa e presentes os ilustres visitantes, foi lido o boletim diário, em suplemento, no qual o comandante geral, cel. Luciano Veras Saldanha, devidamente autorizado pelo governador, em ofício aí mesmo transcrito, elogiou, individualmente, os seguintes oficiais que destacaram como delegados especiais ou saíram comandando contingentes para a garantia do aludido pleito: majóres Celso Carlos Pinheiro, Júlio César Pinheiro, José Reynaldo Cavalcanti, José Ferreira Marinho e Altino Cordeiro de Paula; capitães Manuel Alves Freire e Álvaro Nunes; 1.os tenentes Raimundo Leocádio, Geraldo Gonzaga da Costa e Pedro Nunes de Souza; 2.os tenentes Hipólito Corsino do Nascimento, Alberto Manso Maciel, Durval Barbosa de Siqueira, Bento Manuel de Medeiros e Sebastião Medeiros de Aguiar e o aspf. Francisco Assis da Silva.

Esses prezados companheiros foram, em seguida, cumprimentados, um a um, pelo sr. governador, que lhes estendeu a mão, num gesto de insofismável coerência para com a atitude de absoluta isenção em que realmente se mantiveram em relação à campanha eleitoral, cumprindo todos mui fielmente as recomendações emanadas do próprio governo.

Encerrou-se a solenidade após o desfile da tropa em continência às autoridades que em seguida se retiraram.

Deixamos de parte o que nisto tudo coube à honradez do Governo, que, com tal procedimento, bem evidencia como se vem conduzindo no trato com a instituição policial militar de seu Estado, para manifestar daqui, ao Comando e demais componentes da P.M. potiguar, as nossas calorosas felicitações, por tamanha prova de consideração que acabam de receber, em razão justamente do dever cumprido.

RIO GRANDE DO SUL

AUXÍLIO AOS FLAGELADOS DO NORDESTE

Atitude digna de encômios vem de tomar a Brigada Militar que, bem compreendendo a aflitiva situação dos nossos irmãos do Nordeste, decidiu doar um dia de sôldo para a campanha encetada, em tão boa hora, pelo "Correio do Povo", de Pôrto Alegre.

Em reunião com os comandantes de corpo e chefes de serviço da capital, o cel. Venâncio Batista, comandante da Brigada, propôs aquela contribuição, por todos os elementos da corporação, no que foi atendido unânimemente. Em face desse apêlo, dirigiu-se então aos comandantes de unidade do interior, os quais também atenderam ao seu apêlo. Assim, deverá ser considerável a quantia a ser arrecadada na Brigada Militar e que será encaminhada aos flagelados, por intermédio da L.B.A.

REGULAMENTO PARA AS PROMOÇÕES DE GRADUADOS DA BRIGADA MILITAR

O governo gaúcho, pelo decreto n.º 3855, de 6 de fevereiro de 1953, expediu o regulamento para as promoções dos graduados da Brigada Militar.

O regulamento em aprêço, estabelecendo os princípios, requisitos e as con-

dições básicas que regulam as promoções de praças da B.M., tem em vista: — “a seleção de valores profissionais, morais, intelectuais e físicos para o desempenho de suas funções; o acesso gradual, sucessivo, regular e equilibrado às diversas graduações, de modo que, aos graduados em igualdade de condições, sejam abertas possibilidades iguais”.

DIÁRIAS DE POLICIAMENTO

A lei n.º 2043, de 27 de fevereiro de 1953, vem de fixar os novos valores para as diárias corridas de policiamento, prevista no Código de Vencimentos e Vantagens, que passam a ser as seguintes: 15,00 - oficiais subalternos, 10,00 - subtenentes e sargentos, 8,00 - cabos, 6,50 - e soldados, 5,50.

Dispõe ainda o referido diploma legal que tais diárias serão pagas exclusivamente aos oficiais e praças empregados em efetivo serviço de policiamento civil, na capital ou no interior do Estado.

VISITA DE CORTESIA

No dia 28 de março último, o gen. ex. Odílio Denys, comandante da Zona Militar Sul, do E.B., esteve no Q.G. da Brigada Militar, em visita de cortesia à corporação, sendo recebido pelo seu comandante, cel. Venâncio Batista e oficiais da B.M.

S. excia., em breves palavras, saudou a Brigada Militar, tecendo comentários e louvando o valor das Polícias Militares, acrescentando que pode, com segurança, afirmar a necessidade da existência de tais corporações, pois, tendo comandado a P.M. do Distrito Federal, pelo espaço de mais de cinco anos, teve oportunidade de se convencer dos reais serviços que elas prestam e da importante missão que lhes cabe

na manutenção da ordem interna, solucionando de imediato os primeiros atritos e incidentes, no seu natural papel de Vanguarda Interna do Exército Nacional.

Acrescentou, ainda, que, nessas condições, estão as autoridades militares convencidas da útil necessidade da existência dessas Forças Policiais, pelo seu necessário emprêgo, em primeira mão, na solução de fatos perturbadores da ordem e segurança pública, tanto mais quanto, no momento presente em que atravessa a humanidade, pode-se considerar o mundo permanentemente em guerra, na qual se deve empenhar todos os elementos nacionais numa atividade, embora discreta, porém, ativa e constante, evitando-se o contraprodente alarde e supervalorização de manobras de doutrinas exóticas e contrárias aos princípios realmente Democráticos.

Concluindo, disse sua. excia. que, conhecedor das necessidades dessas Forças e na qualidade de Comandante da Zona Militar do Sul, com jurisdição nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que abrange tôdas Forças Militares sediadas nesses Estados, inclusive as Polícias Militares, estará sempre pronto para solucionar, dentro de suas possibilidades, tôdas as dificuldades surgidas e que dependam diretamente de seu comando.

A seguir, o comando da B.M., sensibilizado pelos eloqüentes elogios que acabara de receber dessa alta autoridade militar, agradeceu a gentilisa da honrosa visita, manifestando o desejo de que outras visitas fôsem feitas, para que sua excia. conhecesse mais intimamente os diversos órgãos, serviços e corpos de tropas pertencentes à Brigada Militar, dizendo ser com verdadeira satisfação que os oficiais desta Força

recebiam em seus quartéis a visita desse brilhante e culto Militar, sincero amigo das Polícias Militares .

ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA

Acha-se em organização na B.M., o Serviço de Psicologia aplicada, sob a orientação do dr. Nilo Antunes Maciel, professor de Psicologia da Universidade de Pôrto Alegre. Para isso será realizada uma seleção entre oficiais (aspirantes a oficial a capitão, inclusive), para provimento dos cargos que futuramente serão criados no futuro Serviço de Psicologia.

A seleção constará de provas de aptidão para exercício de atividade psicotécnica por meio de testes, tais como: prova de inteligência prática e abstrata e psicodiagnóstico, com finalidade de verificação de características de personalidade exigidas para o desempenho da função.

Os candidatos, aprovados e classificados na seleção, farão um curso básico de Psicologia Aplicada, assistindo às aulas da referida disciplina na Faculdade de Filosofia e estágio prático no serviço de Psicologia do Departamento de Ensino da Varig.

O aproveitamento do estágio e das aulas, propiciará aos selecionados, os elementos necessários para o exercício da profissão de Psicotécnicos, no setor da psicologia militar.

Na seleção será levada em conta, a favor dos candidatos, o currículo escolar apresentado pelos candidatos: Colégio, Curso Universitário, etc..

Alterações nos Comandos de Unidades

Por ato do governo estadual, foram transferidos: para o C.I.M., como comandante e superintendente do ensino, o ten. cel. Olavo João Urquia Cas-

tagna, do Batalhão de Guardas; para o C.B., como comandante, o ten. cel. Tisiano Felipe de Leoni, do 5.o B.C.; para o Batalhão de Guardas, como comandante, o ten. cel. Wilson Odilon Torres, do 1.o R.C.; e para o 5.o B.C., como comandante, o ten. cel. Ernani Ferraz Machado, do 3.o R.C.

SANTA CATARINA

PROMOÇÃO DE OFICIAIS

Por ato do governo catarinense, foram promovidos: a capitão, por merecimento, o 1.o ten. Leandro da Silva Júnior; a 1.o ten., por merecimento, os 2.os tens., Newton Lemos do Prado, Maurílio Roberge, Onildo Pinto de Oliveira e Roque de Oliveira Mendes, e, por antiguidade, Airton João de Souza, Oscar da Silva e Carlos Alcides Lauth.

No quadro de administração: a 1.o ten., por merecimento, o 2.o ten. Alfredo Luís Teixeira e por conclusão do Curso de Formação de Oficiais de Adm., os sub-ten. José Félix Vieira e José Manoel Corrêa.

No quadro de saúde: a 1.o ten., por merecimento, o 2.o ten. farm. Werner Keuneck.

SERGIPE

118.o ANIVERSÁRIO DA POLÍCIA MILITAR

Foi comemorado com várias festividades o 118.o aniversário da criação da Polícia Militar de Sergipe, transcorrido no dia 5 de março último.

Ao comando, oficiais e praças daquela co-irmã, os efusivos cumprimentos de MILITIA, com os melhores votos de felicidade e prosperidade para a corporação.



Direção do 1.º ten. FRANCISCO A. BIANCO JR.

Amparo à Educação Física

No intuito máximo de lutarmos pelo desenvolvimento da Educação Física em todos os seus setores, e visando-a em todos os seus ângulos, desejamos solicitar aos nossos caros oficiais, responsáveis por essa matéria nas suas Unidades, um empenho de amplitude maior, objetivando a educação integral do homem, "atendendo à formação somática equilibrada, em estreita conexão com a formação moral, de modo que a educação física não se transforme no embrutecimento ou no aniquilamento do espírito, em prejuízo da "máquina humana", que deve ser tratada e cultivada com esmero, a serviço do que o homem possui de mais nobre: — "a personalidade" (Renato Kehl). Dessa importância geral resulta, no interesse da Corporação, o preparo do nosso homem, bem educado fisicamente. Dada a sua profissão policial-militar, dadas as difíceis missões que tem, para o bom cumprimento de seus deveres, mister se torna fazê-lo

fisicamente forte e resistente para o trabalho. E educação física bem ministrada e bem orientada, os desportos bem dirigidos, em prática diária e uniforme, farão do nosso elemento um ser fisicamente apto.

E, na afirmação de Phelippe Tissier, de que "a educação física é a arte e a ciência de conduzir o corpo a bem servir o espírito", necessitamos batalhar por ela, já que, infelizmente, nem sempre é bem praticada, por falta de inteligência e de bom senso dos que a cultivam e, às vezes, por falta de orientação ou de ação disciplinadora dos mestres dessa disciplina.

Daí, pois, o nosso trabalho e a nossa vontade em pugnar com bastante interesse, pela formação básica do nosso homem, que não é só o homem da Força Pública, nem o homem do Brasil, mas simplesmente — *um homem, um sêr*, que se deve aprimorar para a vida.

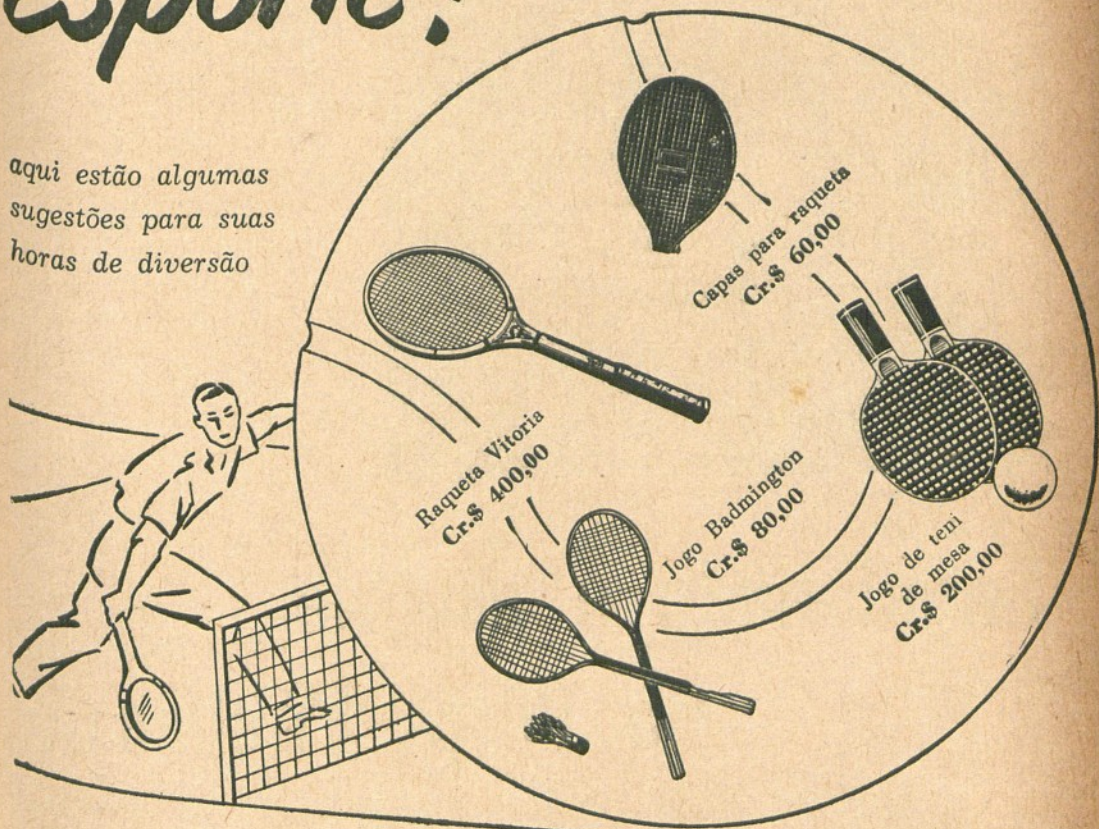


Bendita seja a esperança, filha dos céus, eterno cántico dos anjos.

CAMILO CASTELO BRANCO

Vamos praticar esporte?

aqui estão algumas sugestões para suas horas de diversão



A nossa Seção de Caça, Pesca e Esporte, mantém variadissimo estoque. Venha vê-lo e examiná-lo sem compromisso.



CASSIO MUNIZ S. A.

Importação e Comércio
Praça da Republica, 309 - São Paulo
no Rio - Sen. Dantas esq. Evaristo da Veiga



No Estádio Nacional de Santiago do Chile, após haver honrado as tradições desportivas da Pátria, o sargento Laudionor Rodrigues é vivamente aplaudido.

Engalanado o esporte na Fôrça Pública

Mais uma grande vitória para as cores nacionais colheu o nosso sargento Laudionor Rodrigues da Silva, no Sul Americano Extra de Atletismo, disputado no Chile, em abril último.

Foi ele um dos artífices da vitória da delegação brasileira, quan-

do, enfrentando bem de perto argentinos e chilenos, necessitávamos de alguns pontos importantíssimos para a consolidação da conquista definitiva do referido campeonato. Laudionor Rodrigues competiu com grandes nomes sul-americanos, todos adversários de respeito. O seu 3.º lugar

BRINS, GABARDINES E CRETONES FINOS
MARCA "LINHOL"

FIAÇÃO E TECELAGEM SANT'ANA S/A.

Fábrica:
Rua 1.º de Janeiro, 2
Vila Mariana

SÃO PAULO

Escritório:
Rua Sen. Paulo Egidio, 34-8.º
Fone: 33-5034

com o índice de 4',03" foi bom e evidencia a forma atual do nosso grande meio-fundista.

Fora das nossas fronteiras, mas vendo tremular o nosso pavilhão, seu coração tornou-se maior ainda, na ânsia de poder bem representá-lo.

Laudionor Rodrigues é um dedicado desportista, não esquece do seu preparo, é metódico e se atira à luta com muito amor. Vencedor ou vencido, o seu maior interesse é competir. No Estádio Nacional de Santiago do Chile, havia uma bandeira da Pátria e um soldado do Brasil pugnava por ela.

Parabens ao Laudionor Rodrigues e que o seu exemplo sirva de estímulo para os que se iniciam nessa difícil modalidade.

Classificação geral da prova

1.º lugar - Guilherme Solá - Chile - 3'58"6/10; 2.º lugar - Juan Miranda - Argentina - 4'00"4/10; 3.º lugar - Laudionor Rodrigues da Silva - BRASIL - 4'03"; 4.º lugar - Ricardo Vidal - Chile 4'03"8/10; 5.º lugar - Joaquim Roque - Brasil - 4'05"5/10 e 6.º lugar - Orlando Arevalo - Uruguai.

BISCOITOS RAUCCI LTDA.

RUA SIQUEIRA BUENO, 1128-1134
TELEFONE, 9-2319

SÃO PAULO

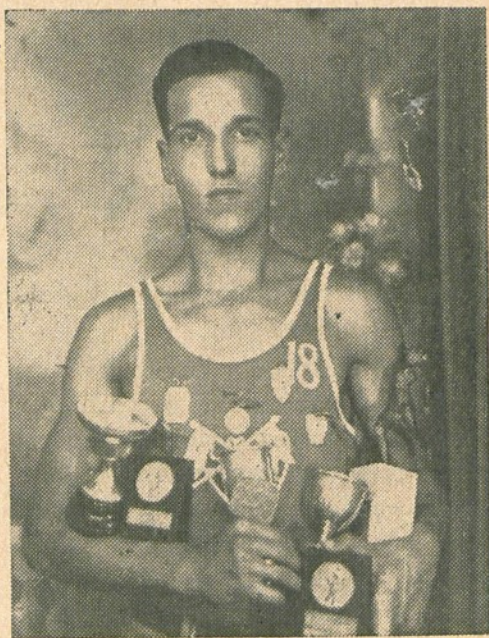
UM ESTREANTE

Cap. Plínio D. Monteiro

Este artigo poderia se chamar "Honra ao Mérito". Mas seria plagiar um conhecidíssimo programa radiofônico, apesar de não ser outro o alvo desta página despretenciosa. Aquêlé salienta passagens brilhantes da vida de elementos que afloram na sociedade, por atos meritórios praticados nas mais variadas circunstâncias; êste trabalho, um individuo que brilha na Fôrça Pública e deve, por conseguinte, ser mais conhecido dentro dela; por isso, apontamos, com justiça, alguém que procura conquistar seu "lugar ao sol" — José Edésio de Araujo.

Quem é José Edésio de Araujo? E' um modesto cabo enfermeiro, que serve no Regimento de Cavalaria da Fôrça Pública de São Paulo e desempenha normalmente suas funções, a contento dos seus superiores, dos seus camaradas e das imposições disciplinares. Não seria êste um motivo forte para destacarmos o cabo Edésio dentre os seus pares, pois, muitos outros servem, ou serviram, da mesma forma, a esta centenária Corporação, no cumprimento normal de seus deveres profissionais. As qualidades, porém, que extraordinariamente evidenciam o Edésio, são as suas aptidões para o esporte, seu fervor e dedicação ao pedestrianismo.

Muito jovem ainda, com vinte anos de idade, e por isso mesmo com um vasto futuro esportivo em sua frente, o nosso cabo poderá se tornar um dos maiores corredores de fundo de sua ge-



ração, porque para tanto tem qualidades físicas e fibra moral suficientes. Está apenas estreando (falta portanto da experiência dos veteranos, mas não carecendo de energias, disposição e arrojô), e já, como vemos no clichê, quase não pode sobraçar os troféus conquistados.

Esses galardões lhe conferiram o título de "Melhor Fundista Estreante de 1952". As competições de que êle participou no ano findo, sem nenhum prejuizo de suas funções de enfermeiro, foram tôdas renhidas disputas, com elevado número de bons concor-

rentes, e lhe grangearam as honrosas classificações abaixo:—

*Campeonato de Pedestrianismo da
Fôrça Pública*

Prova "Intercâmbio Atlético" — 25-8-52 — (E.E.F.) - 1.o lugar; prova "General Salgado" — (B.G.) 4.o lugar; prova "Sübtên. Ricárdo" — 20-9-52 (S.T.M.) 1.o lugar; prova "Ten. Bernadelli" — 11-10-52 (R.C.) - 2.o

lugar; prova "Cmt. Lameirão" — 30-10-52 - (8.o B.C.) - 1.o lugar; prova "Btl. Tobias de Aguiar" — 1-12-52 - 2.o lugar; prova "Cmt. Cianciulli" — (C.B.) - 3.o lugar; Campeonato geral de Atletismo e Lutas da F.P. - 3.o lugar.

Estes resultados nos aliviam de quaisquer outros justos comentários acêrca das atividades esportivas do cabo Edésio.

Consumir

E' um dever da patriotismo.

Produtos

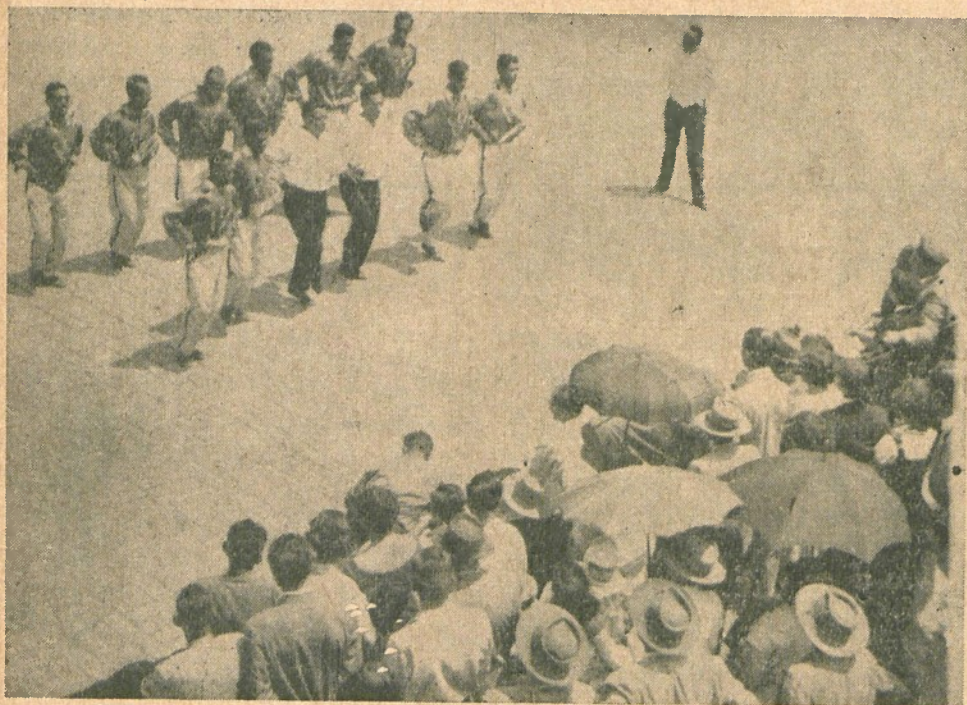
E' contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção.

Nacionais

E' ajudar a libertação
econômica do Brasil.

A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA

I FESTA DA MAÇÃ



Sob a direção do cap. Bianco, o bailado ginástico de "Joinville Le Pont"

PROSSEGUINDO nas suas representações e pugnando pelas tradições que vem mantendo, a Escola de Educação Física, a convite da Comissão organizadora da I Festa da Maçã, transportou-se para Campos do Jordão, no dia 7 de março último. Constavam das comemorações, números variados de música, bailado, provas desportivas e demonstrações de educação física. Cabe à nossa Escola esta última parte, incluindo no seu programa o seguinte:

- 1) — Apresentação
- 2) — Fôrça conjugada - Trio

- 3) — Esgrima ornamental
- 4) — Assaltos-demonstração de florete, espada e sabre
- 5) — Duelo real a sabre
- 6) — Fôrça conjugada - Dupla
- 7) — Bailado ginástico de "Joinville Le Pont"
- 8) — Apoteóse.

Recebidos pelo dr. Fausto Camargo, membro da Comissão de festejos, tomamos contacto com as autoridades locais, a fim de se ultimarem os preparativos do nosso trabalho. Hospedados conjuntamente com a banda de música do



A delegação da Escola na "Fonte do Encantamento" (Colônia de Férias do Clube Militar em Campos do Jordão).

5.º B.C., que brilhantemente auxiliou nosso programa, na Colônia de Férias, gentilmente oferecida pelo Clube Militar, de lá partimos na manhã de domingo, dia 8, para o ginásio estadual jordanense, local da representação. Nossa equipe constituiu-se dos seguintes elementos:

Cap. Francisco A. Bianco Júnior, chefe; subtens. Air Gomes e Ildefonso Medeiros; 1.ºs spts. Carlos Santini, José de Siqueira Freire, Hercílio F. de Matos, José A. Vieira Sobrinho, Diomedes Mendes Ferreira, Vasco Fernandes dos Santos e Antônio de Albuquerque; 2.ºs spts. João Pedro de Oliveira, Antônio Cordeiro, Francisco F. C. Mathias, Jorge de Melo Furlaneto e Plínio Rosa; cabos Nicomedes de Souza e José Firmino dos Santos; sds. Daniel Alcântara Lima e Miguel Arcanjo de Oliveira.

O cap. Adauto Fernandes de Andrada representou o exmo. sr. vice-governador do Estado e, com bastante entusias-

mo, cooperou conosco, tomando parte no já célebre "duelo ornamental de sabre".

Estiveram presentes, além do cel. Odilon Aquino de Oliveira, o dr. Paulo Cury, prefeito da estância, outras autoridades civis e eclesiásticas, agrônomos, agricultores, expositores e turistas.

Após o término de nossos trabalhos fizemos a apresentação final da equipe e, sob calorosa salva de palmas, retiramo-nos ao compasso de vibrante marcha militar.

A carinhosa acolhida do povo local e os elogios inúmeros recebidos de autoridades e elementos de destaque da sociedade jordanense, testemunharam o entusiasmo com que se atiraram à tarefa os componentes de nossa representação.

Cada qual tudo fez para bem representar nossa Milícia, cõscio das responsabilidades, dando o melhor de suas forças para o mais completo êxito da nossa delegação.

— Prova Fuzil de Guerra —

(Qualquer classe)

Em cumprimento ao seu calendário dêste ano, a Federação Paulista de Tiro ao Alvo fêz realizar, no estande do Barro Branco, domingo, dia 12 de abril último, uma prova de fuzil de guerra, qualquer classe, em três posições, 60 tiros, a 300 metros.

Apesar de não competirem os melhores atiradores civís dessa especialidade, por se encontrarem na Capital Federal, integrando a equipe paulista para a "Taça Rotary Internacional", outros, não menos capazes, representaram seus clubes e, considerando-se praticamente em início o ano das atividades de tiro, se não foram ótimos os resultados individuais, são aceitáveis, levando-se em conta a variação de luz e o vento, que prejudicaram sensivelmente a atuação dos atiradores.

O prognóstico, grandemente favorável a nosso atirador e, sem dúvida, nosso melhor representante, ten. Sadoc, foi confirmado, embora o resultado seja muito inferior aos seus índices anteriores. Sagrou-se vencedor com 392 pontos, secundado brilhantemente pelo veterano Antônio Guzman, ótimo representante do Clube de Regatas Tietê, com 379 pontos. A ausência da equipe do Exército diminuiu a intensidade da disputa, que poderia ter apresentado índices mais altos.

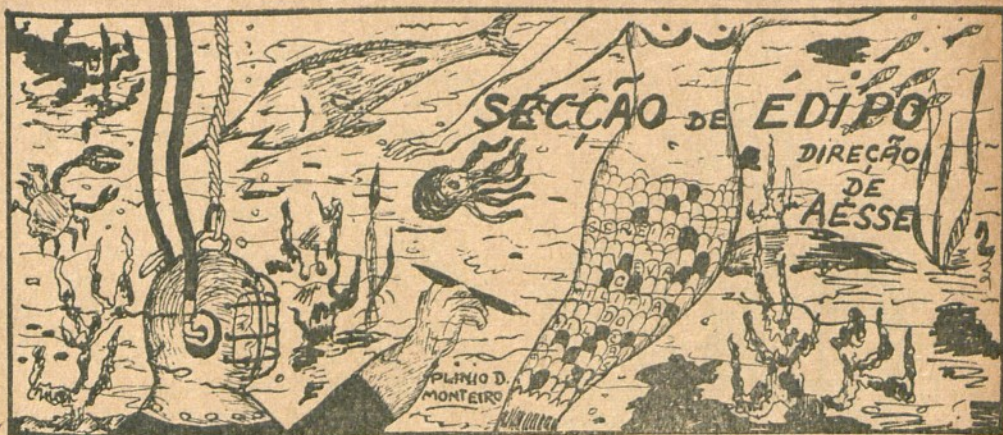


O vencedor da prova, ten. Sadoc Chaves Simas, da Força Pública

A classificação geral foi a seguinte: 1.o - ten. Sadoc Chaves - 392 pontos; 2.o - Antônio Guzman - 379; 3.o - cap. Hélio Cunha (F.P.) - 361; ten. Altman (F.P.) - 349; 5.o - Sérgio Linn - (A.D.F.) - 347; 6.o - Olavo Bruhns - (C.R.T.) - 346; 7.o - major D'Avila - (C.R.T.) - 341; 8.o - Moreira - (C.R.T.) - 336; 9.o - major Autilio Gomes - (F.P.) - 326; 10.o - Décio Dias - (A.D.F.) - 278; 11.o - Spartaco Luchesi - (A.D.F.) - 276; 12.o - Hans Goldsmith - (A.D.F.) - 262; 13.o - Fares George - (A.D.F.) - 229; e 14.o - Balbino Grise - (A.D.F.) - 213 pontos.

— Cada qual tem realmente a idade do seu coração, da sua experiência, da sua fé.

GEORGES SAND



2.º TORNEIO DE 1953

Abril — Maio - Junho

LOGOGRIFO

- 16 — Não aceito repreensão. - 5-4-9-10.
 Sou amigo da razão. - 1-2-3-10.
 Do direito, da verdade. - 6-7-9-10.
 Tenho muita autoridade - 5-7-8-10.
 Na sessão de catimbau. - 1-7-8-2.
 Se tenho na mão um pau
 Confesso, não sou canhestro,
 Ao contrário, muito destro.

Paulista Velho

CHARADAS AUXILIARES

- 17 — + BA = Aldeia de índios
 + TA = Habitação
 + TA = Pesquisa
 + DA = Data

Conceito — Bofetada

C. Bento

CHARADA ANTIGA

- 18 — Vejam só: um algarismo - 2
 Isto com tristeza é dito - 1
 Fez botar um sinapismo
 Na cabeça do erudito.

P. Q. Nino

CHARADAS NOVÍSSIMAS

- 19 — A importância do enredo do filme
 não interessa ao homem rude - 2-1

K.D.T.

- 20 — Um macaco de juízo não toma so-
 porífero - 2-2.

Cel. S. O. Silva

- 21 — O ambiente aí é prejudicial ao ho-
 mem puro - 1-3.

C. Bento

- 22 — Simples, muito simples, a unidade -
 1-2.

P.Q.Nino

- 23 — Basta! minha casa ninguém poderá
 destruir - 1-1.

Plínio D. Monteiro

CHARADAS SINCOPADAS

- 24 — Aquê que falta à fé jurada é um
 cão - 3-2.

X.P.T.O.

- 25 — Não seja bobo! cachorro rabicó
 não tem bico - 3-2.

Cel. S.O. Silva

- 26 — O cabo da rede do chareu foi encon-
 trado na selva - 3-2.

Plínio D. Monteiro

- 27 — Clínico atrevido - 3-2.

K.D.T.

CHARADAS CASAIS

- 28 — O animal tem na extremidade da
 cauda uma pequena mancha arre-
 dondada - 2.

C. Bento

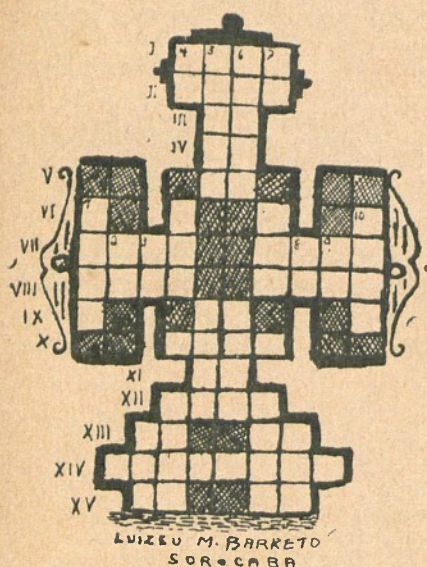
- 29 — O uniforme do soldado é carga da
 Companhia - 2.

K.D.T.

- 30 — O pateta não tem destreza - 2.

P.Q.Nino

N.º 1



HORIZONTAIS

I - Estado do Brasil; II - enraivecer; III - interjeição exprime dor; IV - Símbolo químico do carbono; V - Nota musical (invert.); VII - Mala antiga muito grande — Tecido fino; VIII - Nome de mulher — Mãe d'água (invert.); IX - Nota musical; X - Padre de aldeia; XI - Aqui; XII - Solutio hipertônico ou isotônico; XIII - Nota musical. — Nota musical; XIV - Leis já assinadas pelo governo; XV - Gargalha. — Artigo masculino plural.

VERTICAIS

1 - Peça de telha; 2 - Nota musical; 3 - Centímetro cúbico — Correr os olhos; 4 - Letra grega. — Do verbo cair. — Duende imaginário; 5 - Nome de mulher — Extrato; 6 - Relâmpago. — Fular; 7 - Atmosfera — Pedra em tupyguarany — nascimento de um astro; 8 - Pátria de Abraão — Planeta n.º 221; 9 - Nota musical; 10 - Trama.

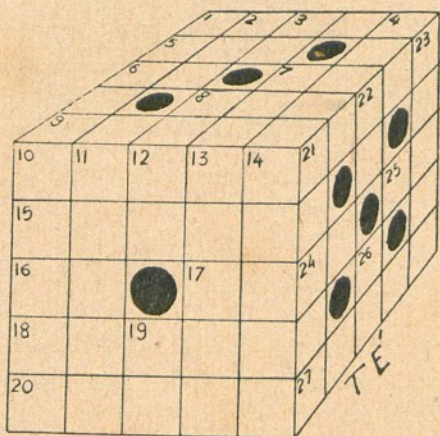
N.º 2

PROBLEMA DE T.E.

Horizontais: — 1 - Espécie de olmeiro; 5 - Majestade; 6 - Atmosfera; 7 - Personalidade; 8 - Existir; 9 - Abertura

por onde os mastros dos navios vão assentar na carlinga; 10 - Fosso; 15 - Fio de metal flexível; 16 - Nota musical; 17 - Símbolo da prata; 18 - Sêca; 20 - Marca; 21 - Objeto chato e circular; 24 - Nota musical; 25 - Prefixo que indica duplicação; 27 - Enterra em atoleiro.

Verticais: — 1 - Liga de cobre ou de outros metais; 2 - Estudar; 3 - Grito de dor; 4 - Pessoa que não larga a outra; 7 - Majestade (inv.); 8 - Único; 10 - Colchões; 11 - Aricuri; 12 - Contração da preposição com o artigo; 13 - Querida; 19 - Prefixo que indica privação; 21 - Quarta letra do alfabeto grego; 22 - Desacompanhado; 23 - Obstroi; 26 - Pedra de moinho.



Problema TE' do n.º 34

O ponto correspondente ao problema de charadas cruzadas de TE', publicado no n.º 34, foi contado para todos os concorrentes, por ter saído com incorreções o conceito do n.º 1 vertical que deveria ser lagarta (larva) e não lavoura (lavra). Aos nossos leitores apresentamos escusas por êsse cochilo.

Solução do n.º 32 — Janeiro de 53

1 - Pela; 2 - Malsão; 3 - Pospasto; 4 - Cristão; 5 - Espadachim; 6 - Logogrifo; 7 - Felá; 8 - Localista; 9 - Maloca; 10 - Corisco - coco; 11 - Cavaco - caco; 12 - Máquina — mana; 13 - Casa — o; 14 - Toco — a; 15 - Socó — a.

Palavras Cruzadas — Problema B.P.

Horizontais: — apitos - el - berilo - mi - abalar - só - ao - A.C. - ri - lo - ar - danado - ABC - otelos - mal - mimosa - ara.

Verticais: — abas - pebol - ira - til - cla - sor - em - li - ar - oi - al - co - dados - dom - ita - nem - alô - ama - bar - clã.

Solução do n.º 33 — Fevereiro de 1953

16 - Ivo. 17 - Pereba. 18 - Anchieta. 19 - Revelar. 20 - Dolente. 21 - Cala. 22 - Caracará. 23 - Cabra-sarado. 24 - Mira-ólho. 25 - Conforto-conto. 26 - Madrinhamanha. 27 - Batata-bata. 28 - Conju-ro-a. 29 - Falta-o. 30 - Lavo-a.

PROBLEMA DADO

Horizontais: — cafuno - lunar - silvo - calar - ureia - ba - ni - arida - saras - ovalo - dar rui-ra - ema - saies.

Verticais: — colas - funil - arão - cubas - arara - le - ainda - raias - ir - odres - adiai - lar - orais - uma.

Problema MOINHO

Horizontais: — Crus - Raro - Emir - Cala - Doso - Arar - Item - Determinantes - Orna - Meti - Abad - Emes - Lata - Adab - Sare.

Verticais: — Credibilidade - Ramo - Uris - Soro - Caid - Arte - Laet - Arme - Nome - Trem - Entre - Sais - Alas - Bada - Atar.

Solução do n.º 34 — Março de 1953

31 - Lesco-lesco. 32 - Simulado. 33 - Paisano. 34 - Paladino. 35 - Tacanho. 36 - Capeta. 37 - Abalado. 38 - Carapela. 39 - Miliciano. 40 - Escrito-a. 41 - Fêmea-o. 42 - Beguina-o. 43 - Maléolo - Malo. 44 - Paulista-pauta. 45 - Granito-Grato.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1 de Tank

Horizontais: — Cara - Atas - Topa - Alar - Reza - Acará - Cama - Agia - Oito - armar - Ira - Arara.

Verticais: — Catar - Atole - Rapaz - Azaro - Alga - Acama - Ra - Amora - Ai - Ir - Tia - Or - Ar - Au.

Problema de TE n.º 2

Horizontais: — Lápis - Apo - Rodar - Ami - Aureo - Damas - Irado - Ai - Ir - Bardo - Oscos - Ferro - Aia - La - Os - Ita - Raras.

Verticais: — Larva - Apo - Podar - Sério - Ame - Diabo - Arias - Ma - Adido - Soros - R.C. - Falir - Ra - Rio - Oasis - Ata - Ar.

Problema n.º 3 de Plínio D. Monteiro

Horizontais e Verticais: — Asaro - sinal - Anosa - Rasai - Olaia.

DECIFRADORES E PONTOS OBTIDOS

N.º 32 - Janeiro de 53

Alfeu, 16 - K.D.T., 15 - C. Bento, 13 - P.Q.Nino, 11 - José Rodrigues, 11 - Z.B.D.U., 11 - Lino, 8.

N.º 33 — Fevereiro de 53

Alfeu, 17 - K.D.T., 17 - P.Q.Nino, 16 - Z.B.D.U., 16 - José Rodrigues, 15 - C. Bento, 13 - Lino, 10.

N.º 34 — Março de 53

K.D.T., 18 - Alfeu, 16 - Z.B.D.U, 16 - C. Bento, 14 - P.Q.Nino, 14 - José Rodrigues, 14 - Lino, 13.

Resultado do 1.º Torneio de 1953

K.D.T., 50 - Alfeu, 49 - Z.B.D.U., 43 - P.Q.Nino, 41 - C. Bento, 40 - José Rodrigues, 40 - Lino, 31.

Venceu o 1.º Torneio de 1953 o pre-zado colega K.D.T.

O prêmio a quem decifrasse mais de metade dos problemas, coube, por sorteio, ao colega José Rodrigues.

Aos vencedores, nossas felicitações.

LOGOGRIFO

Um "leitor assíduo" consulta-nos como se decifra um logogrifo.

Vamos responder objetivamente, tomando, como exemplo, o seguinte logogrifo em prosa:

É comum 5 - 6 - 2 - 1 - 7 ou vir-se dizer: Só um traste sem valor, 8 - 4 - 8 - 7 vulgar, 5 - 6 - 9 - 3 - 7 - ou inexperiente, 1 - 9 - 5 - 2 alistava-se como soldado da antiga Guarda Nacioanl.

Vemos que, no fim de cada palavra grifada há uma série de algarismos. Cada um desses algarismos corresponde a uma letra de um sinonimo da palavra assinalada.

Como o de maior valor é o nove, ficamos sabendo, desde logo, que a palavra correspondente à solução desejada, deve ter nove letras.

Vamos então escrever uma série de algarismos de um a nove, assim:

1-2-3-4-5-6-7-8-9-

Feito isso procuremos um sinônimo de comum de cinco letras, que tantos são os algarismos que o seguem. No caso é chapo. Notaremos, assim, que o cinco corresponde ao "c"; o seis ao "h"; o dois

ao "a"; o um ao "p" e o sete ao "o". Coloquemos, então cada uma das letras acima ou abaixo do algarismo a êle correspondente, na série a que nos referimos anteriormente.

Procederemos igualmente com os sinônimos de traste sem valor (caco), vulgar (chato) e inexperiente (paca) e verificaremos o seguinte resultado.

1-2-3-4-5-6-7-8-9-

P a t a c h o c a

Pata - choca, portanto, é a solução do logogrifo apresentado, e que quer dizer soldado da antiga Guarda Nacional, verificável, assim como as parciais, no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 9.a edição.

Como regra, os logogrifos, que podem ser em prosa ou verso — êstes mais valiosos — não devem ter mais de quinze letras, nem menos de quatro conceitos parciais. Mais de metade das letras devem ser repetidas.

O logogrifo em verso, como assinalámos acima, é mais valioso.

Em versos originais do autor, é claro.

Há logogrifistas que timbram em organizar seus trabalhos empregando o mesmo número de letras nos conceitos parciais. Isso valoriza o trabalho.

AESSE



NOSSA CAPA

Monumento a JOÃO RAMALHO, em Santo André, inaugurado quando das comemorações do IV Centenário daquela histórica cidade.



militia

Revista de assuntos técnicos, policiais,
militares e culturais em geral.

ÓRGÃO DO CLUBE MILITAR DA FORÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106
Fones { externo 34-6488
 { interno 142
SAO PAULO, S. P. _____ Brasil

A N O VI — Maio de 1953 — N.º 36

DIRETOR GERAL cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESP. E GERENTE :— cap. Francisco Vieira Fonseca
REDATOR-CHEFE: — maj. Bento Barros Ferraz
SECRETARIO · — 1.º ten. Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
TESOUREIRO : — major Manoel Pereira da Silva

REDADORES :

- ten. cel. mons. Paulo A. Cavalheiro Freire
- maj. Milton Marques de Oliveira
- cap. Felix de Barros Morgado
- cap. Paulo Monte Serrat F.º
- cap. Ari José Mercadante
- cap. Francisco Antônio Bianco Jr.
- 1.º ten. Miguel M. Sendin
- 1.º ten. Antônio Silva

ILUSTRAÇÃO :

- cap. Félix Barros Morgado
- 2.º ten. Olavo Soares
- Aspirante Iraf Vieira Catalano

FOTOGRAFIA :

- Ludovico Paraschin

ASSINATURAS .

Por 12 números Cr\$ 50,00
Número avulso Cr\$ 5,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos politico-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

* Desejamos estabelecer permuta

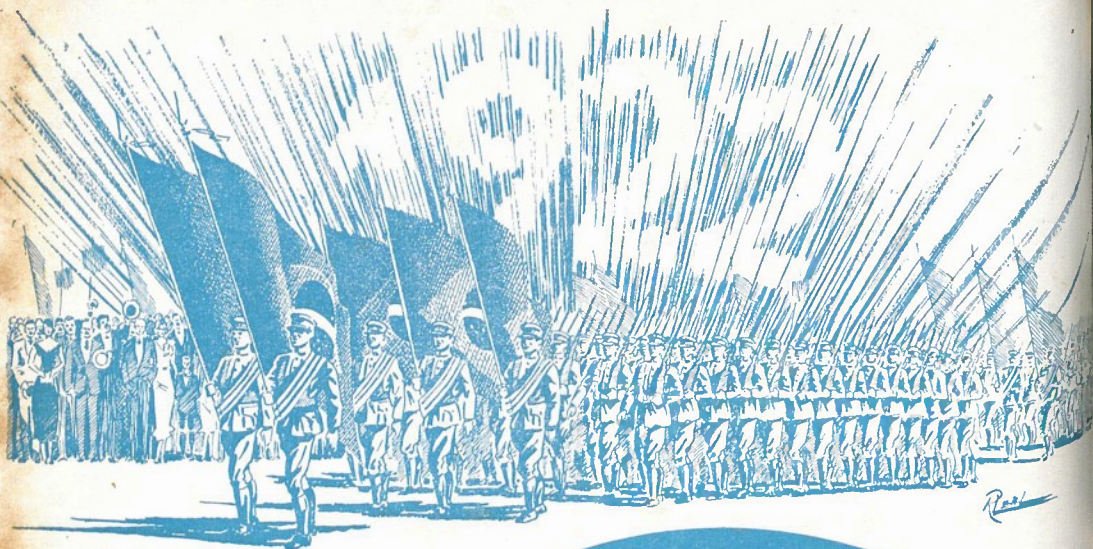
* Deseamos establecer el cambio

* Desideriamo stabilire cambio

* On désire établir échange

* We wish to establish exchange

* Austausch erwünscht



O REFRIGERANTE
TRADICIONAL

SODA Simonada ESPECIAL

Nas grandiosas festividades da comemoração do centenário da independência do Brasil, já era o refrigerante mais consumido e...

...hoje, como naquele longinquo tempo, o inconfundível **REFRIGERANTE TRADICIONAL** continua a ser o preferido por todos.

UM PRODUTO **ANTARCTICA**

